

**UNIJUÍ – UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO SUL**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

MARISTELA MARIA DE MORAES

**LITERATURA E ESPAÇO: O IMAGINÁRIO EM O CORTIÇO E VIDAS
SECAS**

Ijuí (RS),
2012

MARISTELA MARIA DE MORAES

**LITERATURA E ESPAÇO: O IMAGINÁRIO EM O CORTIÇO E VIDAS
SECAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação nas Ciências – Mestrado, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação nas Ciências.

Orientador: Doutora Helena Copetti Callai

Ijuí (RS), Março de 2012

Catálogo na Publicação

M8271 Moraes, Maristela Maria de.
Literatura e espaço: O imaginário em O cortiço e Vidas secas. – Ijuí,
2012.
101 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Regional do Noroeste do
Estado do Rio Grande do Sul (Campus Ijuí e Santa Rosa). Educação nas
Ciências.

“Orientadora: Helena Copetti Callai”.

1. Literatura brasileira. 2. Imaginário. 3. Geografia. 4. Espaço. 5.
Ensino. I. Callai, Helena Copetti. II. Título. III. Título: O imaginário em
O cortiço e Vidas secas.

CDU : 869.0(81):91
869.0(81)-995

JeanTeodomiro dos Santos
CRB10 / 1809

A comissão abaixo assinada aprova a presente dissertação:

**LITERATURA E ESPAÇO: O IMAGINÁRIO EM O CORTIÇO E VIDAS
SECAS**

elaborada pela mestranda

MARISTELA MARIA DE MORAES

como requisito parcial para obtenção do grau de
MESTRE EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

COMISSÃO EXAMINADORA

Doutora Helena Copetti Callai - UNIJUÍ (Orientadora)

Doutora Anna Rosa Santiago - UNIJUÍ

Doutora Simone Vione Schwengber - UNIJUÍ

Doutor Marcelo Garrido Perreira
Universidad Academia de Humanismo Cristiano, Chile

“Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.” (RAMOS, 2010).

AGRADECIMENTOS

Encontro-me em momento de lembranças e agradecimentos. Trago, pois, aqueles que contribuíram nesta caminhada tão especial de minha vida, e aos quais tenho muitas razões para agradecer.

Agradeço a **Deus** por ter me dado a força necessária nessa caminhada.

A minha **família**, meu pai **João**, minha mãe **Dalti** e meu Irmão **Marcelo** por acreditarem em mim, me apoiarem e entenderem as minhas escolhas e minhas ausências. A vocês, meus queridos, meu eterno obrigado.

A professora **Helena**, minha orientadora, a quem defino como exemplo de mestre, pela excelente orientação, pelas leituras, apoio e esclarecimentos, que com sensibilidade e competência soube conduzir este trabalho. Agradeço ainda, pela oportunidade de ser pesquisadora.

A **Marguit**, minha amiga irmã, pelas conversas, desabafos e confidências. Obrigada pela amizade, e por me lembrar que a vida não é só seriedade. A minha amiga **Marcia** que semeou em mim o desejo pelo mestrado quando nas nossas conversas me relatava sua então experiência de mestranda. Obrigada, pois a semente germinou.

Aos professores **Simone, Ana, Marcelo e Adriana** pela leitura e contribuições que enriqueceram meu trabalho na banca de qualificação e final.

Ao **Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí**, pela acolhida, e pelo apoio institucional. Agradeço também a todos os professores do curso pelos momentos de aprendizagem.

Aos colegas **do curso** pelos momentos de convivência e de estudos. Em especial a **Simone, Paulina, Patrícia, Roberto, Denise e Alexandra** pelo carinho e amizade durante este tempo de convívio.

A **FAPERGS**, pelo auxílio financeiro que possibilitou a pesquisa.

RESUMO

Este texto dissertativo trata do imaginário e do espaço na obra “*O Cortiço*” de Aluísio Azevedo e “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos. Para isso, abordo questões referentes à Literatura e a Geografia, uma vez que acredito ser imprescindível para a pesquisa entender o imaginário. Como também o que é Literatura, como vem sendo trabalhada em sala de aula, e qual sua importância para o ensino, e ainda levantar algumas categorias geográficas que considero relevantes na significação do texto literário, e que são usadas como categorias de análise. A pesquisa se apóia na metodologia qualitativa, tendo em vista que esta tem entre os seus objetivos principais levar em consideração a interpretação, o que vai ao encontro deste trabalho. Sendo assim, além da pesquisa teórica que foi construída a partir do diálogo com os autores de referência, também se fez uso das obras literárias, já referidas. Os resultados permitem inferir que a Literatura é uma aliada do ensino no que diz respeito ao desenvolvimento do pensamento crítico do aluno sobre o mundo, além de ser interdisciplinar. A Geografia mostra-se parceira da Literatura, tendo em vista que as obras estão repletas de paisagens, espaços e lugares que, aliados ao imaginário, dão significado à narrativa. E, portanto, devem ser levados em consideração pela Literatura, como também pela Geografia que pode fazer uso do texto literário nos seus estudos. O que permite defender a possibilidade de um trabalho interdisciplinar entre a Literatura e a Geografia.

Palavras-chave: Literatura. Imaginário. Geografia. Espaço. Ensino.

ABSTRACT

This dissertation text refers to the imaginary and the space in the work "*The Tenement*" of Aluisio Azevedo and "*Barren Lives*" of Graciliano Ramos. To do this, I discuss issues of literature and geography, since I believe it is essential to understand the imaginary to the development of research. As well as what is literature, as has been worked in the classroom, and what is its importance for teaching, and still raise a few geographical categories that I consider relevant to the signification of the literary text, and which will be used as analytical categories. The research relies on qualitative methodology, given that it has among its main objectives to take into account the interpretation, which comes to qualify this work. Thus, besides the theoretical research that has been built from the dialogue with the authors of reference is also made use of literary works, already mentioned. The results allow us to infer that the literature is an ally of education with regard to the development of critical thinking of student about the world, besides being interdisciplinary. The geography showed to be a partner of Literature, considering that the works are full of landscapes, spaces and places which, combined with the imaginary, complete the narrative sense. Therefore, they should be considered by the literature, but also by geography that can make use of literary texts in their studies. This allows us to defend the possibility of interdisciplinary work between literature and geography.

Key words: Literature. Imaginary. Geography. Space. Teach.

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1 – Cortiço na Rua Visconde do Rio Branco, Rio de Janeiro, 1906..... 67
- Imagem 2 – Seca do nordeste, 1950. Água fortes/papel. Ademir Martins 71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O IMAGINÁRIO	18
1.1 O texto literário	22
1.2 A função social e educativa da Literatura	32
2 ESPAÇO, TEMPO E LUGAR	39
2.1 Os conceitos de Espaço e Tempo.....	39
2.2 Paisagem.....	40
2.3 Rural e Urbano.....	42
2.4 O espaço como instrumento na formação	47
2.5 O lugar.....	50
2.6 A Geografia Humanista: como considerar a Geografia atualmente	54
3 A LITERATURA E A GEOGRAFIA EM UM TRABALHO INTERDISCIPLINAR 59	
3.1 O que é a interdisciplinaridade entre a Literatura e a Geografia	59
3.2 As obras (<i>O Cortiço</i> e <i>Vidas Secas</i>)	64
3.2.1 Sinopse - <i>O Cortiço</i> (Aluísio Azevedo)	64
3.2.2 Sinopse - <i>Vidas Secas</i> (Graciliano Ramos)	68
3.3 Fragmentos das obras.....	71
3.3.1 Recortes - <i>O Cortiço</i>	71
3.3.2 Recortes - <i>Vidas Secas</i>	82
3.4 Aproximações e/ou distanciamentos nas obras.....	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	98

INTRODUÇÃO

Escrever é um processo complexo. Exige tempo, determinação, paixão e, sobretudo, coragem. Coragem para iniciar esta árdua tarefa. Contudo, não há pesquisa sem escrita. Em sua obra, *Escrever é Preciso*, Marques (2006) se refere ao ato de escrever como sendo uma tarefa difícil, porém necessária e importante. A escrita, para o autor, é o princípio da pesquisa tanto no sentido de iniciá-la quanto no sentido de que é o escrever que a disciplina e a torna “fecunda”. Nesta viagem a curiosidade e a imaginação fazem parte da bagagem. Ambas dão o impulso e, portanto, podem ser consideradas como grande aliadas do escrevente, enquanto que as analogias e as metáforas são recursos que transformam a escrita. Pesquisar está associado com leituras, análises, e com os objetivos claros e bem definidos do que realmente se quer ou aonde se quer chegar, mesmo que durante o percurso a própria pesquisa nos faça mudar de rumo, enxergar outros horizontes, seguir por outros caminhos. “Pois é; escrever é isso aí: iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e osso, mas sempre ativamente presentes” (MARQUES, 2006, p. 15).

Assim, apoiada nas ideias de Marques sobre a pesquisa, é que dou início a minha doce/árdua tarefa de escrever. E começo por aquilo que me move e me impulsiona: a Literatura. É necessário dizer a que vim, embora tenha plena consciência de que a atividade científica não é simplesmente uma descoberta, algo a ser deduzido, e sim um caminho que somos levados a trilhar movidos por nossas inquietações. Ao escrever não só organizo o pensamento como também submeto a escrita a outros olhares. Está é a grandeza da pesquisa, que além de produzir conhecimento também possibilita ser revista, repensada, reescrita.

Há muito que acredito que os livros possuem uma riqueza da qual podemos desfrutar. A leitura, em especial o texto literário, me permitiu, desde muito cedo, um contato com um mundo que eu desconhecia. A princípio, pensava eu em se tratar de uma simples ilusão, que

me fazia sonhar e desejar muitas coisas ao mesmo tempo em que me modificava. Aos poucos fui percebendo que ler também me fazia pensar, me instigava e induzia-me a querer saber mais, e isso me levou a crer que a ficção é uma porta aberta para o conhecimento.

A Literatura tem feito parte de minha vida desde muito cedo. No Ensino Fundamental e Médio me detive em ler não somente os livros solicitados, mas em ir um pouco mais além. Na graduação, em virtude de muitas disciplinas serem voltadas para a literatura, foi possível uma leitura crítica de obras da Literatura brasileira, assim como também de algumas da Literatura portuguesa e africana. Movida pelo encanto da crítica literária pensava em futuramente, na pós-graduação, desenvolver um trabalho na confluência da Literatura. Assim, ingressa no curso de Pós-Graduação em Educação nas Ciências buscava um trabalho que significasse não só à produção intelectual, mas também a mim. Queria fazer algo que fosse além de mais uma dissertação, algo prazeroso e proveitoso. Para isso, me desafiava a compreender a Geografia, formação de minha orientadora, e fazer dela uma aliada da Literatura para a efetivação deste trabalho. Foi assim que surgiu o tema do meu projeto de pesquisa: O imaginário e o espaço na obra “*O Cortiço*” de Aluísio Azevedo e “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos. Porém, antes de escrever o roteiro de minha dissertação, me permito fazer uma breve introdução ressaltando a importância do Ensino da Literatura e as deficiências por ela enfrentadas na sala de aula. O que me leva a pensar em possibilidades para torná-la mais atraente.

A Literatura é uma das maneiras de ver o mundo e traz consigo a possibilidade de transformá-lo através da linguagem. Um mundo talvez muito mais real e coeso do que a própria realidade, pois permite olharmos o mundo de fora, livre da máscara social. O texto literário embora se diga ficção, é uma ferramenta que o autor usa para discutir questões sociais, porém sem perder o caráter estético. A Literatura através da habilidade de um bom escritor convida o leitor a refletir, questionar, e em muitas vezes assumir posições. Ressalto, porém, que esse entendimento sobre o texto literário e com qual concordo, não é unanimidade entre os autores, pois alguns defendem que a Literatura tem apenas a função de provocar prazer. Contudo, no que se refere ao ensino, ainda que a Literatura esteja no currículo escolar da educação básica a sua prática é deficiente. A arte que ensina, na maioria das vezes, não consegue atingir o aluno pela maneira que é apresentada gerando um desinteresse pela Literatura.

O Ensino de Literatura enfrenta sérios problemas na sua prática. Um deles se refere ao fato da Literatura, na escola, estar atrelada a língua portuguesa e em virtude disso os livros didáticos, que servem de guia para os professores, e para muito deles como “cartilha”, trazem

o texto literário com o objetivo da análise linguística deixando à Literatura uma enorme deficiência, visto que ao priorizar a língua os textos literários são usados com o objetivo de ensino desta ao invés de serem abordados a partir de sua literariedade. Sem contar outros problemas tais como a maneira que são trabalhadas as obras e a poesia, ou seja, não se busca a análise crítica, a intertextualidade e tampouco a contextualização tornando a Literatura chata e cansativa, o que demonstra a triste realidade da Literatura no ensino.

Considerando a importância da contextualização em sala de aula, bem como a sua forte referência nos documentos oficiais, penso ser importante conceituá-la. Para isso, baseio-me em Lopes (2002), uma estudiosa da química e que discute, também, sobre o tema. “O conceito de contextualização foi desenvolvido pelo MEC por apropriação de múltiplos discursos curriculares, nacionais e internacionais, oriundos de contextos acadêmicos, oficiais e das agências multilaterais” (LOPES, 2002, p. 389). Atualmente, a contextualização é uma temática que está presente em muitos estudos, principalmente após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNEM (BRASIL, 2000)¹ e das Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCNEM (BRASIL, 2006)². Esses documentos foram elaborados na perspectiva de um ensino voltado para a contextualização a qual é vista como eixo norteador das práticas escolares.

Partindo de princípios definidos na LDB, o Ministério da Educação, num trabalho conjunto com educadores de todo o País, chegou a um novo perfil para o currículo, apoiado em competências básicas para a inserção de nossos jovens na vida adulta. Tínhamos um ensino descontextualizado, compartimentalizado e baseado no acúmulo de informações. Ao contrário disso buscamos dar significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização; evitar a compartimentalização, mediante a interdisciplinaridade; incentivar o raciocínio e a capacidade de aprender (PCNEM, 2000, p. 4).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, a LDBEN, entre outras coisas, enfatiza a importância da contextualização quando se refere que o aluno, ao concluir o Ensino Médio, possa “ter aprimoramento como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, LDBEN, 1996, art. 35, p. 14)³. Deste modo, o aluno deve receber uma “educação tecnológica básica com a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes, além do processo histórico de transformação da sociedade e da cultura” (LDBEN, 1996, art. 36, p. 14).

¹ A partir daqui a citação (BRASIL, 2000) aparecerá como (PCNEM, 2000) e/ou PCNEM (2000).

² A partir daqui a citação (BRASIL, 2006) aparecerá como (OCNEM, 2006) e/ou OCNEM (2006).

³ A partir daqui a citação (BRASIL, 1996) aparecerá como (LDBEN, 1996) e/ou LDBEN (1996).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio de 2000, os PCNEM, em consonância com a LDBEN, apresentam como proposta de ensino, a contextualização em todas as disciplinas apontando para novas práticas pedagógicas que formam o aluno através da contextualização. Segundo Lopes (2002, p. 389),

As finalidades educacionais dos PCNEM visam especialmente formar para a inserção social no mundo produtivo globalizado [...], pois a vida assume uma dimensão especialmente produtiva do ponto de vista econômico, em detrimento de sua dimensão cultural mais ampla.

Embora os documentos oficiais (PCNEM, 2000; LDBEN, 1996) enfatizem a contextualização, o Ensino de Literatura ainda prioriza a abordagem histórica e as características de estilo de época, e deixa elementos importantes de lado como a intertextualidade e a leitura crítica. A fragmentação das obras e a descontextualização se afasta da realidade do aluno que não consegue estabelecer uma relação com o seu mundo, afastando-o cada vez mais da leitura o que dificulta sua aprendizagem.

Quanto aos clássicos⁴, que são obras consideradas tradicionais e importantes para a compreensão da Literatura de um país e, portanto, dignas de estudos, eles são trabalhados como se o aluno tivesse uma bagagem de leituras. Contudo, esta bagagem de que falo se adquire aos poucos e é de grande importância para a compreensão do aluno em obras consideradas mais complexas, isto é, que lhe exigem mais conhecimento de mundo para compreendê-las. Ler, para mim, é uma escalada em que cada degrau é atingido lentamente, assim, como é possível um aluno ler Machado de Assis se não consegue ler um simples texto de jornal? A leitura dos chamados “clássicos” deve ser feita quando a maturação do aluno for maior e seu senso crítico mais aguçado. Penso que é necessário contextualizar as obras, instigar a leitura, torná-la interessante, pois só assim a Literatura atingirá seu objetivo frente ao ensino que é o de desenvolver o senso crítico do aluno, ao mesmo tempo em que permite um maior entendimento de si próprio e de sua relação com o mundo. Todavia, para que isso aconteça, acredito que sejam necessárias ferramentas que auxiliem a Literatura a superar essa deficiência. Entres estas está à valorização da Literatura levando em conta a linguagem, a intertextualidade, a plurissignificação, o valor estético e o próprio valor social que ela representa. Assim, na tentativa de torná-la mais atrativa é possível pensar em uma perspectiva

⁴ Entendo que uma obra é denominada clássica quando é considerada exemplar, e é listada nos Cânones Ocidentais, assim como também quando é reconhecida através da opinião dos leitores. São obras que influenciaram e influenciam na cultura mundial ao longo do tempo.

interdisciplinar já que esta busca a integração e a interação entre disciplinas, com um fim único, o conhecimento.

É comum nos depararmos com queixas, tanto dos professores que alegam que os alunos não se interessam por Literatura, quanto dos que dizem não gostar do texto literário, além de achá-lo sem importância e cansativo. É possível perceber, através dessas queixas, que há um bloqueio entre os alunos e a Literatura, que não gostam do que lêem na escola. Pois, as leituras recomendadas não despertam seu interesse, e quando o fazem é por obrigação, o que resulta em uma perda muito grande na sua formação com uma deficiência nas suas escolhas posteriores.

Na opinião de Dantas (1982), um estudioso da Literatura, o texto literário deve ser trabalhado de forma mais livre possível, ou seja, ao invés de estudar a obra focalizando somente um elemento ou ainda porque esta é escrita por um determinado autor, deve-se estudá-la no conjunto: autor, período histórico, discussões abordadas, e ao fazer isso trazê-las para o contexto atual. Esse tipo de enfoque é uma das maneiras de tornar a Literatura atraente, e porque não dizer mais significativa.

Para análise não significam um roteiro, uma ordem (...) deve-se buscar uma análise mais globalizante possível: centrando-se na criatividade do processo, atentando-se a vários aspectos importantes de outras ciências e compreender a obra como um fenômeno histórico, portanto não se ignorando suas implicações com o contexto sociocultural. Do mesmo modo deve-se olhar a obra no conjunto de toda obra do autor focalizando em seu contexto literário (...) fugindo ao isolado (...) observando-se um conjunto cada vez maior: a época, outras épocas, o país, o continente, a própria literatura universal, etc. (DANTAS, 1982 p. 142).

A partir dessas dificuldades enfrentadas pelo Ensino de Literatura, entendo que seja necessário pensar maneiras para que o livro esteja sempre presente e que seja, pois, apreciado. Destaco também, a necessidade de questionar e refletir sobre os métodos no Ensino da Literatura, uma vez que é através da discussão, isto é, colocando as dificuldades em debate, que se torna possível repensar possibilidades de superar essa situação. Pois, esta é desfavorável tanto para o aluno, que não consegue gostar, e tampouco compreender o texto literário, tanto para o professor que se sente impotente diante das muitas dificuldades que enfrenta ao trabalhar com a Literatura.

Diante deste contexto, penso ser importante buscar o conhecimento em outras disciplinas entre estas a Geografia, que vem buscando em outras áreas um ponto de apoio para seu trabalho. Há mais possibilidades para ela do que explicar ou tentar explicar o mundo sozinho. Assim, como outras disciplinas, a Literatura tem sido procurada para juntas

desenvolver um trabalho em que a linguagem científica e artística sejam parceiras, e que resulte em ganhos para ambas as partes, assim como também, e principalmente para o aluno, sujeito no processo educativo. Desta forma a pergunta que guiará essa pesquisa será: A Literatura na escola pode ser considerada interdisciplinar? É possível estabelecer relações entre Literatura e Geografia? O espaço, lugar são categorias importantes na significação do texto e , portanto, dignas de relevância?

Instigada a discutir sobre a Literatura, sua importância e sua relação com o ensino, é que me proponho, ao mesmo tempo em que me desafio, a unir duas áreas do saber – Literatura e Geografia, com a ambição de construir um texto que discuta não só a importância da Literatura, mas de como a Geografia pode auxiliá-la e vice versa nesse grande desafio da educação que é o de construir conhecimentos. Ressalto, porém, que meu objetivo não é tornar a Literatura apenas pedagógica, deixando de lado o seu valor ficcional e estético e sim buscar o prazer, o lúdico aliado a um pensamento crítico. Para isso trabalho com duas obras da Literatura brasileira – “*O Cortiço*” de Aluísio Azevedo e “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos. Busco, através dessas duas grandes obras da Literatura brasileira, mostrar como nossos escritores através da linguagem literária não só promovem um prazeroso contato com uma narrativa que nos remete para o imaginário como também nos atinge com situações reais que o homem enfrenta, e que serve para refletirmos, assim como também nos posicionarmos. Com isso, não só adentramos na visão estética, inclusive, pela representação do espaço, como também pela visão crítica.

Contudo, não tenho a pretensão de trazer modelos ou ‘receitas’, e sim a partir das reflexões que faço com os autores pensar em algumas possibilidades que venham ao encontro do Ensino de Literatura, além de ressaltar sua importância, bem como a possibilidade interdisciplinar que ela permite. Este se constitui o objetivo principal da pesquisa seguindo-se a esse alguns objetivos específicos que orientam o estudo:

- ✓ Refletir sobre o imaginário, uma vez que ele é um elemento que faz parte do texto literário;
- ✓ Fazer um levantamento bibliográfico referentes à Literatura e ao ensino da mesma, ao mesmo tempo em que mostrar a importância da Literatura na formação do aluno;
- ✓ Abordar algumas categorias geográficas como: rural, urbano, paisagem, lugar e não-lugar, que possam contribuir na compreensão do texto literário;
- ✓ Discutir algumas questões referentes à interdisciplinaridade;

- ✓ Trazer as obras literárias em recortes, e analisá-las levando em consideração a minha interpretação, e as categorias geográficas selecionadas;

A metodologia usada neste processo investigativo se apóia em uma pesquisa bibliográfica de fundo qualitativo, tendo em vista que esta “busca a interpretação em lugar da mensuração, a descoberta em lugar da constatação, e assume que fatos e valores estão intimamente relacionados, tornando-se inaceitável uma postura neutra do pesquisador” (GATTI; ANDRÉ, 2010, p. 30). Ressalto, que quando trato das obras literárias, além de fazer uso de alguns aportes teóricos, também me permito a interpretar as obras em estudo de acordo com meu posicionamento, e a partir de minhas leituras interpretativas. O que justifica a escolha pela metodologia qualitativa. Desta forma, esta investigação se propõe primeiramente a tecer um diálogo com os autores a respeito das abordagens pretendidas. Em seguida, volta-se para as obras focando a interpretação, e relacionando-as com as categorias geográficas escolhidas. Gostaria de esclarecer que a interpretação foi feita a partir da possibilidade subjetiva que o texto literário permite, como também através das categorias geográficas escolhidas que me permitiram levar em consideração alguns aspectos ao invés de outros. Saliento, porém, que este texto possui um caminho a ser trilhado, o qual já mencionei, e que conduzirá o trabalho. No entanto, mostra-se pertinente esclarecer como ele está organizado, e em que autores me apoiei para fazer as discussões propostas.

É com base nesses pressupostos que se configura a nova abordagem de pesquisa, chamada de qualitativa porque se contrapõe ao esquema quantitativista de ciência, que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente. A abordagem qualitativa defende uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas (GATTI; ANDRÉ, 2010, p. 30).

Sendo assim, o texto da dissertação está distribuído da seguinte forma. No primeiro capítulo trato da questão do imaginário, como também do texto literário e da sua importância para o ensino. Ao tratar do imaginário busco fundamentação em, Bachelard (2008), Durand (1997) e Fabregat (2006). Quando a ênfase é o texto literário busco apoio em D’Onofrio (2004), Llosa (2004), Samuel (1984), Silva (1986), entre outros. Ainda no primeiro capítulo, dou enfoque à questão da importância da Literatura para o ensino e ao fazer isso me apoio em Coutinho (1976), D’Onofrio (2004), Marques (2006), assim como nos documentos oficiais, PCNEM (2000) e OCNEM (2006).

No segundo capítulo me atendo nas questões relacionadas com a Geografia que será minha aliada neste trabalho. Para isso, discuto, a partir dos conceitos, as categorias de espaço,

tempo, paisagem, rural, urbano e lugar. Como bibliografia, baseio-me basicamente em Callai (2009), Cavalcanti (2008), Castrogiovanni (2009), Santos (1988, 2006), Sposito (2006) e Yi-fu Tuan (1980). Ainda nesse capítulo darei ênfase a importância do espaço na formação do aluno e a Geografia humanística. Para me aprofundar nessas questões usarei, além dos autores que já foram citados, Corrêa e Rosendahl (2007).

No terceiro capítulo busco discutir a interdisciplinaridade entre a Literatura e a Geografia, como ela se dá e qual é sua importância para formação e para o ensino. Nesse item discuto com Corrêa e Rosendahl (2007), Monteiro (2002), Moreira (2007), Morin (2000, 2003), Callai entre outros. A seguir, trago uma breve sinopse das obras trabalhadas – “*O Cortiço*” de Aluísio Azevedo e “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos. Com o objetivo de focar em um maior aproveitamento para a discussão das questões que norteiam a pesquisa, estabeleço recortes das obras, o que permite um maior aproveitamento para as análises que são feitas com o apoio dos diálogos com os autores que dão suporte ao texto.

Minha primeira abordagem será sobre o imaginário. Minha intenção é mostrar como se dá esse processo e qual a sua influência no pensamento, assim como também em que resulta. Desta forma, pretendo refletir sobre o imaginário tendo em vista a sua importância, uma vez que o considero fundamental na compreensão do texto literário, assim como também nas decisões do pensamento. Além disso, também acredito na sua importância para toda a ciência.

1. O IMAGINÁRIO

Início este capítulo trazendo algumas considerações sobre o imaginário. Ressalto, porém, que não se trata de um tema fácil para abordar, uma vez que há muitas divergências sobre o assunto. Alguns críticos alegam que este é um tema vasto demais para merecer considerações que sejam sérias. No entanto, ainda assim arrisco-me, amparada em autores que discutem o assunto, a abordar questões referentes ao imaginário, uma vez que acredito que a Literatura perpassa o caminho do imaginário, assim como também é no imaginário que criamos e recriamos imagens, e através destas organizamos o pensamento. “A imagem torna-se um ser novo da nossa linguagem, expressa-nos tornando-nos aquilo que ela expressa – noutras palavras, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir do nosso ser” (BACHELARD, 2008, p. 8). Para tratar do imaginário baseio-me em autores como Bachelard (2008), Durand (1997) e Fabregat (1995). É comum nos depararmos com o termo imagem, como também ouvimos seguidamente expressões tais como - reproduzem-se imagens, guardam-se imagens na memória, todavia, precisamos saber mais sobre ela, explorá-la para melhor entendê-la.

Na visão de Bachelard (2008), a imaginação é a faculdade de produzir imagens, contudo, a imaginação possibilita um desprendimento do passado e da realidade e abre-se para o futuro. No que se refere aos problemas da imaginação poética, o autor reitera que o benefício psíquico da poesia é impossível sem a participação de duas funções do psiquismo humano, e que são elas: a função do real e do irreal.

Uma verdadeira terapêutica de ritmanálise nos é oferecida pelo poema que tece o real e o irreal, que dinamiza a linguagem pela dupla atividade da significação e da poesia. E, na poesia, o engajamento do ser imaginante é tal que ele deixa de ser simplesmente o sujeito do verbo adaptar-se. As condições reais já não são determinantes. Com a poesia a imaginação coloca-se na margem em que precisamente a função do irreal vem arrebatar ou inquietar - sempre despertar - o ser adormecido nos seus automatismos (BACHELARD, 2008, p. 18).

Essas são as primeiras considerações que Bachelard (2008) nos trás sobre a imagem. Seu estudo é baseado nas imagens do que chama de “espaço feliz”. Considerando sua abordagem, penso na grandeza dessa investigação e na sua importância para as discussões sobre o espaço que virei a fazer nas duas obras literárias que abordo e que já foram referidas. Bachelard chama a atenção ao fato de que o espaço percebido pela imaginação não pode ser o

espaço indiferente entregue a mensuração. É, pois, um espaço vivido, mas com todas as parciaisidades da imaginação.

Um dos espaços abordados pelo autor é a casa. Justifica ele ser ela o nosso primeiro universo, a concha que abriga nossos sonhos, nossos devaneios. Ela nos protege e nos permite sonhar em paz. Aqui é possível perceber a importância do espaço vivido, uma vez que “sem ela o homem seria um ser disperso” (BACHELARD, 2008, p. 26). A casa permite ao homem que ele construa uma identidade, um berço que o acolhe e do qual faz parte. Muitas das nossas lembranças estão guardadas graças a casa, pois não é possível parar o tempo, mas através do espaço podemos recorrer às lembranças. “É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas” (BACHELARD, 2008, p. 29).

Ainda no que se refere a casa, o autor afirma que a imagem revela um estado de alma e, por isso, “a casa muito mais que a paisagem, é um estado de alma” (BACHELARD, 2008, p. 84). Nesta reflexão Bachelard traz à tona a questão de a casa ser tema de teste. Isso não nos é estranho, pois todos em algum momento já ouvimos falar que os psicólogos usam desse recurso, o do desenho, principalmente com crianças, para acerca de suas compreensões. O teste trabalha com a espontaneidade da criança que solta sua imaginação e traduz através da imagem muito de seu ser. Nota-se que Bachelard trabalha bastante com o conceito de imagem. O autor não só ressaltou a importância desta para o homem como também transformou o termo imaginário em um encontro entre natureza e homem.

O fato da imagem não ser considerada como símbolo faz com que o imaginário perca sua essência. Muitas teorias falharam ao não considerar a imagem como símbolo e é com esse olhar que Durand (1997) estuda o imaginário.

Durand herda de Bachelard a concepção de simbolismo imaginário. “A imaginação é dinamismo organizador, e esse dinamismo organizador é fator de homogeneidade na representação” (DURAND, 1997, p. 30). Nesse sentido afirma que “a imagem – por mais degradada que possa ser concebida – é ela mesma portadora de um sentido que não deve ser procurado fora da significação imaginária”. (DURAND, 1997, p. 29). Segundo Durand, o estudo do imaginário requer uma perspectiva antropológica, concebendo a antropologia como um conjunto de ciências que estudam a espécie *homo sapiens*. Considerando que o *homo sapiens* é também o *homo symbolicus*, propõe a noção de trajeto antropológico, que consiste na “incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e

assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (DURAND, 1997, p. 41). Ainda de acordo com Durand,

O trajeto antropológico afastará de nossa pesquisa os problemas de anterioridade ontológica, já que postularemos, de uma vez por todas, que há uma gênese recíproca que oscila do gesto pulsional ao meio material e social e vice-versa. É neste intervalo, neste caminhar reversível que deve, segundo nos parece, instalar-se a investigação antropológica (DURAND, 1997, p. 41).

O imaginário é esse trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito e de maneira recíproca as representações subjetivas se explicam pelas acomodações anteriores do sujeito ao meio objetivo, como percebeu Piaget (DURAND, 1997, p. 41). A pulsão individual tem sempre um ‘leito social’ no qual corre facilmente ou, pelo contrário, luta contra os obstáculos, de modo que o ‘sistema projetivo da libido’ não é uma pura criação do indivíduo e é nessa relação que são formados os ‘complexos de cultura’ e que vêm render os ‘complexos psicanalíticos’. “Assim, o trajeto antropológico pode indistintamente partir da cultura ou do natural psicológico, uma vez que o essencial da representação e do símbolo está contido entre esses dois marcos reversíveis” (DURAND, 1997, p. 42).

Fabregat (1995) um estudioso das ciências sociais e mais especificamente da Geografia nos traz também uma concepção de imagem concebida pelo olhar do geógrafo. De acordo com o autor, a Geografia quantitativa, considerada dura, entra em um novo processo a partir da década de sessenta, uma vez que houve uma distensão da política internacional e com isso uma maior liberdade de ideias. Lentamente começa a aparecer uma nova tendência geográfica preocupada com temas ‘mais vivos’ e políticos, isto é, uma Geografia em que intervêm fatores subjetivos, psicológicos e políticos. Em uma espécie de ponte entre a Geografia quantitativa e a radical está a geografia da percepção. Para um geógrafo a imagem é uma espécie de filtro que se interpõe entre o homem e o meio, desta forma a intenção do geógrafo é analisar a imagem e compará-la com o mundo real. “Tudo o que se sabe da realidade está mediatizado, e a tomada de decisões que afetam o meio não se efetua sobre o meio real senão sobre a imagem que o homem tem do meio” (FABREGAT, 1995, p. 52).

Fabregat ratifica ainda que a percepção se interpõe entre o mundo real e o comportamento humano como se fosse um filtro entre um emissor mundo real - e um receptor - os homens. Por esse motivo o comportamento do homem no que diz respeito o contexto social, o espaço em que vive, e o qual transforma, tem muito valor ao mesmo tempo em que é um fator essencial nas análises do espaço e de sua interpretação.

Para os psicólogos cognitivos a experiência perceptual é uma construção que realiza o sujeito interpretando a informação que lhe provém dos sentidos com a informação que tem armazenada na memória. Seu resultado são experiências e representações organizadas que se tem das coisas, quer dizer, as imagens (FABREGAT, 1995, p. 52).

Nessas percepções intervêm dois fatores: inatos que se referem às estruturas nervosas e motoras e fatores que dizem respeito a experiências construídas através da cultura, dos códigos de comunicação, das reflexões profissionais, entre outras. Assim, estabelecida a imagem ou representação é necessário verificar outro aspecto o de como o homem se comporta em relação à imagem e a experiência de percepção que tem? Portanto, Fabregat reitera que em função da imagem que é o resultado da percepção, assim com também o vínculo entre o ser humano e o meio, se dá um comportamento espacial.

Tentarei explicar como Fabregat descreve esse comportamento. Em função de suas possibilidades limitadas, o homem percebe de um modo parcial o mundo real. Esse mundo pode ser chamado de mundo real vivido. Assim, o homem filtra as informações através do sentido e se constitui no que poderíamos chamar de um filtro biológico. Porém, algumas informações não são percebidas devido a lacunas ou redução de sentido.

As informações filtradas recebem uma significação, vez que o homem é um ser dotado de memória na qual intervêm fatores psicológicos, sociais e econômicos. Deste processo resulta uma imagem residual. Esta por sua vez, ao ser filtrada por uma série de códigos de comunicação, se transforma em um modelo simplificado do real e assim como afirma Fabregat (1995, p. 54),

Esse delicado e longo desenvolvimento constitui a base do comportamento. Pode conduzir a que o indivíduo, tendo como base seu modelo simplificado do real em um dado momento sofra uma série de tensões (culturais, sociais, econômicas) e motivações que o levem a adotar uma decisão que o conduz ao comportamento. E, neste momento (...) as mensagens se transformam em ação e atuam indiretamente sobre o real.

Fabregat (1995) ressalta que a Geografia da percepção tem preocupação com a imagem que se tem do espaço e o comportamento do indivíduo em função desta imagem. A partir desse pensamento é que se desenvolveram outras correntes, entre estas a Geografia humanista a qual me deterei mais profundamente no segundo capítulo.

Ainda a respeito do imaginário gostaria de frisar que as discussões que o envolvem permeiam as mais diferentes áreas. No entanto, o vejo não somente como um baú de

lembranças, de imagens, experiências. O imaginário é algo que impulsiona o ser humano, que o faz agir. É como se pudessemos dizer que o imaginário é o real. No que se refere ao texto literário vejo o quanto o imaginário é importante, pois ao nos depararmos com a leitura literária é possível, através dele, ampliarmos o sentido dos textos, isto é não só nos reportamos ao que foi, mas o que pode vir a ser. Como a Literatura pode ser vista como produto da cultura que se entrelaçam à história dos homens, é possível, através da interpretação das imagens e das relações entre imagens, a plurissignificação textual e a sua atualização, pois em cada ato de leitura o imaginário do autor se entrelaça ao do leitor e o de ambos a outros momentos da cultura em que se manifestou o imaginário de outros homens. Desta forma, o compreendo como um elemento muito importante e definidor do texto literário, uma vez que é um elemento que auxilia na compreensão e na interpretação do mesmo, uma vez que pensamos através de imagens.

Assim sendo, na próxima abordagem discuto o texto literário, uma vez que penso ser importante abordá-lo mais detalhadamente, tendo em vista que trabalho neste texto dissertativo com duas obras literárias e, portanto, faz-se necessário discutir quais os elementos que compõe o texto literário e quais a influência destes na significação do texto.

1.1 O texto literário

Antes de tratar do texto literário farei uma breve reflexão a respeito do texto em sentido mais geral, isto é, abordagem da tessitura do texto. É possível comparar o texto a um tecido o qual é composto por um entrelaçamento de muitos fios, uma espécie de teia que se interliga e que prende o leitor. Um conjunto de palavras que formam uma frase, um fragmento, muitas páginas. Através de uma relação sintática (estrutura das palavras) e semântica (significado das palavras) os fios vão se entrelaçando e dizem algo. Pode ser um simples recado ou uma notícia informativa, mas pode ser uma obra com seus cenários, suas personagens e suas histórias de vida. Assim, podemos chamar de texto um poema, uma pintura, um mapa, um romance ou uma peça teatral. Todos, independentes do gênero, fazem uso da linguagem escrita para se comunicar.

Como não poderia ser diferente o texto literário também usa a linguagem escrita para se expressar, todavia, essa linguagem é diferenciada de outros gêneros. Para me aprofundar nas questões referentes ao texto literário, me apoio em D'Onofrio (2004), um estudioso da Literatura que me ajudará conceituá-la. "A linguagem literária, por ser um sistema semiótico secundário que tem como significante o sistema linguístico, constitui-se num discurso

conotado” (D’ONOFRIO, 2004, p. 13). A conotação poética se distingue de outros sistemas semióticos porque ela é sempre polissêmica, aberta a várias interpretações e isso a distingue. O texto literário é sempre plurissignificativo, isto é, a interpretação é dada de acordo com a subjetividade de cada leitor. Essa ambiguidade, porém, não atinge só a mensagem, e sim o emissor - autor e eu poemático - o destinatário - receptor textual e virtual, e referente - ambiguidade entre realidade material e realidade ficcional.

Um texto literário transforma incessantemente não só as relações que as palavras entretêm consigo mesmas, utilizando-as além de seus sentidos estritos e além da lógica do discurso usual, mas estabelece com cada leitor relações subjetivas que o tornam um texto móvel (modificante e modificável), capaz mesmo de não conter nenhum sentido definitivo ou incontestável (D’ONOFRIO, 2004, p. 14).

Para entender um pouco melhor a interpretação recorro a Gadamer (1997) que ao tratar da questão hermenêutica ressalta que o texto não fala se não usar da linguagem que alcance o seu leitor. “A interpretação tem de encontrar a linguagem correta, se é que quer fazer com que o texto realmente fale. Por isso, não pode haver uma interpretação correta “em si, porque em cada caso se trata do próprio texto” (GADAMER, 1997, p. 578). Desta forma, compreender o texto é entendê-lo a partir de nossa subjetividade, e ainda que o compreendamos de maneira diferente para cada caso, continua sendo o mesmo texto.

Gadamer (1997) salienta que o conceito de interpretação não é somente para a interpretação científica, e sim também, para a artística. “Essa reprodução não é uma segunda criação superposta à primeira, mas que é primordialmente o que permite a obra de arte manifestar-se autenticamente” (GADAMER, 1997, p. 581). O autor ainda ratifica que a música, a poesia não se diferem da compreensão de um texto quando este é lido, pois compreender implica, em ambas as situações, interpretar. E complementa:

Portanto, a compreensão é um jogo, não no sentido de que aquele que compreende se reserve a si mesmo como num jogo e se abstenha de tomar uma posição vinculante frente às pretensões que lhe são colocadas. Pois aqui, não se dá, de modo algum, a liberdade da auto possessão, que é inerente ao poder abster-se assim e é isso o que pretende expressar, a aplicação do conceito do jogo a compreensão. Aquele que compreende já está sempre incluído em um acontecimento, em virtude do qual se faz valer o que tem sentido (GADAMER, 1997, p. 708).

O leitor acolhe o texto de acordo com sua subjetividade, o que faz com que cada leitor interprete o texto literário de maneira diferente. Contudo, ao mesmo tempo em que o texto permite essas diferentes interpretações, também possui um grande poder de persuasão que prende o leitor, principalmente pela maneira com que usa as palavras, o que faz com que seja

esse o primeiro impacto do texto literário. A Literatura usa palavras comuns, mas as recria dando-lhes um efeito surpreendente. É através delas que o poeta chama atenção de seus leitores/ ouvintes para realidade da vida. Outro fator importante é o de que o leitor se identifica com o texto pelo fato de o humano estar sempre procurando vivenciar algo novo, e a ficção permite experimentar sensações diferentes.

Como afirma D’Onofrio (2004), para compreendermos um texto literário ou ainda decodificá-lo precisamos não só do conhecimento do código linguístico, mas do conhecimento de vários códigos tais como teóricos, culturais, místico entre outros. Na linguagem poética se reaviva arcaísmos criam-se neologismos, novas metáforas. Os signos poéticos além de expressar conceitos carregam expressões sensoriais. Como defendeu Bossi (1986, p. 57) “A arte da palavra consiste em reviver e potenciar a expressão que o uso desgastou. Nem se deve ignorar, como o faria o mau estrategista, o valor desse uso e o seu alcance comunicativo”.

Contudo, para alguns autores a arte, e nesta inclui-se a Literatura, não pode ser compreendida objetivamente por ser expressão de uma personalidade subjetiva. O que rebate D’Onofrio (2004) que considera o objeto artístico provido de estrutura, pois para ele a literariedade não está no fato de o texto não ser estruturado, e sim na especificidade de sua estrutura.

O poeta não cria a língua, pois esta é um código comunitário, mas apenas dela se serve de uma forma diferente. Ademais, ele compartilha com a comunidade em que vive não somente o código linguístico, mas também a ideologia, o cabedal cultural, as características biopsíquicas. A arte é uma construção formal baseada em elementos do mundo real e, como estes, ela possui a qualidade da estruturação (D’ONOFRIO, 2004, p. 19).

Porém, deixo claro que o texto literário é ficção, ou seja, imaginação de algo que não podemos dizer que é real, mas que possui uma verossimilhança com a realidade. A Literatura cria seu mundo autônomo do mundo de seu autor. Contudo, a ficção tem uma relação com o real, porque ninguém cria, escreve do nada, mas se essa narrativa se desse como se narra um fato acontecido, que se torna documentado seria história e não arte. O autor possui sim estruturas que o permitem construir o seu mundo de imaginação. Mas, esta não é surreal porque o autor sempre discorre sobre situações e problemas da humanidade.

Abordei a questão da verossimilhança da obra de arte, que é um elemento fundamental no texto literário, e para isso explicito-a melhor. A verossimilhança em uma obra significa que esta, embora seja ficção, deva possuir a equivalência da verdade. Assim, a

verossimilhança pode ser interna ou externa. A primeira se dá pela coerência de seus elementos estruturais. A segunda confere ao imaginário a caução do real pelo respeito às regras da opinião comum. “Mais importante é a verossimilhança interna, a coerência estrutural da obra, porque, quanto à verossimilhança externa, a fuga para o fantástico, para o mundo da imaginação, é comum à literatura” (D’ONOFRIO, 2004, p. 20). Ainda no que se refere à ficção, ressalta Coutinho (1976, p. 30):

A ficção é um produto da imaginação criadora, embora, como toda a arte, tem suas raízes na experiência humana. Mas o que a distingue das outras formas de narrativa é que ela é uma transfiguração ou transmutação da realidade, feita pelo espírito do artista, este imprevisível e inesgotável laboratório. Ela coloca a massa da experiência de modo a fazer surgir um plano, que se apresenta como uma entidade, com vida própria, com um sentido intrínseco, diferentes da realidade. A ficção não pretende fornecer um simples retrato da realidade, mas antes criar uma imagem da realidade, uma reinterpretação, uma revisão. É o espetáculo da vida através do olhar interpretativo do artista, a interpretação artística da realidade.

Na tentativa de discorrer sobre o que pensam alguns autores sobre a Literatura, busco trazer conceitos sobre o texto literário que considero importantes, porém antes farei uma breve retomada sobre os elementos da tragédia grega abordados por Aristóteles, considerado o primeiro estudioso da Literatura, e que ajudarão na compreensão de como é possível analisar o texto literário, independente do gênero, através do que D’Onofrio (2004) chamou de níveis de análise. Para fazer essa discussão me apoio no autor referido tendo em vista à argumentação teórica que dá sustentabilidade as questões elencadas.

D’Onofrio (2004) nos traz seis elementos estruturais da tragédia que foi distinguido por Aristóteles e que são eles: *mythos*, *éthos*, *diánoia*, *lexis*, *ópsis*, e *melopéia*. O Mito para Aristóteles é o conjunto de ações vividas pelas personagens em uma obra literária. Trata-se de uma história ficcional que foge da realidade. Já os formalistas russos preferiram adotar o termo fábula em que os personagens são animais falantes, e que possui um caráter moralizante. *Éthos*⁵, entendido com o significado de caráter, estuda os caracteres dos seres humanos, isto é, os comportamentos dos seres humanos. No texto literário o estudo se dá sobre a *personagem* que está ligada a história ficcional diferente de autor que significa agente do ato, qualquer sujeito de ação.

⁵ De acordo com Chauí, existem, em grego, duas vogais para grafar e pronunciar a vogal *e*. Sendo uma vogal breve chamada *epsilon* e uma longa chamada *eta*. Assim, Ethos escrita com a vogal longa significa costume, enquanto que escrita com a vogal breve significa caráter, isto é, conjunto de disposições físicas de uma pessoa que determinam quais virtudes e quais vícios cada um é capaz de praticar (Chauí, 2000).

Já a *Dianóia* é entendido como o pensamento. É, pois, a reflexão das ações das personagens. Nela há uma intervenção para que o narrador faça observações ou julgamentos. *Léxis* se refere à linguagem usada pelas personagens na história de maneira a expressar ideias e sentimentos. Para Aristóteles essa linguagem tem de estar adequada com os personagens para não desrespeitar as normas da verossimilhança. Em um texto literário há um cruzamento de vozes, o que nos leva a inferir que o texto literário tem também uma função dialógica.

A *Ópis* (ótica) é o elemento visual que nos proporciona o espetáculo. Um texto escrito substitui os elementos cênicos pela descrição. Ela permite que o leitor visualize, através da imaginação, os acontecimentos narrados tanto dos aspectos físicos e psicológicos das personagens como do espaço em que estão inseridas. Chamo a atenção a esse elemento, *ópis*, por ele dar conta de mostrar a importância das representações que construímos das coisas através de uma narrativa. Mais tarde quando abordarei o espaço e a importância de sua representação na compreensão do texto esse elemento estará em evidência.

O sexto elemento é a *Melopéia* que vem de melodia, uma vez que na tragédia grega o acompanhamento musical era o principal ornamento. Não esquecendo que a poesia na antiguidade não era distinta de outras artes como a música, a dança, o canto. A mais antiga poesia era chamada *mélica*, e posteriormente passou a chamar *lírica* que vem de lira um instrumento musical. Para D'Onofrio (2004), isso nos leva a perceber que embora a poesia tenha adquirido autonomia sobre as outras artes continuou tendo ligação com a música e o canto, uma vez que as denominações de algumas formas poemáticas são chamadas de: soneto, canção, cantiga, balada.

A partir desses seis elementos tratados por Aristóteles torna-se possível, de acordo com D'Onofrio (2004), identificar seis níveis de análise do texto, independente do gênero literário que este pertença. Contudo, antes de discutir esses níveis, quero salientar que a abordagem dos elementos discutidos por Aristóteles não tem a intenção de traçar apenas um percurso histórico da Literatura, mas sim ajudar a compreender como tais elementos influenciam na análise do texto.

Os seis níveis abordados pelo autor são encontrados em qualquer texto literário, pois, fazem parte de sua estrutura. Sendo assim, penso ser importante discuti-los, uma vez que ajudam no estudo dos textos literários. São estes: Nível fabular, nível atorial, nível reflexivo, nível discursivo, nível descritivo e nível fônico. No primeiro, nível **fabular**, se estuda a estrutura da história ficcional, a diferença entre situação e ação, núcleos e catálises, índices e informações. No segundo, nível **atorial**, o estudo se dá sobre a personagem tanto no que diz respeito ao seu fazer, ou seja, as funções que ela exerce quanto no que se refere ao ser, isto é,

as suas qualificações que nos levam a seu perfil psicológico. O nível **reflexivo** estuda os comentários dos personagens sobre os fatos que estão acontecendo ou sobre a vida humana ou fenômenos da natureza.

O quarto nível tratado por D’Onofrio (2004) é o **discursivo** que analisa os vários sujeitos do discurso, assim como também as figuras de estilo, os desvios que a linguagem poética opera em relação à linguagem comum “ao nível lexical (metaplasmos), sintático (metataxes) e semântico (metassememas)” (D’ONOFRIO, 2004, p. 32). O nível **descritivo** refere-se à apresentação do cenário onde as personagens realizam suas ações. As descrições podem ser paisagens, ambientes, vestuários ou características psicológicas. Nesse nível o estudo do tempo e do espaço é muito importante para a compreensão do texto. Por último temos o nível **fônico** que é o estudo dos elementos sonoros que as vezes aparecem no texto literário. Ele é um elemento importante principalmente nas obras para serem representadas como: teatro da ópera, letras das canções populares, soneto balada. Contudo, ressalto que o som não deve ser separado do estudo do sentido, uma vez que ele contribui para a significação e por isso é um elemento importante e que faz parte do estudo do sentido.

Como já foi dito, esses elementos são encontrados em qualquer texto literário, a diferença é que em alguns predominam alguns elementos em detrimento de outros. Como fiz referência ao texto como teia, poderia dizer que esses elementos são os fios que entrelaçados formam o texto literário.

Após discutir alguns aspectos referentes ao texto literário como a linguagem diferenciada, a plurissignificação que nada mais é que a maneira que o texto toca cada leitor de acordo com as suas vivências e experiências, e os elementos que o compõem e que servem de base para analisá-lo, trarei também conceitos de texto literário a partir de autores que discutem o tema.

De acordo com o que pensa D’Onofrio (1990, p. 9) “a Literatura é uma forma de conhecimento da realidade que se serve da ficção e tem como meio de expressão a linguagem artisticamente elaborada”. A Literatura dá forma concreta a sentimentos, dilemas criados pela imaginação, isto é, o poder imagético tem papel fundamental, pois tornam reais os sonhos e angústias. Desta forma, ao efetivar-se em texto, a Literatura dá à imaginação a roupagem das palavras para interligar tempos e espaços, autores e leitores em um gesto de comunicação solidária.

Desta forma, é possível dizer que a personagem de ficção é muito mais verdadeira do que a pessoa real, pois esta é, na maioria das vezes, obrigada a ocultar sua verdadeira essência, seus desejos mais recônditos, e a colocar a máscara que o seu status social requer;

aquela, por ser fruto da imaginação, pode abrir-se para nós em toda a sua autenticidade, não constrangida por preceitos morais. E assim sendo, torna-se muito mais fácil compreender o mundo, pois através da personagem estamos livres para ver e pensar. É como se estivéssemos livres das algemas sociais.

O texto literário, portanto, além de fornecer um prazer estético (o fim lúdico), é a fonte mais fascinante de conhecimento do real não só pelo que apresenta, mas também pelo que pode suscitar no leitor/ouvinte. Segundo D’Onofrio (1990), dá a função social da Literatura que, a par da filosofia, psicologia, biologia e de outras ciências e artes, embora por caminhos diferentes, induz o homem a refletir sobre os problemas existenciais. É por isso que as atividades literárias, oral, escrita, primitiva evoluída são consubstanciais à sociedade humana, não existindo povo sem Literatura.

Outras concepções referentes ao texto literário surgem entre elas Llosa (2004). Para este autor os romances mentem, no entanto, mentindo expressam uma curiosa verdade, que somente pode se expressar escondida, disfarçada do que não é. Os homens não estão contentes com seu destino, e quase todos – ricos ou pobres geniais ou medíocres, célebres ou obscuros, gostariam de ter uma vida diferente daquela que vivem. Sendo assim, para possibilitar esse desejo, surgiu a ficção. Ela é escrita e lida para que os seres humanos tenham as vidas que não se resignam a não ter. Fervilha em todo o romance um inconformismo, uma insatisfação.

Não se escrevem romances para contar a vida, senão para transformá-la, acrescentando-lhe algo... De uma maneira menos crua e explícita, e também menos consciente, todos os romances refazem a realidade – embelezando-a ou piorando-a... Quanto mais expressar uma necessidade geral, mais profunda a ficção será, e também quanto mais numerosa forem, ao longo do espaço e do tempo, os leitores que identifiquem, nesses contrabandos filtrados da vida, os demônios que os inquietam (LLOSA, 2004, p. 17).

O autor afirma que todo bom romance diz a verdade, e todo mau mente. Porque dizer a verdade para um romance, segundo ele, significa fazer o leitor viver uma ilusão, e “mentir”, significa ser incapaz de conseguir esse engano. Conseguir prender o leitor na trama conduzindo a um mundo imaginário em que leitor/ouvinte se sinta mais que espectadores não é tarefa fácil, e é dessa capacidade que nos fala o autor. Somos donos de uma única vida, mas desejamos tantas outras e é na ficção que as encontramos. “Sair de si mesmo, ser outro, ainda que ilusoriamente, é uma maneira de ser menos escravo e de experimentar os riscos da liberdade” (LLOSA, 2004, p. 23).

Parafrazeando Llosa (2004), ler boa Literatura é se divertir, porém também aprender dessa maneira direta e intensa que é a da experiência vivida através das obras da ficção. Uma pessoa que não lê, ou que lê pouco, pode falar muito, porém dirá sempre poucas coisas porque dispõe de um repertório mínimo e deficiente de vocábulos para se expressar. Não é uma limitação somente verbal, é, ao mesmo tempo, uma limitação intelectual e de horizonte imaginário. A Literatura é vista aqui como caminho para o conhecimento, já que é um elemento que auxilia na formação do sujeito.

Samuel (1984) ressalta que a Literatura, como trabalho, faz uma transformação da realidade. Transformação da História. Assim, considerando que a História é um processo do produzir-se e reproduzir-se, podemos dizer que o homem toma cada vez mais consciência de si mesmo como ser social. O autor, nas suas reflexões, propõe uma distinção entre *labor*, *trabalho* e *ação* humana.

Seguindo o pensamento de Samuel (1984), o homem labora com o corpo. Trabalha quando produz os objetos com que cria seu mundo, e sua ação se dá entre os homens. O labor assegura a sobrevivência; o trabalho realiza o produto; a ação e o falar fazem a história. A Literatura, portanto, participa das três atividades.

Refletindo sobre a ação, percebemos que esta interfere indiretamente na consciência, no sentido de humanizar o próprio homem. Ela atua internamente no leitor, pois é um meio convincente de ação. O receptor fica mais tempo diante da mensagem artística, e isso gera um alto grau de intimidade. Em um romance, por exemplo, o leitor passa um certo tempo com a obra e, por isso, a mensagem tem mais tempo de explicar-se, consolidar-se. “A literatura é discurso como o pensamento, e assim há um maior intercâmbio de formação de conceitos no texto interno do leitor” (SAMUEL, 1984, p. 10).

Parafrazeando Silva (1986), na comunicação literária, a mensagem, isto é, a sequência ordenada e coerente de signos veiculada do emissor/autor até o receptor/leitor, constitui o texto literário. A comunicação literária se dá através dos textos literários e estes sobrevivem, numa perspectiva romântico-expressivista, vinculados à matriz autoral e em uma perspectiva formalista, o texto liberta-se do autor/emissor e constitui uma entidade autônoma.

O autor afirma ainda que, sem a práxis da semiótica, sem a produção textual desenvolvida por um concreto emissor/autor o texto não existiria. O texto literário é, portanto um artefato materializado numa textura, ou seja, numa sequência linear de signos em que se realiza e se manifesta a sua coesão formal e semântica, e que só existe em plenitude, como qualquer texto, numa situação comunicativa. Pela concepção do autor, podemos entender que

o texto literário é uma unidade semântica que quer dizer algo e é escrito com intencionalidade.

O texto literário constitui uma unidade semântica, dotada de uma certa intencionalidade pragmática, que um emissor / autor realiza através de um acto de enunciação regulado pelas normas e convenções do sistema semiótico literário e que os seus receptores/ leitores decodificam, utilizando códigos apropriados (SILVA, 1986, p. 575).

As propriedades que caracterizam o texto semioticamente concebido são: expressividade - o texto sempre expressa algo; delimitação - o texto é ilimitado na interpretação, mas delimitado na forma e estrutura. Estas propriedades também caracterizam o texto literário que representa uma atualização do sistema semiótico literário, constitui uma entidade delimitada topologicamente e possui uma organização interna que o configura como um todo estrutural.

Silva (1986) destaca também que o texto literário não se organiza bifasicamente, isto é, primeiro se constituiria como texto linguístico e depois através de um processo de semiotização é que se transformaria em um texto literário. Assim, podemos dizer que o texto literário se constitui como tal a partir do momento em que é escrito. A partir dessa concepção entendo que o texto literário não se torna literário como parte de um processo, e sim se constitui como tal no momento que foi escrito.

Conforme Samuel (1984) existem duas espécies de texto: o texto-objeto e o texto-obra. O texto-objeto é constituído pelo discurso referencial cotidiano e técnico. Nele predomina uma oposição entre sujeito e objeto, onde o sistema expressivo, como tal, é colocado em plano secundário. Um texto literário é um texto-obra, no sentido de que não se deixa reduzir à relação sujeito-objeto determinado. Este usa o discurso metafórico que, por ser plurissignificativo, põe em tensão o emissor e o receptor, o leitor e a realidade, de maneira que se estabelece entre esses dois pólos uma relação produtiva e dinâmica e por isso da expressão texto-obra, ou texto que opera transformações e manifestações. E ainda “a linguagem literária é plural por essência e a obra literária é plurissignificativa devido à natureza dos elementos e das relações que constituem a sua estrutura formal e semântica” (SILVA, 1986, p. 55)

Contudo, a Literatura também tem suas funções e sendo assim, precisamos saber para que serve. A função tem a ver com a relação entre a obra e a sociedade. Desta forma, a criação artística é autônoma em relações as demais atividades humanas, e por isso ela não rejeita as outras funções sociais, mas sim se junta a elas.

Essa questão a respeito da função da Literatura abre algumas divergências que vem desde as primeiras discussões sobre a arte, em que Platão expulsava os poetas de sua república ideal enquanto que Aristóteles os enaltecia. D’Onofrio (2004), amparado em uma concepção horaciana, indica duas funções para a Literatura. Nesta concepção “a arte tem por finalidade unir o útil ao agradável” (D’ONOFRIO, 2004, p. 22). Foi a partir dessa ideia que surgiram duas teorias a respeito da função da Literatura: a teoria formal ou hedonística e a teoria moral ou também conhecida como utilitarista.

Para a primeira (formal ou hedonística) a arte teria apenas a finalidade de provocar o prazer estético. Nessa teoria se defende o conceito de “arte pela arte” dando ênfase aos elementos expressivos da obra literária. O prazer estético estaria ligado à escolha e o modo de organização do material linguístico e ideológico. Já para a teoria moral, a Literatura teria, pois, uma finalidade pedagógica e educativa. “Sua valoração está diretamente relacionada com a escolha e o modo específico pelo qual ela se articula com as outras atividades do espírito, no afã de contribuir para a tomada de consciência do homem perante seus problemas, quer individuais, quer coletivos” (D’ONOFRIO, 2004, p. 22).

Na visão de alguns autores, como D’Onofrio (2004) essas duas teorias não são contrastantes, com os quais concordo, uma vez que acredito que elas se completam. O prazer estético faz com que o homem crie um universo singular de acordo com cada leitor que traz consigo sua cultura, sua subjetividade. O leitor contempla e se contempla através da obra literária. A Literatura age sobre a sensibilidade do homem e é através desta que o homem consegue identificar-se pela exploração de seus sentimentos e emoções. “O mundo fictício contém mais verdade do que a realidade cotidiana mistificada pela necessidade natural. Quando a realidade concreta parece falsa, ilusória, é quando nos libertamos dela” (D’ONOFRIO, 2004, p. 16). Como já foi frisado a “verdade da arte não é a verdade da vida” (Op.cit, p. 23), pois, a Literatura se coloca acima das convenções sociais buscando uma verdade que está além da real. Por esse motivo, sem nenhuma imposição, ela permite ao homem refletir sobre a condição humana, sobre os problemas comuns da sociedade. Assim, se torna impossível, uma vez que as abordagens se dão sobre o homem e o mundo, ausentar-se a ponto de não modificar ou modificar-se. Esta seria a sua função social e pedagógica, isto é, modificar sujeitos através do prazer estético. Não teria função educativa melhor do que descobrir e descobrir-se através do prazer estético?

Nada ensina melhor que a literatura a ver, nas diferenças étnicas e culturais, a riqueza do patrimônio humano e a valorizá-las como uma manifestação da sua múltipla criatividade. Ler boa literatura é se divertir, sim, porém, também, dessa maneira direta e intensa que é a de experiência vivida através das obras de ficção, o que e como somos em nossa integridade humana, com nossos atos e sonhos e fantasmas, separados ou na trama de relações que nos vinculam aos outros, em nossa presença pública e no secreto de nossa consciência” (LLOSA, 2004, p. 380).

Essa discussão encaminha para uma reflexão sobre a função social e educativa da Literatura. Entretanto, antes quero destacar que a Literatura é plurifuncionalista. Ainda que tenha destacado o prazer estético (função estética e lúdica) e social/educativo, ela ainda admite a função cognitiva, que é a de conhecimento de uma realidade objetiva ou psicológica, a função catártica que é a purificação dos sentimentos, pois através dela é possível a expulsão de sentimentos, pensamentos, e por isso, pode ser considerada como uma fuga para a realidade, e a pragmática que nada mais é que a pregação de uma ideologia, D’Onofrio (2004).

1.2 A função social e educativa da Literatura

Pensar a Literatura sugere pensar a sua função social e educativa, já que ela contribui na formação do aluno, e por isso merece uma maior atenção e valorização. A Literatura é uma aliada do ensino, pois ajuda no desenvolvimento do senso crítico e da autonomia. No entanto, antes de adentrar nas questões referentes à Literatura, farei uma breve reflexão sobre a função da escola. É impossível pensarmos a educação sem pensarmos na escola e conseqüentemente naqueles que fazem parte dela, isto é, alunos e professores, sendo que a esses últimos cabe a tarefa de ensinar. Paraphrasing Marques (2006), a escola surge como lugar, tempo e recursos destinados às aprendizagens dos nelas interessados. E quanto mais complexa se apresentar a sociedade mais se exigem as aprendizagens sob a forma escolar. Assim, recai sobre a escola a responsabilidade de aprendizagem no mundo contemporâneo que está em constantes modificações. É importante destacar, que na contemporaneidade se fazem presentes um arsenal de recursos pedagógicos tais como revistas, jornais, programas de TV, filmes, músicas entre outros, e dos quais o professor não tem como fugir. Esses ao mesmo tempo em que ampliam também tornam complexa a educação, gerando uma necessidade de como saber trabalhar com esses recursos.

Na medida em que a sociedade evolui nascem com ela exigências, uma vez que os conhecimentos vão se tornando mais complexos e é impossível esperar que qualquer pessoa ou grupo dê conta disso. Seguindo a linha de pensamento de Savater (1998), nem tudo pode

ser apreendido em casa ou na rua. Sendo assim, é necessária a presença da escola que tem como meta educar e instruir ao mesmo tempo, pois é impossível separar esses dois elos que juntos completam o saber. Contudo, ressalto que embora o professor possua um saber diferenciado do aluno ele também aprende. Faço essa ênfase porque vejo o professor como alguém que possui um determinado conhecimento e tem como função ensinar, no entanto, ele também aprende com os alunos, pois para que a aprendizagem aconteça, ele atua como um mediador.

No que tange ainda o papel da educação contemporânea, Savater (1998) ratifica que é preciso que a escola ensine a discutir, a posicionar-se diante das diferentes situações que a sociedade exige. Não se trata de defender apenas interesses pessoais, mas sim tornar-se cidadãos democráticos que participem da sociedade e que sejam capazes de olhar o mundo criticamente. A escola deve estar atenta e não pode ser neutra ao discutir valores, direitos, etc. Ela não pode fugir de seu papel que é o de formar cidadãos humanizados, críticos, pois o homem é produto da sociedade. Ele não nasce humano, ele torna-se humano e a escola contribui muito para isso, à medida que tem a função de instruir e de educar e, portanto, é peça essencial para essa humanização.

É necessário considerar que “o ensino se dá em todas as partes e por parte de todos, às vezes de modo espontâneo e outras com maior formalidade” (SAVATER, 1998, p. 54). Desta forma, na escola a aprendizagem ganha um maior significado quando algo novo é incorporado com sentido para o aluno, a partir da relação com o conhecimento que ele já possui. Quando um conteúdo escolar faz ligação com o conhecimento do aluno a aprendizagem ocorre com maior propriedade, e não será meramente mecânica, em que o aluno simplesmente memoriza o conteúdo que lhe é dado de forma acabada e pronta. Ao professor não cabe a função de simples transmissor do conhecimento, mas sim, de propiciar, a partir da realidade e do contexto social, conhecimentos institucionalizados e base para a formação cidadã do aluno, a fim de que este possa se inserir na sociedade e seja capaz de defender seus ideais. Sobre isso, Freire ratifica:

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, a curiosidades, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 2004, p. 47).

Desta forma, no que se refere à educação penso que esta ocorre em contextos educativos diferentes e nos mais diversos espaços e situações sociais e, que os processos de

aprendizagem ocorrem sempre que houver pessoas e intenções de ensinar e de aprender. No entanto, a escola é um desses espaços que é considerado formal, e no qual se ensina e se aprende, como princípio básico da sua atividade.

A partir dessas considerações sobre a função da escola me permito a introduzir as questões referentes ao Ensino de Literatura. No Ensino Fundamental a Literatura está atrelada a língua portuguesa, isto é, ela não está no currículo, e por isso tem de ser trabalhada junto com a língua, o que contribui para a sua deficiência. A Literatura passa então a ser usada, na maioria das vezes, para trabalhar a língua, o que faz com que perca seu verdadeiro sentido que é o de permitir que o aluno desenvolva o seu senso crítico e aprenda a entender o mundo através do prazer estético. No Ensino Médio essa situação muda, uma vez que ela se apresenta como disciplina e em virtude disso os documentos oficiais (PCN's/OCNEM) fazem referência a seu estudo. De acordo com as Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio (OCNEM) na LDBEN de 1996 foram lançados três objetivos que deveriam ser alcançados no Ensino Médio e que são eles:

Consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos; preparação básica para o trabalho e para a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico (LDBEN, 1996, art. 35, p. 11).

Contudo, de acordo com OCNEM (2006), tendo em vista que o primeiro objetivo diz respeito ao Ensino Médio como preparatório para o ensino superior e o segundo se refere como terminalidade, é no terceiro, e que engloba os outros dois, que se detém a Literatura, ou seja, ela visa o cumprimento deste item, isto é, contribuir para o desenvolvimento humano do aluno dando ênfase à autonomia intelectual e a criticidade sobre o mundo.

Para atingir esse objetivo, Coutinho (1976), outro autor que discute sobre o texto literário, mais precisamente em sala de aula, afirma que a Literatura não deve ater-se basicamente ao estudo histórico da Literatura, com memorização de sumários, biografias de autor, e com isso deixar de lado o que realmente importa que é a obra, e a partir dela desenvolver o gosto pela leitura literária e a sua compreensão como Literatura, ou seja, é necessário valorizar suas funções como a estética e lúdica. “O problema da literatura tem sido nos últimos anos, objeto de intensa investigação e revisão no que tange ao método, tendo em vista resolver o conflito entre o estudo histórico e crítico da literatura nos currículos de humanidades” (COUTINHO, 1976, p. 25). E Coutinho reforça:

E essa abordagem é melhor realizada quando se procura fazer compreender a produção literária dividida e classificada em grupos formais, os gêneros ou tipos, e estudada na sua constituição íntima, nas suas leis, nos elementos literários que compõe a sua estrutura e nos diversos meios de expressão de cada um. A ênfase é posta, assim, no aspecto propriamente literário, deixando-se para a segunda etapa o pano de fundo histórico-social (COUTINHO, 1976, p. 25).

Quando COUTINHO (1976) defende o estudo literário a partir dos gêneros, ele se refere a um estudo que consiste na descrição de características, elementos que compõe a estrutura de cada gênero, sua organização interna, assim como também quais as evoluções que tiveram na Literatura universal e quais suas variedades principais. O ponto de partida do gênero é a motivação emocional, uma experiência humana. “Não há, pois, que negar a noção de gênero ou abandoná-la. Ela faz parte da literatura e constitui o núcleo da crítica e da teoria literária (COUTINHO, 1976, p. 29). E diz mais:

Em literatura, portanto, a ficção é um tipo de gênero narrativo e é empregado o termo para designar o romance, a novela, o conto, embora outras formas possuam qualidades da ficção: a fábula, a parábola, os contos e lendas folclóricos, e mesmo o drama (COUTINHO, 1976, p. 31).

Ao tecer essa abordagem o autor defende que ao priorizar o texto em si, e a partir dos gêneros, o estudante/leitor se deparará com um menor número de obras o que permite que elas sejam mais bem analisadas, com mais profundidade. Além do mais, estimula o interesse pela leitura desenvolvendo a apreciação e favorecendo, assim, a ampliação dos horizontes intelectuais. Como se trabalha com o sentido da Literatura e não com a história ou biografia, permite que o aluno desenvolva o senso crítico e isso faz com que compreenda melhor o mundo. Acredito que trabalhar com a Literatura, nessa perspectiva do autor, não só estamos colaborando na formação de vida do aluno como também permitindo, através dela, que ele se reafirme como ser humano.

Não é apenas a capacidade de apreciação e crítica que se desenvolve, mas incentiva-se dessa maneira a criação individual, colocando-se o espírito do jovem no âmago do próprio fenômeno literário, constituído pelas obras-primas da Literatura nacional e universal. Na leitura diária, o educando adquire os segredos do ofício, da técnica, da arte literária, dos artifícios e convenções, dos materiais que se transformam em criação literária, além da terminologia específica para o tratamento crítico. É a experiência que se enriquece (COUTINHO, 1976, p. 26).

Apesar de a Literatura ser ficção, fantasia, esta nunca é totalmente pura, ou seja, a Literatura refere-se constantemente à realidade. Ao ler uma obra literária nos deparamos com

acontecimentos do cotidiano. Sendo assim, penso que a Literatura é de fundamental importância na formação do aluno, pois desenvolve a sua criatividade e a capacidade de criação além de torná-los leitores críticos. A Literatura é uma experiência que nos permite sentir, experimentar e ver a vida pelos olhos de outrem o que faz com que possamos vê-la de um ângulo diferente ao que estamos habituados, e sendo assim, possibilita refletir sobre o indivíduo e a sociedade.

Todavia, não é muito comum encontrar adeptos do texto literário entre os alunos, seja de Ensino Fundamental ou Médio. A Literatura ainda permanece como algo ultrapassado que não serve, a não ser para responder as provas dos vestibulares. Porém, há que considerar que devido à rapidez com que o mundo caminha, o desenvolvimento das técnicas, da mídia e conseqüentemente do mercado que se impõe com um consumismo exacerbado, torna-se cada vez mais necessário que tenhamos novas posturas. Sendo assim, hoje, mais do que nunca, é necessário nos constituirmos sujeitos críticos, a fim de que possamos nos posicionar neste mundo que sendo de todos não é de ninguém. O que vai ao encontro do que discute os PCNEM (2000, p. 12) quando propõe a concepção curricular para o Ensino Médio, “deve expressar a contemporaneidade e, considerando a rapidez com que ocorrem as mudanças na área do conhecimento e da produção, ter a ousadia de se mostrar prospectiva”. A Literatura vem, pois, ao encontro deste objetivo, uma vez que faz uso dos textos literários na intenção de desenvolver o pensamento crítico do aluno.

A Literatura no currículo auxilia o aluno em uma melhor compreensão do mundo assim como também permite uma maior consciência das mudanças que vimos enfrentando. O texto literário não pode ser considerado ultrapassado, isto é, como algo que não merece consideração e que não se insere nas tecnologias do momento, pois ele nunca perderá sua importância e sempre provocará sensações no leitor. Além do prazer estético, ele permite sentidos múltiplos em diferentes espaços e tempos. É por isso que as obras literárias resistem ao tempo e as mudanças. Daí sua importância para o ensino, na formação dos sujeitos.

O escritor tem a capacidade de transformar combinando a realidade com a percepção, isto é, o autor usa de elementos do meio, tais como a paisagem, o lugar, as personagens, mas dá vida a sua história com o sopro da imaginação. Desta forma, tanto o meio social influencia a obra de arte como também a arte influencia o meio. Assim, embora tenha frisado de que a Literatura é dada como ficção também defendendo que ela expressa a sociedade com seu aspecto social e seus problemas.

Depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais (CANDIDO, 1967, p. 30).

Para Samuel (1984) todo texto pressupõe um leitor e pode ser considerado texto quando expressa uma relação do homem com o real, além do mais ele é plurissignificativo, e por isso põem em tensão o leitor e a realidade e ao fazer isso provoca transformações e manifestações. No entanto, para isso é necessário o contato, a leitura. Adentrar no texto. Samuel compara a Literatura a uma floresta. No início temos receio em penetrar e movimentar-se nela, mas é preciso ir adiante, e para isso usamos as trilhas já abertas, mas isso não implica que de posse destes caminhos possamos abrir novas trilhas e nos permitir conhecer novos trajetos.

É com esse olhar que temos que conduzir o aluno, isto é, incitar nele o gosto pela leitura, em seguida mostrar-lhe as trilhas já abertas, e depois deixá-lo descobrir e descobrir-se. Reafirmo que para isso é preciso um processo em que muitos contribuem a começar pela família que é quem deve fazer à iniciação a leitura, depois a escola juntamente com os professores das diversas áreas, pois instigar a leitura é compromisso de todos. Seguindo esse processo o aluno terá a oportunidade de ter o contato com a Literatura gradativamente, o permite que adquira o gosto por ela, e posteriormente consiga ler um texto literário sentindo o que ele provoca. Este seria o caminho ideal, mas na maioria das vezes não acontece. O aluno chega ao Ensino Fundamental ou até mesmo no Médio com um contato mínimo de leitura e com nenhum gosto por ela, principalmente pelo texto literário. Diante desse contexto, cabe ao professor juntamente com a escola minimizar essa lacuna, e para isso é preciso torná-la mais atrativa. Trazer alguns fragmentos da obra para provocar o interesse dos alunos e a curiosidade destes é uma das maneiras não só de introduzir a obra, mas também o primeiro passo para que ela seja lida. Para as OCNEM (2006, p. 72) “o estatuto do leitor e da leitura, no âmbito dos estudos literários, leva-nos a dimensionar o papel do professor não só como leitor, mas como mediador, no contexto das práticas escolares de leitura literária”.

É urgente que o professor, ele próprio, se abra para as potencialidades da literatura e faça um esforço para se livrar dos preconceitos didáticos que o obrigam a cobrir um conteúdo mensurável e visível, como são as escolas literárias, em prejuízo de um conteúdo menos escolarizado e mais oculto, que é a leitura vagarosa da literatura, pensando-se, sobretudo no romance, talvez o gênero mais popular dentre os literários (OCNEM, 2006, p. 78).

Um dos fatores importante para a Literatura é o tempo. No caso de um romance é necessário um tempo para o planejamento, para orientar o aluno, assim como também um tempo para que ele leia o livro. É um ritmo mais lento, diferente daquele a que estamos acostumados, mas que incita o contato mais íntimo, a reflexão. Além do gênero do romance há outros gêneros que também podem ser trabalhados como o conto, o poema, a crônica entre outros, mas isso não quer dizer que o professor tenha que dar conta de todos os estilos literários.

O professor pode, por exemplo, recortar na história autores e obras que ou responderam com mestria à convenção ou estabeleceram rupturas; ambas podem oferecer um conhecimento das mentalidades e das questões da época, assim como propiciar prazer estético. A partir desse recorte, ele pode planejar atividades de estudo das obras que devem ser conduzidas segundo os recursos crítico-teórico, amparado pelo instrumental que acumulou ao longo de sua formação e também pelas leituras que segue fazendo a título de formação contínua (OCNEM, 2006, p. 79).

Entendo que a Literatura desempenha um importante papel na formação do jovem, do sujeito. Ela é arte que nos liberta, que nos diz algo, ao mesmo tempo em que nos provoca prazer. O aluno precisa desenvolver essa capacidade de refletir sobre o mundo, de repensar o que está posto, e a arte sem perder a sua característica do belo nos proporciona esse novo olhar. É como se nos desnudássemos do que nos impõe o social e nos permitíssemos, livres, olhar a realidade. Penso que nos dias atuais é cada vez mais importante desenvolver essa capacidade de opinar, reconhecer com perspectiva própria. E ao fazer isso, a Literatura está desempenhando uma função social. Não a vejo como algo que venha para doutrinar ou moralizar, não impõe nada, e sim permite que o aluno desenvolva a capacidade de reflexão, e isso, em minha opinião, é um dos elementos mais importantes na formação do sujeito, e para a qual a Literatura muito contribui.

Uma obra literária pode ser tomada como análise a partir da escolha de algumas categorias. Neste texto dissertativo faço uma análise interpretativa das obras selecionadas, mas também uso de categorias geográficas que foram escolhidas para auxiliarem no estudo. Sendo assim, no próximo capítulo abordarei algumas categorias da Geografia, a fim de que possa melhor entender conceitos de espaço, tempo, paisagem, lugar, rural e urbano, tendo em vista a importância destes na análise das obras que estudo. Também discutirei a questão do espaço como elemento formador, assim como também a Geografia humanista.

2. ESPAÇO, TEMPO E LUGAR

O espaço e as categorias a ele possíveis de interpretação contém elementos importantes para significar o texto literário, por isso me proponho a discutir categorias geográficas que considero significativas no contexto da Literatura. Desta forma, trato, em um primeiro momento, do espaço e tempo, paisagem, assim como também rural e urbano, tendo em vista as obras literárias que estudo neste texto dissertativo - “*O Cortiço*” de Aluísio Azevedo e “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos. Considerando que a primeira narrativa se dá no espaço urbano e a segunda no espaço rural, acredito ser pertinente trazer estes conceitos para melhor situar as obras e desenvolver as análises, uma vez que estas têm uma narrativa em que espaço e tempo se fazem presente. Em seguida trato do espaço como instrumento na formação, bem como do lugar. Para discutir tais questões baseio-me em autores como Callai (2009), Santos (1988, 2004, 2006), Cavalcanti (2008), Castrogiovanni (2009), entre outros. Ainda neste capítulo discutirei também sobre a Geografia humanista.

2.1 Os conceitos de espaço e tempo

Estamos inseridos no espaço e no tempo, assim como também sabemos ser impossível dissociá-lo um do outro, pois à medida que muda o tempo muda também o espaço. Desta forma, cabe a nós estudá-los conjuntamente. A Geografia se caracteriza por estudar o espaço, contudo, isto não implica que o estudo se dê apenas sobre objetos fixos ou móveis, mas também sobre os sujeitos e suas ações. Baseados, nessas considerações, busco entender melhor o espaço, como também outras categorias que dele podem ser depreendidas.

Para Santos (1988), o espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, e sim uma realidade relacional. É por isso que não é possível defini-lo sem relacioná-lo com outras realidades, isto é, a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho. Desta forma, é impossível pensar o espaço sem a sociedade que o movimenta, que interage com ele. E a Geografia como ciência social tem preocupação em estudar o espaço e suas relações.

Não é o espaço, portanto, como nas definições clássicas de geografia, o resultado de uma interação entre o homem e a natureza bruta, nem sequer um amálgama formada pela sociedade de hoje e o meio ambiente. O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento (SANTOS, 1988, p. 10).

Para discutir as questões referentes ao espaço, primeiramente, não poderíamos deixar de considerar o mundo globalizado em que estamos inseridos, e em consequência disto a aproximação de espaços e de povos a que estamos sujeitos, ainda que seja por padrões econômicos. Seguindo as ideias de Cavalcanti (2008), o espaço geográfico é concebido, intelectualmente, como um produto social e histórico que permite analisar a realidade em sua dimensão material e em sua representação. A Geografia busca, pois, ter um olhar mais integrador e aberto às contribuições de outras áreas da ciência, um olhar mais compreensivo, mais sensível ao senso comum, ou seja, ao sentido atribuído pelas pessoas às suas práticas.

A Geografia lida com conhecimentos sobre o espaço na tentativa de desenvolver o raciocínio espacial, que se entende ser necessário ao exercício da cidadania, uma vez que é uma dimensão da realidade. Todavia, uma das formas de contribuir com o raciocínio espacial seria através de conceitos, os quais aconteceriam através de processos de construção de instrumentos simbólicos que ajudam na relação do sujeito com o mundo, Cavalcanti (2008).

Ainda no que tange o espaço, para Callai (2009), os espaços são construídos ao longo da construção da sociedade. As relações sociais são materializadas em edificações que podem ser observadas fisicamente, e é, pois, nesta materialização que se torna possível interpretar a realidade. O olhar espacial supõe olhar a realidade social verificando as marcas inscritas nesse espaço.

Contudo, Santos (2006, p. 12) faz uma indagação: “Agora que o mundo se mundializou, que será da Geografia?” para o autor não há dúvida de que o mundo sempre foi um só. Todavia, não era possível apreender-lhe a unicidade, exceto para alguns fenômenos de alcance mais geral e fora do domínio social. Mas, atualmente, com a internacionalização das técnicas, da produção, do capital, do trabalho e do consumo, enfim das relações sociais, permitiu-se a universalidade que torna possível a compreensão de cada fração do espaço mundial em função do espaço global.

Tendo em vista que a paisagem é, pois, a representação do espaço em determinado momento é importante nos determos em compreendê-la. Relacionando com o estudo que farei das obras já referidas, vejo a paisagem com um dos elementos muito presente na narrativa, é através dela que significamos o texto.

2.2 Paisagem

É comum nos referirmos à paisagem quando relatamos algo, quando queremos situar um determinado acontecimento ou ainda quando esta nos remete a uma lembrança. Assim

sendo, torna-se importante entender o que é a paisagem e em que ela se difere do espaço. Para isso, além de compreendê-la melhor é também importante considerar que “no mundo de hoje, é frequentemente impossível ao homem comum distinguir claramente as obras da natureza e as obras dos homens e indicar onde termina o puramente técnico e onde começa o puramente social” (SANTOS, 2006, p. 65).

Callai (2009) considera a paisagem como reveladora da realidade do espaço, em um determinado momento. Para a autora, através da paisagem, o lugar mostra a história de uma população, como ela vive e de que recursos dispõe. “A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão cognitiva... Pessoas diferentes apresentam diferentes versões do mesmo fato” (SANTOS, 1988, p. 22).

Mas, é relevante considerar que paisagem e espaço se diferem. A paisagem é a materialização de um instante da sociedade. É como se pudéssemos comparar a realidade de homens fixos, como numa fotografia. Já o espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem. No espaço temos a presença do movimento. Desta forma, podemos dizer que a paisagem e espaço se completam ao mesmo tempo em que se opõem, Santos (1988).

A paisagem é aquilo que podemos ver, e cada pessoa tem a sua maneira de ver a paisagem, além do mais ela tem muito a ver com a identidade do sujeito. Porém, ela está sempre mudando, pode é claro ficar no imaginário do sujeito, mas está em constante transformação. “A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas” (SANTOS, 1988, p. 24). E ainda podemos considerar que,

O espaço, uno e múltiplo, por suas diversas parcelas, e através do seu uso, é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é, cada fração da paisagem. O espaço é a sociedade, e a paisagem também o é. No entanto, entre espaço e paisagem o acordo não é total, e a busca desse acordo é permanente; essa busca nunca chega a um fim (SANTOS, 2006, p. 67).

Contudo, Santos (1988) salienta que há dois tipos de paisagem: a natural e a artificial. A primeira seria aquela que poderíamos dizer que não foi mudada pelo homem e a segunda aquela que é transformada por ele. A partir desta afirmação é possível refletirmos sobre o quanto se tornou difícil nos dias atuais encontrarmos a paisagem natural, uma vez que ela está cada vez mais sofrendo a intervenção do homem e este quando não o faz é por que possui intenções econômicas.

Para Silva (1978), existe também a paisagem cultural. Esta pode apresentar-se de forma homogênea ou heterogênea, uma vez que é o resultado de fatores humanos tais como: econômicos, sociais, políticos, e culturais. Desta forma, a paisagem cultural é modificada pelos próprios grupos humanos. Assim como também, é da combinação entre meio natural e cultural que é formado o meio geográfico. E este sofre modificações à medida que a história humana e natural se desenvolvem. É, pois, inegável a importância da paisagem na relação com o imaginário, e conseqüentemente na significação do texto literário. Ela atua como uma ponte entre leitor e texto, isto é, permite que o leitor elabore signos interpretando e, por sua vez, significando-os.

Na visão de Cavalcanti (2008), a paisagem é formada pelos objetos e sua disposição, pelos odores, sons, pessoas e seus movimentos. Contudo, embora esses elementos distingam a paisagem, é importante esclarecer que há diferenças entre a paisagem urbana e o espaço urbano. No estudo do espaço urbano a paisagem é uma categoria importante, pois fornece pistas para a compreensão do espaço. A observação atenta desta permite percebermos a “espacialização” das diferentes classes sociais: áreas deterioradas, áreas nobres, áreas que estão em processo de valorização são reconhecidas a partir da observação da paisagem. Também é possível perceber a historicidade através da paisagem, quando observamos, por exemplo, a arquitetura da cidade, o que permite não só compará-la com a atual, mas também percebermos o processo histórico pelo qual passou.

Na próxima abordagem darei ênfase às categorias, rural e urbano. Para isso, trago algumas definições de rural e urbano, a fim de que possamos compreender o lugar que ocupam com suas diferenças e transformações.

2.3 Rural e urbano

Pensar o urbano e o rural é pensar o lugar onde a vida acontece, mas também nas transformações que ambos vêm enfrentando. No urbano a infra-estrutura criada pelo homem, no rural um pouco mais de contato com a natureza, mas nem tanto, porque a tecnologia já chegou até lá. Para Santos (1988), durante alguns séculos a interação entre campo e cidade se dava mutuamente, mas devido a alguns processos como as grandes navegações e a revolução industrial, que deram início a evolução tecnológica, não é mais possível continuarmos com os mesmos conceitos. As relações cidade campo se modificaram. “Mas a noção antiga perdurou e mesmo hoje, quando a vida rural às vezes se torna quase autônoma em relação à próxima

cidadezinha, ainda encontramos incorretamente mencionado o tipo clássico de relações entre cidade e campo” (SANTOS, 1988, p. 19).

A cidade, para Santos (1988), aparece, na transição do feudalismo para o capitalismo como o lugar do trabalho livre. É por esse motivo que a cidade se diferencia do campo, por ser considerada o lugar que possibilita o trabalho livre, onde se concentra, o alfaiate, o artesão, o pedreiro, o comerciante, entre outros. No entanto, a formação e o desenvolvimento das cidades se deram em função do avanço das técnicas de produção agrícola que proporcionaram um excedente de produtos alimentares, e com isso foi possível que algumas pessoas se dedicassem a outras atividades que não as agrícolas.

Mas, as mudanças chegaram rápidas, e tanto o campo como a cidade estão modificados. De acordo com o pensamento de Santos (2006), quando tudo era considerado meio natural, o homem, escolhia na natureza, somente o necessário para o exercício da vida. Além disso, valorizava de acordo com os lugares e culturas, as condições naturais. O homem fazia uso do meio natural sem lhe provocar grandes transformações. “As técnicas e o trabalho se casavam com as dádivas da natureza, com a qual se relacionavam sem outra mediação” (SANTOS, 2006, p. 157).

Já com outra visão, bem mais tecnicista, o homem começa a operar outras ações. “Tais ações são, também, consideradas superiores pela crença de que ao homem atribuem novos poderes - o maior dos quais é a prerrogativa de enfrentar a natureza, natural ou já socializada” (SANTOS, 2006, p. 158). Fazendo uso de novos materiais e encurtando distâncias, o homem começa a fabricar um tempo em que os tempos sociais se superpõem e se contrapõem aos tempos naturais.

A urbanização ganha, assim, novo impulso e o espaço do homem, tanto nas cidades como no campo, vai tornando-se um espaço cada vez mais instrumentalizado, culturizado, tecnificado e cada vez mais trabalhado segundo os ditames da ciência. O capital constante que, antes, era um apanágio das cidades, sobretudo naquelas onde se concentrava a produção industrial, passa, também, a caracterizar o próprio campo, na forma de implementos, fertilizantes e inseticidas, máquinas e sementes selecionadas (SANTOS, 1988, p. 16).

Baseado em Souza Santos (1997) poderíamos afirmar que a explosão demográfica se tornou um grande problema enfrentado pela humanidade, e que produz um desequilíbrio entre a população e os recursos naturais. Para suprir essa demanda o setor agrícola teria que aumentar sua produção e o faria à custa da biodiversidade, o que seria um incentivo a degradação ambiental, um problema que tem nos atingido e que cada vez mais toma grandes proporções. Como se não bastasse, esse crescimento populacional é crescente nos países do

sul, o que demonstra uma total desigualdade entre Norte e Sul, e que resulta em um desequilíbrio social e econômico. E ainda poderíamos acrescentar baseado em Santos (1988), que a urbanização tem se expandido de maneira que, tanto nas cidades quanto no campo, o espaço do homem está sob as influências da ciência. Essa ideia, trazida por Santos, permite refletir sobre o quanto a tecnologia está presente seja no campo ou na cidade. Sendo assim, esses espaços que em tempos anteriores eram diferenciados, hoje se aproximam, pois fazem uso de uma ciência que os padroniza.

Na tentativa de melhor compreender ao urbano e mais especificamente a cidade, trago para a discussão Cavalcanti (2008), uma estudiosa da cidade. Para a autora, a cidade pode ser estudada como uma paisagem e, para isso, são destacados alguns elementos que configuram a paisagem urbana tais como: pessoas (habitantes, visitantes, turistas), casas, edifícios, ruas, entre outros. Esses elementos são muito importantes, pois a vida urbana se organiza em torno dessas pessoas e desses objetos.

Seguindo as ideias de Cavalcanti (2008) é necessário esclarecermos a diferença entre cidade e urbano. Para isso, a autora se apóia em Santos (1988) segundo o qual a cidade é considerada a forma, a materialização das relações sociais, enquanto que o espaço é, pois, o conteúdo. Sendo assim, embora haja diferença não é possível fazer uma separação entre ambos. “A cidade é um espaço geográfico, é um conjunto de objetos e de ações; contudo, ela expressa esse espaço como lugar de existência das pessoas, e não apenas como um arranjo de objetos, tecnicamente orientado” (CAVALCANTI, 2008, p. 66). Desta forma, podemos entender a cidade como o lugar que possibilita as relações entre as pessoas, e, portanto, de referência para todas as atividades.

Endlich (2006) nos traz uma definição de rural, porém tal definição não se refere aos tempos atuais, mas nos ajuda a compreender as transformações do rural. Segundo a autora, a vida rural significava uma vida humana em que para sobreviver era necessário muito trabalho. Era uma sociedade autoritária em que o casamento era arranjado, os pais rígidos e extremamente religiosos. Mas essa sociedade mudou. O processo de urbanização impôs ao homem um novo ritmo de trabalho com novas relações tecnológicas, individualização do trabalho que até então era coletivo, e abandono de crenças, passando assim à vida urbana. Os valores que foram estabelecidos por longo tempo foram rapidamente substituídos.

O urbano representa uma condição em que é possível superar a precariedade, isto é de que seria possível uma vida melhor. Ainda que existam condições objetivas, materiais e técnicas, as quais foram possibilitadas pelo capitalismo, a superação das muitas vidas

precárias ainda não foi superada. A sociedade urbana deve ser entendida em um contexto pós-industrialização, pois este a invade e a transforma.

Bagli (2006), outra autora que discute questões referentes ao rural e o urbano (2006), estabelece uma relação entre urbano e rural relacionada com o tempo. Para a autora nos espaços urbanos as transformações são sentidas com mais rapidez. Tudo passa por constantes renovações e transformações. Prédios, casas, ruas, pessoas, vitrines, mercadorias, tudo surge inesperadamente.

No urbano, o cotidiano é construído sobre um tempo mecânico. As formas como as pessoas se apropriam do tempo e dele se utilizam não são compassadas pelas mudanças naturais. O ritmo do tempo segue a velocidade da mobilidade excessiva dos processos de produção, circulação, troca e consumo de mercadorias. O tempo é movimento no urbano, e é sobre esse constante movimento que são construídos referenciais, hábitos e costumes (BAGLI, 2006, p. 83).

No rural, de acordo com Bagli (2006), o tempo é lento. As transformações são sentidas em menor escala. Não que elas não existam, mas não se revelam rapidamente como no urbano. Desta forma, as relações cotidianas são construídas com uma intensa relação com a natureza. O tempo, embora represente movimento, no rural ele se configura em outros tempos. As atividades com a terra permitem que as pessoas vivam em outra lógica, em horários e normas que resultam em outros modos de vida. Contudo, há que salientar que o rural também está subordinado a empreendimentos urbanos. Não se planta/cultiva, apenas para comer e para viver como se fazia antigamente. O que existe é um comércio que está interligado aos avanços do capitalismo, onde o rural assume novos papéis, assim como o urbano também.

Isto não significa dizer que, nos espaços rurais, não há a determinação de um tempo ditado pela lógica capitalista. Ao contrário, o desenvolvimento tecnológico dos meios de produção tem permitido aumentar a capacidade de interferência na natureza, mesmo que aparentemente as mudanças não sejam tão percebidas. Tecnologia que permite controlar determinados aspectos, inserindo maior velocidade à produção de alimentos e matérias-primas (BAGLI, 2006, p. 84).

Na visão de Sposito (2006), não basta diferenciar cidade e campo, mas compreender seus papéis e sentido, assim como entender as relações econômicas, políticas e os valores culturais que orientam estes espaços. Tanto na cidade quanto no campo há divisão territorial do trabalho e também divisão técnica ou econômica do trabalho. Na cidade as atividades exigem proximidade, possibilidade de comunicação, especialização, diferentes papéis e

funções. O campo prioriza a dispersão e atende economicamente o desempenho de outras atividades.

Contudo, Sposito (2006) ressalta que no século XX tornou-se difícil distinguir espaços urbanos e espaços rurais devido à ampliação entre a área de transição entre o que se compreende de cidade e campo. Entre os aspectos que dificultam essa separação entre cidade e campo está o fato de que à medida que a cidade cresce, ela transforma terra rural em urbana. Outro fator também relevante é a chegada de novas tecnologias de comunicação e dos transportes que encurtam distâncias e possibilitam maior mobilidade. No entanto, isso não resulta no desaparecimento de ambos, mas demonstram uma nova realidade que nos permite dizer que rural e urbano mudam ao longo do tempo. Se compararmos a cidade de hoje com a de vinte anos atrás perceberemos muitas mudanças tanto física (edificações, ruas, etc.), como nas relações estabelecidas pelas pessoas. O campo, também apresentará mudança se fizermos a mesma comparação, o que significa que esses espaços estão em constantes transformações.

O reconhecimento de um contínuo cidade/campo não pressupõe o desaparecimento da cidade e do campo como unidades espaciais distintas, mas a constituição de áreas de transição e contato entre esses espaços que se caracterizam pelo compartilhamento, no mesmo território ou em micro parcelas territoriais justapostas e sobrepostas, de uso de solo, de práticas sócio espaciais e de interesses políticos e econômicos associados ao mundo real e ao urbano (SPOSITO, 2006, p. 121).

Tendo em vista que estes conceitos estudados têm a finalidade de auxiliarem no entendimento das obras que estudo - “*O Cortiço*” e “*Vidas Secas*” - penso ser importante trazer um conceito meu, isto é, o meu entendimento a respeito de rural e urbano. O rural, a meu ver, é um espaço onde a terra é cultivada. As pessoas vivem mais próximas a natureza e, embora a tecnologia como TV, internet, máquinas agrícolas modernas, já tenham chegado, o dia-a-dia é baseado nos fenômenos da natureza. Os afazeres mudam de acordo com o sol a chuva, o frio. Todavia, vale ressaltar que o trabalho no rural pode ser visto como um empreendimento urbano financeiro pelo fato das lavouras funcionarem, devido à tecnologia, como empresas. Na cidade é o relógio quem guia o dia-a-dia das pessoas. O asfalto, as casas, na maioria das vezes sem pátio, impede o contato com a terra, as plantas. O trabalho, nos diferentes ramos, faz circular pessoas em um vai e vem contínuo. No entanto, diferente do campo, a cidade permite a coletividade, pois há mais espaços de contato e, portanto, mais convívio social. No campo, o convívio é mais intenso na família, enquanto que na cidade não há a mesma proximidade familiar em consequência do trabalho e da vida agitada.

Minha intenção neste texto não é tratar apenas das categorias isoladamente, mas verificar como o estudo do espaço e suas categorias influenciam na formação do aluno. Para isso, amparada em autores que discutem o Ensino de Geografia, procuro entender o espaço como instrumento na formação.

2.4 O espaço como instrumento na formação

Compreender e interpretar o espaço se constitui em uma ferramenta intelectual para a formação. Sendo assim, para abordar as questões referentes ao Ensino da Geografia penso ser importante, em um primeiro momento, reafirmar como se dá esse processo. Para isso, trago Cavalcanti (2008) que se refere ao ensino como um processo que envolve aluno, professor e matéria, e sendo, pois, impossível separá-los.

O ensino é um processo dinâmico que envolve três elementos fundamentais: o aluno o professor e a matéria. Os três elementos são interligados, são ativos e participativos, sendo que a ação de um deles influencia a ação dos outros. O aluno é sujeito ativo que entra no processo de ensino e aprendizagem com sua “bagagem” intelectual, afetiva e social, e é com essa bagagem que ele conta para seguir no seu processo de construção; o professor, também sujeito ativo no processo, tem o papel de mediar as relações do aluno com os objetos de conhecimento; a geografia escolar é considerada no processo como uma das mediações importantes para a realização dos alunos com a realidade (CAVALCANTI, 2008, p. 48).

Como afirma Callai (2003), a Geografia é uma ciência e uma matéria do ensino que se faz presente na vida de muitas pessoas, seja pela curiosidade em conhecer o mundo, pelos desafios que o meio ambiente enfrenta, pelo planejamento territorial, ou pelas tarefas escolares do ensino básico. Desta forma, o conteúdo escolar tem passado por transformações, a fim de incorporar os avanços da ciência e também de responder as necessidades da escola, que é o de formar sujeitos que compreendam o mundo em que vivem, e que consigam, pois, exercer a sua cidadania.

O processo de ensino/aprendizagem supõe, pois, um conteúdo e métodos, mas acima de tudo devemos considerar que a aprendizagem é um processo do aluno, e as ações devem ser para que possibilite a construção do conhecimento por este aluno. Para isso se estabelece uma relação de diálogo entre professor e aluno. Vale ressaltar, que são posições diferenciadas, pois o professor é o responsável pelo planejamento e desenvolvimento das atividades planejadas, e ao aluno cabe participar se envolvendo com as atividades e significando-as. Também se faz necessário que o professor tenha clareza dos processos pedagógicos e dos conteúdos, mas também “o aluno precisa assumir o papel de querer aprender, ter perguntas a

fazer, e não simplesmente esperar que o professor fique falando, ouvir simplesmente” (CALLAI, 2009, p. 93). Sendo assim, para que aconteça a aprendizagem é necessário não só o conteúdo e a mediação do professor, mas também a participação do aluno como sujeito que pensa, questiona, e é capaz de significar, e ao fazer isso, aprende.

O conteúdo da geografia, neste contexto, é o material necessário para que o aluno construa o seu conhecimento, aprenda a pensar. Aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com os outros saberes (do professor, de outros interlocutores), o seu conhecimento. Este conhecimento, partindo dos conteúdos da geografia, significa “uma consciência espacial” das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que se travam no mundo (CALLAI, 2009, p. 93).

Como já foi dito anteriormente o espaço é o objeto de estudo da Geografia. E por assim ser, ele é um dos conceitos importantes a ser estudado na educação básica, e muito relevante na formação do sujeito. Considerando que o espaço é de todos, isto é, que todos podem fazer uso, embora nem sempre isso aconteça, é muito importante que o aluno o compreenda, a fim de que possa entender o lugar em que vive e refletir sobre ele. Para Castrogiovanni (2009), há, ainda, pouca aproximação da escola com a vida dos alunos, uma vez que esta tem dificuldade em explicar e textualizar as novas leituras de vida e por isso não se torna atraente, pois lá fora a vida é regada a emoções, mistérios, fantasias. É necessário, segundo o autor, “teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la e representá-la melhor e, portanto, viver em busca de seus interesses” (CASTROGIOVANNI, 2009, p. 13).

Com essa visão de que à Geografia cabe ensinar as questões do espaço, é preciso, antes de tudo, diferenciar o espaço da ação ou perceptivo do espaço representativo. O primeiro se constrói através dos sentidos, em contato com o objeto. O segundo é construído na ausência do objeto e por isso é reflexivo. Assim, pode se afirmar que são as relações espaciais que possibilitam as construções e as representações do espaço. “A construção das relações espaciais requererem a interação do sujeito com o meio em que vive e realiza-se através da liberação progressiva e gradual do egocentrismo primitivo” (CASTROGIOVANNI, 2009, p. 16).

Como explica Castrogiovanni (2009), a evolução sobre o entendimento do espaço pela criança se dá em três etapas: etapa do espaço vivido, etapa do espaço percebido e etapa do espaço concebido. Na primeira etapa a criança vive o espaço é o que podemos chamar do ‘aqui’. Este espaço é físico e é vivenciado a partir da locomoção. Através do movimento a criança começa a ter a apreensão do espaço e ele passa então a ser percebido. Como a criança passa a perceber o espaço sem ‘experimentá-lo’, como no espaço vivido, surge, pois, um

distanciamento desta com o espaço vivido. Nesta etapa, não somente o aqui, mas o ali e lá entram em evidência. O espaço passa a ser analisado não apenas pelo movimento, mas também através da observação. A partir dessas considerações percebe a evolução dos conceitos desenvolvidos pela criança, o que leva a perceber a importância desse processo na sua formação.

De acordo com Cavalcanti (2008), no Ensino de Geografia é importante desenvolver a aprendizagem geográfica do aluno. Para isso, cabe ao professor tornar possível esta aprendizagem. O aluno é o sujeito central do ensino e o professor o mediador que possibilita que o aluno se aproprie do conhecimento. Ressalto que o professor não transfere o saber, e sim media o processo baseado em suas concepções teóricas, metodológicas e experienciais. “o trabalho da mediação “didática” do professor é, portanto, o de propiciar a atividade cognitiva do aluno, por meio de um encaminhamento metodológico, para que esse aluno construa conhecimento e desenvolva capacidades e habilidades cognitivas” (CAVALCANTI, 2008, p. 59). Quando digo que o professor mediador também possui saberes experienciais, baseio-me em Tardif (2002) que defende que os saberes experienciais são baseados no trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Advêm da experiência individual e também coletiva, uma vez que o professor também aprende com os colegas, pois vive em um processo de interação. “As experiências escolares anteriores e as relações determinantes com professores contribuem também para modelar a identidade pessoal dos professores e seu conhecimento prático” (TARDIF, 2002, p.73).

Contudo, Cavalcanti (2008) ressalta que para que os alunos entendam os espaços de seu dia-a-dia, que se tornaram complexos, é preciso ensinar-lhes a olhar para um contexto mais global, do qual todos fazem parte, assim como também compreender o que caracteriza e distingue o local. Assim, para atingir esse objetivo de educação, necessita levar em conta o lugar do aluno, a fim de que se possa permitir que ele construa referências que possibilitem analisar criticamente esse lugar. “O aluno, com sua experiência cotidiana a ser considerada em sua aprendizagem, é sujeito ativo de seu processo de formação e de desenvolvimento intelectual, afetivo e social; é sujeito que tem ideias em construção” (CAVALCANTI, 2008, p. 35).

A Geografia escolar, que representa um conjunto de instrumentos simbólicos, conceitos, categorias, teorias, dados, informações, procedimentos, constituído em sua história, é uma mediação importante da relação dos alunos com o mundo, contribuindo assim para a sua formação (CAVALCANTI, 2008, p. 35).

E ainda no que diz respeito o Ensino de Geografia e a sua importância na formação do sujeito, me remeto a Callai (2011), que reitera que a Geografia é um componente curricular que faz parte do currículo da educação básica, e que seu ensino possibilita que os alunos reconheçam a sua identidade, bem como o seu pertencimento no mundo, o qual a globalização intenta a tornar 'tudo igual'. Desta forma, através da Geografia é possível entender o mundo, assim como também permite um processo de permanente constituição, pois não basta conhecer é necessário inserir-se no mundo.

Finalizo essa discussão sobre o ensino salientando que embora ensinar não seja uma tarefa fácil a docência tem suas recompensas. Pois, poder contribuir na formação de seres humanos está para além de trabalhar com objetos. “A educação é uma arte, uma técnica, uma interação, e muitas outras coisas, mas é também a atividade pela qual prometemos às crianças e aos jovens um mundo sensato” (TARDIF, 2002, p. 182).

E ainda, amparada em Tardif (2002), ao professor cabe assimilar uma tradição pedagógica transformada em hábitos, e habilidades de ofício; deve possuir competência cultural que provem da cultura comum e dos saberes compartilhados com seus alunos e ao fazer isso tem de ser capaz de discutir com seus alunos e fazer valer o seu ponto de vista. Deve saber expressar-se, assim como saber gerir uma classe, a fim de atingir objetivos de aprendizagem, e também ser capaz de identificar certos comportamentos e ser capaz, de na medida do possível, modificá-los.

No item que segue abordarei mais uma categoria tratada pela Geografia e que se refere ao lugar. Tendo em vista que é no lugar que as coisas acontecem, torna-se importante entendê-lo melhor.

2.5 O lugar

O estudo do lugar é de extrema importância, pois embora possamos falar da globalização, isto quer dizer, falar que o mundo é global, é no lugar que as relações acontecem, é nele que o homem vive e se constitui.

Estudar e compreender o lugar para Callai (2009) significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além de suas condições naturais ou humanas. O espaço construído é resultado da história das pessoas, dos grupos que nela vivem, como trabalham, se alimentam e usufruem do lazer. Isto resgata a identidade, e neste processo, é muito importante reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares.

Compreender o lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas num tempo e num espaço, que pode ser o recorte de um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado, independente (CALLAI, 2009, p. 84-85).

Ainda no que se refere ao lugar, há, segundo Cavalcanti (2008), uma preocupação com a compreensão de como o capital e as estruturas sociais têm se efetivado no lugar, e, por outro lado, a preocupação em compreender a força do lugar, isto é, em como os elementos do lugar dão identidades a estes lugares, e aos que nele vivem. A partir destas discussões é possível pensar a geografia na escola, pois a escola é, e pode ser, um importante espaço para tratar dessas questões. Ela própria é um dos elementos que constitui o lugar. Desta forma, o lugar passou a ser visto como um elemento importante na escala dos conteúdos, uma vez que é relevante estudá-lo para compreender o mundo.

Para Andreis (2009), o lugar é uma categoria que se torna peculiar para cada sujeito por conter elementos que lhe fazem sentido, e por isso, são relevantes nas decisões que tomam nas suas vidas. “O lugar é autêntico porque é o espaço do vivenciado ontem ou hoje, mas com a particularidade de ter identificação e pertencimento com a pessoa” (ANDREIS, 2009, p. 40). E ainda, baseado em Santos, (2006, p. 230) pode-se inferir que “é o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar *espaço*, o Mundo depende das virtualidades do Lugar. Nesse sentido pode-se dizer que, localmente, o espaço territorial age como norma”.

Em meio às questões referentes ao lugar, ressalto a identidade que diz respeito à subjetividade do lugar, e mais propriamente as experiências vividas no cotidiano. Chamo a atenção para a identidade, pois essa relação estará presente nas obras literárias que serão estudadas neste texto dissertativo.

Na visão de Cavalcanti (2008) a identidade é um fenômeno relacional. Seu aparecimento se dá na interação entre os indivíduos com os lugares, as formas de vida e os modos de expressão. O indivíduo vai se identificando com o lugar e adquire um sentimento de pertencimento que é construído com a familiaridade, a afetividade que tem com o lugar.

O lugar é, portanto, o habitual da vida cotidiana, mas, por outro lado, também é por onde se concretizam relações e processos globais. O lugar produz-se na relação do mundial com o local, que é ao mesmo tempo a possibilidade de manifestação do global e de realização de resistências à globalização (CAVALCANTI, 2008, p. 50).

Como expõe Callai (2009), a identidade é constituída de um conjunto de características que formam a feição de um determinado espaço. Estas podem ser: valores,

costumes, tradições, são elementos, que juntos, formam a identidade do lugar. Todavia, ao se trabalhar com a identidade deve se levar em conta que as relações entre as pessoas e os lugares apresentam contradições. Não são harmônicas, ao contrário, são conflituosas, pois não são homogêneas e por isso permitem o diferente.

A identidade entre as pessoas de um lugar é inequívoca. Talvez seja exatamente por aí que resida a possibilidade de superar a homogeneização imposta pela globalização. A nossa diferença como cidadãos de um determinado lugar é que nos leva à construção da identidade do lugar, embora esta identidade não seja do lugar em si, mas das pessoas que vivem ali e que produzem um espaço com características próprias, com suas marcas e diferenciação internas (CALLAI, 2009, p. 120).

Considerando a homogeneização que o mundo globalizado impõe, o lugar representa resistência, e pode fazer frente às imposições, pois ele possibilita a construção da identidade e de pertencimento e isso faz com que nos tornemos mais livres, e mais sujeitos de nossas ações. “o lugar é a referência que nos possibilita interligar o cotidiano, a vida concreta, com as demandas do mundo global e trabalhando na interface do humano e do natural, compreender o mundo e a sociedade em que vivemos” (CALLAI, 2009, p. 187).

A partir do estudo de categorias que estuda a geografia, é possível pensarmos na relação do homem com o espaço. O mundo sempre esteve aí, como o espaço do homem. A interação e a relação entre ambos poderia, e deveria, ser de respeito e de troca, mas isso não tem acontecido, e o que vemos é um ser humano cada vez menos humano e mais disposto a ultrapassar os limites do bom senso em nome da tecnologia e do dinheiro. A população se expande de forma assustadora e nunca vimos a miséria tão de perto. O mundo está ameaçado, mas é no lugar que vemos e sentimos essa dura realidade. Compreender o espaço e as demais categorias que o cercam é também buscar entender e refletir sobre as ameaças que viemos enfrentando. Entre estas a globalização que nos desafia a buscar alternativas, ou ainda, como coloca Santos (2004), pensar uma outra globalização.

Assim como foi abordado à questão do lugar, penso ser importante trazermos para a discussão o não lugar, a fim de que entendamos que categoria é essa, em que ela implica e como diferenciá-la do lugar.

Uma das características do lugar é a linearidade da ocupação, isto é, o uso do solo a partir de atividades específicas de cada lugar, Callai (2009). Porém, nem todos os lugares são ocupados, há aqueles que não são ocupados, e há aqueles vazios, pois não são significativos para as pessoas. Há que frisar, porém, que mesmo os ocupados podem também não ter nenhum significado. Desta forma, “os não lugares são espaços vazios de conteúdo, sem

história. São neutros, são transitórios, em geral, de uma arquitetura de desnudamento” (CALLAI, 2009, p. 121). O não lugar é vazio sem identificação e pertencimento. Como exemplos, de não lugares, podemos citar: autoestradas, shopping Center, grandes supermercados, grandes aeroportos, entre outros. Também podem ser considerados não lugares os espaços que perderam sua identidade em virtude da realização de uma grande obra, ou áreas amplas, mas que não convidem a permanecer, pois não possuem bancos, sombra, enfim, não são convidativos, não favorecem as relações. As cidades inundadas para a construção de hidrelétricas, ou espaços que impeçam a circulação de pedestres como viadutos e túneis são alguns dos espaços que também podemos chamar de não lugar.

Ao refletirmos sobre os não lugares é possível percebermos o quanto os lugares podem excluir as pessoas. O lugar faz parte da vida das pessoas, e quando estas se identificam com o lugar ele se torna significativo para suas vidas. Os laços afetivos que estabelecemos com o lugar dão uma ideia de pertencimento. Sentimo-nos acolhidos, seguros, enquanto que no não lugar não há laços afetivos, as relações não se estabelecem, somos excluídos. Os não lugares me remetem a pensar sobre a escola. Que lugar é esse? Que sentimentos ela nos causa? Estabelecemos com ela uma ideia de pertencimento? Essas questões seriam, para mim, uma das principais questões que a Geografia deveria abordar, e ao fazer isso não só é possível entender como se sentem os alunos em relação à escola como também trabalhar as categorias estudadas pela Geografia.

A relação de pertencimento em que estabelecemos laços afetivos com o lugar (amor ao lugar) é tratada por alguns autores como *topofilia*. Entre estes está Yi-fu Tuan (1980) que afirma que a topofilia está associada ao sentimento pelo lugar. Para ele o meio ambiente, embora não seja a causa direta da topofilia, ele fornece estímulos sensoriais que resulta nas nossas alegrias e ideais. Contudo, esses estímulos permitem que façamos escolhas sobre o que valorizar e amar, pois somos movidos por um temperamento individual, assim como também por forças culturais de determinada época. As escolhas sobre os lugares advêm da realidade. São feitas a partir de aspectos do meio ambiente que inspiram respeito, sustento ou ainda que representem o lugar ideal para viver a finalidade de suas vidas. “As imagens mudam à medida que as pessoas adquirem novos interesse e poder, mas continuam a surgir do meio ambiente” (TUAN, 1980, p. 137).

Ainda no que diz respeito à topofilia, Tuan (1980) ressalta que os sentimentos topofílicos do passado se perderam. Conhecemos alguma coisa deles através da literatura, das obras de arte. Contudo, isso não significa que estas paisagens e pinturas nos demonstrem claramente a compreensão do meio ambiente e dos gostos pelas paisagens dos tempos antigos.

Pois, o artista sofre influências, e ao descrever algo ou pintar está movido pelo seu entendimento e pelos laços afetivos pelo lugar. Fazendo uma ligação sobre o que pensa o autor com as obras literárias que estudo, acredito que embora a paisagem descrita faça referência a uma região em uma determinada época ela possui traços de afetividade ou repúdio de quem a descreve. Portanto, a descrição não é neutra, pois carrega a objetividade do autor e mostra isso através de seus personagens que gostam ou não de determinado lugar.

Na tentativa de um estudo que não inclua somente o espaço, mas sim que leve em consideração o homem é que se propõe a Geografia humanista. Seu objetivo é fugir da ciência quantitativa que se preocupa com a técnica e os números e valorizar uma maior compreensão do homem, ou melhor, de como o meio significa para o homem. Assim, me deterei, no próximo item, a trazer algumas questões sobre a Geografia humanista.

2.6 A Geografia humanista: como considerar a Geografia atualmente

É impossível não reconhecer a importância da Geografia humanista nos estudos geográficos. Sua contribuição se dá pelo fato de que esta leva em conta os aspectos humanos, busca, pois entender o que o meio significa para o homem. Como expressa Fabregat (1995), a geografia humanista destaca os aspectos humanos, valores, significados e propósitos das ações humanas. Desta forma, “esta corrente não estuda o espaço neutramente, e sim introduz aspectos psicológicos, iniciados na Geografia da percepção, ainda que com outra metodologia” (FABREGAT, 1995, p. 60). Nesse sentido, existem duas correntes filosóficas as quais a Geografia humanista se fundamenta que são elas: a fenomenologia e o existencialismo.

Para Fabregat (1995), a fenomenologia pode ser considerada como a teoria da essência e que se limita a descrever as realidades diretas. De acordo com esta corrente, o conhecimento não se adquire somente através do método científico, uma vez que os seres humanos ao experimentarem a vida chegam a um conhecimento que é relacionado com suas experiências, e por isso pode ser chamado de intuitivo. O conhecimento científico se baseia em suposições feitas a partir de observações. Enquanto que o conhecimento fenomenológico tenta captar a essência de um objeto tal como ele se apresenta na consciência do ser individual. Desta forma, “basicamente a colaboração fenomenológica com a Geografia humanista é o conceito de *lebenswelt* o mundo vivido pela pessoa” (FABREGAT, 1995, p. 61).

Já o existencialismo defende que o homem é um ser arrojado ao mundo e que se constitui por si próprio. Por esse motivo, de acordo com o autor, a existência seria anterior a

essência. O homem está entre as coisas, ao mesmo tempo em que cria o que se constitui seu verdadeiro mundo, isto é, um conjunto de relações úteis. Desta forma, se cria o espaço humano do mundo. Mas há que dizer que é ele, o homem, quem cria seu próprio espaço. Assim, “se introduz o mundo subjetivo e criado pelas pessoas, conceito que enlaça plenamente com a Geografia humanista” (FABREGAT, 1995, p. 61).

Influenciada por estas duas correntes filosóficas é que se estuda a paisagem geográfica subjetivamente. Fabregat (1995), afirma que o homem, a partir de símbolos e conceitos, liga o espaço a ele por laços emotivos e essa relação com o espaço converte-se em lugares. A fenomenologia busca compreender o mundo vivido, assim como também responder algumas perguntas, entre estas: qual é a natureza do homem habitante da terra; quais as experiências significativas dos lugares; como experimentamos o sentido de pertencimento com o lugar, como surgem os afetos e os repúdios com os lugares.

A relação com que liga o homem com o lugar se dá através de quatro mecanismos: a topofilia (amor ao lugar), a topoidolatria (idolatria a um lugar), a topofobia (repúdio a um lugar) e a toponegligência (indiferença pelo lugar). Com isto se introduziu no campo geográfico o conceito de empatia, termo cunhado por Vischer em 1872. Este filósofo via como uma qualidade quase mística e falava de uma união emocional que se produz entre a pessoa e um objeto exterior. Ao observar que também a experiência de objetos absolutamente abstratos podia despertar os sentimentos é que se avançou a hipótese de que a empatia com os objetos tem lugar quando projetamos sobre eles nossas emoções pessoais (FABREGAT, 1995, p. 62).

Fabregat (1995) faz referencia ainda a Joan Nogué que trabalha em seu livro “uma leitura geográfica humanística da paisagem de Garrotxa” em que utiliza da Literatura, da fotografia e da análise de alguns grupos de experiência ambiental com o objetivo de conhecer o espaço pessoal vivido e de perceber ao significado que a paisagem tem para o homem. Penso que através da Literatura é possível estabelecermos essa relação homem e meio, assim como também compreender qual o significado que o meio tem para o homem e de que maneira influencia na sua vida. Reforço que mesmo trabalhando com o imaginário a Literatura trabalha com o espaço e com o homem, e é impossível fugir, pois dessa relação.

De acordo com Corrêa e Rosendahl (2007), a Geografia humanista emergiu no início dos anos 70 em reação contra a chamada Geografia quantitativa que até então era dominante. Nessa nova visão o sujeito passa então a fazer parte do interesse dos geógrafos e com isso a Literatura passou a ter importância significativa para a Geografia. Esta passa ser uma fonte valiosa, “capaz de avaliar a originalidade e a personalidade dos lugares e fornecer exemplos eloquentes de apreciação pessoal de paisagem” (CORRÊA; ROSENDHAL, 2007, p. 20).

A justificativa, segundo os autores, para se trabalhar com a Literatura é de que esta convida os geógrafos a fazer uma reflexão sobre as obras literárias, a fim de eliminarem a divisão dos saberes referentes ao espaço. Assim, a Literatura está associada aos trabalhos sobre o espaço vivido. É comum os pesquisadores das ciências humanas, principalmente os historiadores, buscarem na Literatura as informações tanto sobre os lugares como as épocas passadas.

De início a preocupação era com a evolução das paisagens rurais. Em seguida se priorizou a revisão dos romances franceses com ênfase à Literatura rural e a operária, assim como também a Literatura de viagem e pelo romance da cidade. Contudo, o interesse era pelo seu valor documental. Logo se percebeu que a apresentação das relações homem-natureza e da exploração econômica da região era digna de crédito. Para isso, era necessário saber se o autor viveu nos lugares que descreve. “A precisão com que eles serão evocados e o sentimento de pertencimento daí provenientes serão função do maior ou menor conhecimento que o autor tem sobre eles” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 24).

Corrêa e Rosendahl (2007) afirmam que embora se levante a dúvida sobre a exatidão da paisagem descrita, vez que se reserva uma parte para a subjetividade do autor, ainda se torna digna de crédito sua visão das relações homem-natureza ou da personalidade do lugar. Desta forma, segundo os autores, a ficção se limita à parte visual do texto enquanto que a leitura das relações entre os elementos decorreria da objetividade. A partir dessas considerações me pergunto: e a subjetividade ficaria com o leitor/ouvinte? Seria ele que daria sentido/significado a este texto à partir de sua subjetividade? Para mim a resposta é sim, pois é o receptor que dá sentido ao texto, uma vez que a Literatura é polissêmica. Corroboro essa ideia com base nas OCNEM (2006, p. 67) que reforçam que:

A leitura do texto literário é, pois, um acontecimento que provoca reações, estímulos, experiências múltiplas e variadas, dependendo da história de cada indivíduo. Não só a leitura resulta em interações diferentes para cada um, como cada um poderá interagir de modo diferente com a obra em outro momento de leitura do mesmo texto.

Contudo, a Literatura é vista mais como um testemunho das pessoas reais, as quais o texto traz sobre a capa da ficção, e não como reflexo fiel de uma realidade. Desta forma, o realismo das obras seria um realismo subjetivo que o romance saberia explicar e descrever. Isso para Corrêa e Rosendahl (2007) remete a questão da verossimilhança, mas também da representatividade que uma obra, de ficção, pode ter a intenção de pretender. Em face desse

problema sobre a fidelidade das informações presente no romance, é que alguns autores fazem um trabalho comparativo de inúmeros autores sobre um mesmo lugar em uma mesma época.

Como já foi referida anteriormente a geografia humanista valoriza a originalidade dos lugares, assim como a experiência que o homem tem dele. Representações, subjetividade, identidade, intenções, experiência concreta e percepção são noções para situar o sujeito no centro das preocupações dos geógrafos e nas reflexões sobre a relação homem-lugar. “Preocupados em ver como o homem interioriza ou representa a sua experiência do espaço, os geógrafos humanistas privilegiam o romance na medida em que ele parece lhes propiciar a ocasião ideal de um encontro entre o mundo objetivo e a subjetividade humana” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 31).

No entanto, ainda que se valorize a carga subjetiva do romance não dá para negar que estes estudos não conseguem escapar de uma visão realista. Contudo, o romance permite percebermos a experiência dos lugares, a identidade espacial ou ainda o sentido que o homem atribui aos lugares.

Assim, o realismo passa da representação do mundo exterior, como era o caso de uma leitura dita “literal”, para a leitura de sua apreciação subjetiva. No entanto, continuamos no interior de uma concepção mimética: da literatura concebida como reflexo da realidade favorecemos, a partir daí, sem excluir a primeira, uma concepção que a considera como reflexo da alma. Isso, aliás, está em concordância com algumas versões do projeto humanista que não se volta tanto para as características do lugar, e sim para a experiência que o homem tem dele (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 32).

Corrêa e Rosendahl (2007) chamam a atenção para o fato de que o estudo com a Literatura precisa ser feito a partir de uma reflexão teórica sobre o funcionamento do texto literário. Pois, só assim é possível compreender e conhecer sobre as qualidades objetivas da paisagem como também compreender as experiências subjetivas ligadas a estas. Desta forma, a importância da Literatura nos estudos geográficos seria o de possibilitar unir objetividade e subjetividade ao mesmo tempo. A respeito do que afirmam os autores, penso que este é o objetivo deste texto. Refletir sobre o texto literário levando em consideração o que ele traz de objetivo, o lugar, a paisagem e o que traz de subjetivo que é a relação do homem com meio e ainda a subjetividade de quem lê esse texto e a partir daí o significa.

Após apresentar algumas categorias que considero importante para a realização das análises, no próximo capítulo discuto sobre o que é a interdisciplinaridade entre Literatura e Geografia, assim como também trago as sinopses das obras, a fim de que se torne possível saber de que se tratam as narrativas. Por fim, me detenho nas análises da obras referidas.

Contudo, saliento que embora se dê uma maior atenção às obras nesse terceiro capítulo, todo o texto é pensado com base nestas duas narrativas.

3. A LITERATURA E A GEOGRAFIA EM UM TRABALHO INTERDISCIPLINAR

Neste capítulo trato do que é interdisciplinaridade, tendo em vista que considero importante discutir esse conceito já que este texto dissertativo é um trabalho em que Literatura e Geografia são estudadas conjuntamente. Ainda neste item, trago as sinopses das obras literárias – “*O Cortiço*” de Aluísio Azevedo e “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos, a fim de que possa situar o leitor/ouvinte/intérprete. Em seguida analiso as obras referidas, a partir de recortes, levando em consideração, além de seu valor literário, o espaço e as categorias que dele fazem parte.

3.1 O que é a interdisciplinaridade entre a Literatura e a Geografia

É importante para o estudo que desenvolvo entender o que é a interdisciplinaridade. Para tanto, faz-se necessário compreender melhor este conceito e em que implica. Para isso, busco interlocução em autores que discutem o assunto, e que podem me ajudar a situar este conceito e relacioná-lo com a proposta de estudo que desenvolvo. Também faço referência aos documentos oficiais, Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM, 2000), uma vez que esses também abordam o tema.

Vale destacar, primeiramente, a abordagem que os PCNEM (2000) fazem a respeito da interdisciplinaridade e também da contextualização – conceito que já abordei anteriormente. Em uma proposta de reforma do currículo, esses documentos enfatizam que através da organização curricular por áreas que articulam a linguagem, a filosofia, as ciências naturais e humanas e as tecnologias, pretende-se contribuir para a superação do tratamento compartimentalizado do conhecimento escolar.

Nesta perspectiva a interdisciplinaridade não visa, pois, a criação de outras disciplinas, mas usar dos conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema ou ainda compreender um fenômeno. De acordo com os PCNEM (2000), a interdisciplinaridade precisa ser entendida a partir de uma abordagem relacional, isto é, se propõe, através da prática escolar, que sejam estabelecidas interconexões entre os conhecimentos em uma relação de complementaridade ou ainda de convergência ou divergência.

Ao propor uma nova forma de organizar o currículo, trabalhando na perspectiva interdisciplinar e contextualizada, parte-se do pressuposto de que toda a aprendizagem significativa implica uma relação sujeito-objeto e que, para que esta se concretize, é necessário oferecer as condições para que os dois pólos do processo interajam (PCNEM, 2000, p. 22).

Morin (2000; 2003) faz referência em seus estudos à questão interdisciplinar, e por isso acho importante trazê-lo para o debate. Em sua obra “os sete saberes necessários à educação do futuro” Morin (2000), faz uma série de discussões a respeito da educação atual e da educação do futuro. O autor aponta que os saberes estão desunidos, compartimentados, enquanto que a realidade ou os problemas são cada vez mais interdisciplinares, globais. Sendo assim, de acordo com o autor, é necessário situar as informações no contexto para que tenham sentido. “Os problemas fundamentais e os problemas globais estão ausentes das ciências disciplinares. São salvaguardados apenas na filosofia, mas deixam de ser nutridos pelos aportes das ciências” (MORIN, 2000, p. 40). Desta forma, as mentes formadas pelas disciplinas perdem a capacidade de contextualizar os saberes. Estes, quando fragmentados, fracionam os problemas, separam o que está unido.

Essa fragmentação é sentida na escola, em que cada disciplina ensina o seu saber. Com isso, o aluno sente a dificuldade em contextualizá-lo. Para Morin (2003), há uma grande dificuldade em encontrar uma “interarticulação” entre as ciências. As disciplinas precisam comunicar-se e para isso a interdisciplinaridade muito contribui.

Contudo, é importante além de trazer a inclusão da interdisciplinaridade no currículo também abordar conceitos de interdisciplinaridade para que entendamos melhor qual a sua função no ensino. Nas reflexões de Morin (2003) a interdisciplinaridade nada mais é que uma cooperação e ainda reitera:

Devemos “ecologizar” as disciplinas, isto é, levar em conta tudo o que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio elas nascem, levantam problemas, ficam esclerosadas. É necessário também o “metadisciplinar”; o termo “meta” significa ultrapassar e conservar. Não se pode demolir o que as disciplinas criaram; não se pode romper todo o fechamento: há o problema da disciplina, o problema da ciência, bem como o problema da vida; é preciso que uma disciplina seja, ao mesmo tempo, aberta e fechada (MORIN, 2003, p. 105).

Na visão defendida pelos PCNEM (2000), fica mais claro entender o conceito de interdisciplinaridade quando consideramos que todo o conhecimento mantém um diálogo com outros conhecimentos e que esta conversa pode resultar em questionamento, complementação, confirmação, negação ou ainda iluminação de alguns aspectos que não estejam claros. Sendo assim, a relação estabelecida entre as disciplinas pode ser de integração de ideias como também da integração de conceitos ou pode ser ainda, a constatação de que há diversidades nas formas de conhecer.

É importante enfatizar que a interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido, ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais um olhar, talvez vários (PCNEM, 2000, p. 76).

Ainda no que diz a respeito à interdisciplinaridade trago as concepções de Paviani (2008), que também discute a questão. Para o autor, a interdisciplinaridade deve ser usada com o objetivo de encurtar a distância ente os conhecimentos sejam nos processos de ensino ou pesquisa. E afirma que o ensino que não reconhece o caráter processual e limitado dos conhecimentos teóricos tende a torná-los doutrinários ou ideológicos. Desta forma, a interdisciplinaridade não seria um fim, mas uma estratégia que visa unir as partes ao todo.

Contudo, Paviani (2008), salienta que não existem fórmulas de interdisciplinaridade. Do mesmo modo de que não basta dizer que a interdisciplinaridade tem como função promover a interação de disciplinas e integrar professores, faz-se necessário explicitar como se viabiliza essa interação e em que consiste a integração. As atividades interdisciplinares vão além de promover aproximações, pois necessitam de procedimentos coerentes e que vão ao encontro da estrutura tanto do ensino quanto da pesquisa.

A função da interdisciplinaridade é a de atender à necessidade de resolver problemas pedagógicos e científicos novos e complexos, dentro de uma determinada concepção de realidade, de conhecimento e de linguagem. Os vínculos entre as ciências e as disciplinas, em qualquer caso, sempre são parciais e auto-organizativos, pois dependem de pressupostos lógicos e ontológicos (PAVIANI, 2008, p. 19).

Considerando essas concepções é que busco aproximar a Literatura e a Geografia. Primeiramente devo ressaltar que o texto literário, por si só, já pode ser considerado interdisciplinar, uma vez que explora um cenário amplo em que precisamos por em uso diferentes conhecimentos para significá-lo. Por outro lado, é importante que as diferentes áreas do conhecimento dialoguem entre si, uma vez que o conhecimento não pode ser fragmentado, e sendo assim se faz necessário fazer uso do interdisciplinar, inclusive como superação deste paradigma há muito instituído. Como bem coloca Japiassu (1976, p. 26) um dos precursores das questões sobre a interdisciplinaridade no Brasil, “a exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade, tomando consciência de seus próprios limites para acolher as contribuições das outras disciplinas”.

Foi pensando nessa ideia de não fragmentação do saber que me remeto às discussões sobre o trabalho com a Literatura em sala de aula. É importante considerar que o professor

muitas vezes esquece sua formação literária ou então não trabalha com frequência, a não ser no ensino médio em que se torna obrigatória. Daí o que se presencia é uma grande dificuldade em inseri-la na escola, e um grande repúdio por parte dos alunos. Desta forma, acredito que a Literatura precisa buscar aliados com intenções próximas, a fim de possibilitar o ensino de Literatura. Entre estes está a Geografia que tem buscado a incorporação de outras linguagens como a música, a Literatura, as charges, a internet e, portanto, pode ser parceira da Literatura no ensino.

Ampliar o uso de procedimentos de ensino que sejam propiciadores da manifestação dos sujeitos, de sua diversidade e do processo de significação de conteúdos, incluindo a música, a literatura, o cinema, a cartografia, o estudo do meio, os jogos de simulação (CAVALCANTI 2008, p. 32).

A partir desta afirmação de Cavalcanti (2008), se percebe o interesse e necessidade de considerar a complexidade da vida e das formas de entendê-la. Seguindo essa linha de pensamento me apoio em Monteiro (2002), um geógrafo que em sua obra “O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas” faz um estudo em que estabelece uma relação entre o lugar e o imaginário. Para ele a construção do lugar ou o conjunto de lugares que contém um romance levaria a consideração de que o espaço é ‘meio’ do sentido e também seu objeto. Desta forma, a concretude do lugar qualificado por um espaço geográfico seria uma necessidade que se realiza num “*continuum*” local mais ou menos definido, em que a percepção do leitor tende a identificar uma realidade concreta, geográfica. Ao espaço exterior, contrapõe-se aquele outro, que vem do indivíduo,

Ao mesmo tempo trajetória física e moral, externa e interior, real e simbólica, que pode conduzir tanto a noção do cheio quanto à do vazio. A noção de realidade geográfica juntar-se-ia aquela outra, antropológica do imaginário (MONTEIRO, 2002, p. 14).

A noção de lugar, embora sendo obra de imaginação e criação literária, contém uma verdade que pode estar além daquela advinda da observação acurada, do registro sistemático dos fatos. Esta capacidade paradoxal encontrável na Literatura, ou a ela conferida pelo geógrafo, brota de um reconhecimento de que a verdade do mundo seria transcendente dada por geógrafos, historiadores e sociólogos. Não se trataria de substituir a análise científica pela artística, mas permitir novas maneiras de interpretação, além de reconhecê-la como enriquecimento.

Para Moreira (2007), o viver humano é a unidade do simbólico e do real, unidade de um mundo impregnado de imagens e sua plethora de significados. Interpretando o mundo simbólico, a Literatura apenas se aproveita do que a ciência menospreza, na insuspeição com que esta despreza precisamente o fato de que a história é uma construção do sujeito homem. Fonte privilegiada da linguagem tanto real da ciência quanto simbólica da arte, o espaço é o tema que pode, numa leitura não positivista do mundo, unificar a ciência e a arte numa mesma perspectiva de olhar. Eliminando, assim, a dualidade objetivo-subjetivo da compreensão do homem que elas encerram. Até porque, quando falamos da realidade da vida dos homens utilizamo-nos do rico universo linguístico do espaço, nos movemos num arsenal semiótico de horizontes e pluralidade infinitos.

Moreira (2007) nos remete a um mundo de possibilidades em que a Literatura e o espaço são os personagens principais. Em seu texto o autor trabalha com alguns clássicos da Literatura brasileira. Com a expressão “dar vida geográfica à literatura do romance” (MOREIRA, 2007, p. 81) o autor nos mostra como é possível estabelecer tal relação embasada pela categoria do espaço. Para entendermos uma obra a contextualizamos no tempo, contudo, habitualmente o espaço fica abstraído desta contextualização. Esqueçemo-nos que tempo e espaço andam juntos e que, portanto, é impossível separar a Literatura e espaço.

Ainda pensando no estudo do lugar, Callai (2009) nos desafia a pensar a partir de um texto retirado da obra de Lewis Carrol chamado “*Aventuras de Alice*”. A partir de questões que nos levam a refletir sobre o lugar é possível que se vislumbre o espaço, pois o estudo de uma nação ou de uma cidade supõe que se conheça o lugar no conjunto do espaço. É importante contextualizar e entender o porquê das coisas aparecerem como se apresentam. O resultado desse trabalho proposto pela autora pode render atividades voltadas para geografia como, por exemplo, uma escrita cartográfica do texto como também uma análise literária do texto valorizando a representação e o que ela implica. O que ratifica as possibilidades de trabalho entre a Literatura e a Geografia.

É sempre conveniente reafirmar que os conteúdos em si são mais do que simples informações a serem aprendidas, eles devem significar a possibilidade de se aprender a pensar (CALLAI, 2009, p. 89).

Baseado nestas abordagens que trago da Literatura e da Geografia acredito ser possível trabalhar a Literatura e a Geografia conjuntamente. Esta não é uma discussão exaustiva, mas um começo em que se pode agregar outros tantos estudiosos que estão tratando da questão.

No trabalho com a Literatura, a Geografia vem contribuir, pois as descrições das paisagens e lugares ajudam na compreensão do texto, uma vez que estas são um dos elementos essenciais para dar sentido a narrativa.

A partir das reflexões aqui desenvolvidas, penso ser possível a aproximação e a contribuição entre a Literatura e a Geografia. Após abordar algumas categorias da Geografia que considero importantes na relação com o texto literário, pude perceber que é possível a interdisciplinaridade entre a Literatura e a Geografia. Sendo assim, ratifico que a Literatura auxilia os geógrafos uma vez que apresenta um cenário repleto de descrições sobre o lugar que podem ser explorados pela Geografia. Por outro lado, um texto escrito substitui os elementos cênicos pela descrição. Através dela o leitor visualiza, através da imaginação, os acontecimentos narrados tanto dos aspectos físicos e psicológicos das personagens, como do espaço em que estão inseridas, permitindo uma maior compreensão da narrativa. O que nos leva a perceber que a contribuição de uma para com a outra possibilita a realização de um trabalho em conjunto em sala de aula, que venha ao encontro do interesse de ambas.

A seguir trago a sinopse das obras: “*O Cortiço*” de Aluísio Azevedo e “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos, com a intenção de situar o leitor de maneira que este compreenda de que trata as narrativas para melhor entender a interpretação que faço de ambas.

3.2 As obras (*Vidas Secas* e *O Cortiço*)

Neste item apresento as sinopses das obras “*O Cortiço*” de Aluísio Azevedo e “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos. Saliento, portanto, que estas são o resultado do meu olhar, a partir de minha leitura, o que faço amparada na metodologia, qualitativa, que sustenta a pesquisa, pois esta considera a interpretação e, portanto, vem ao encontro do estudo proposto. Reafirmo que as escolhas se deram pelo fato de serem duas obras importantes da Literatura brasileira, que além de permitir a análise literária, também permitem depreender análises da paisagem, do rural, urbano, e do lugar enquanto espaço/tempo.

3.2.1 Sinopse – *O Cortiço* (Aluísio Azevedo)

Apresento, primeiramente, uma biografia do autor a fim de que se conheça, principalmente, a sua obra. Aluísio Azevedo nasceu em São Luís do Maranhão em 1857. Ele foi o titular da Quarta Cadeira da Academia Brasileira de Letras. Aluísio estudou em São Luis onde trabalhou como caixeiro e guarda-livros. Desde cedo demonstrou interesse pelo desenho

e pela pintura. Em 1876, mudou-se para o Rio de Janeiro matriculando-se na Imperial Academia de Belas Artes, Escola Nacional de Belas Artes. Para manter-se fazia caricaturas para os jornais da época e a partir desses bonecos escrevia cenas de romances.

A carreira de escritor iniciou-se com a publicação, em 1879, do romance *“Uma Lágrima de Mulher”* a partir de então decidiu que ganharia a vida como escritor. Em 1881, lançou *“O Mulato”*, romance que causou grande escândalo entre a sociedade maranhense, pois denunciava o preconceito racial. Das observações e análises dos agrupamentos humanos, bem como a degradação das casas de pensão e sua exploração pelo imigrante, resultaram em duas de suas melhores obras: *“Casa de Pensão”* e *“O Cortiço”*. De 1882 a 1895, escreveu romances, contos, crônicas, além de peças de teatro escritas em colaboração com Artur de Azevedo e Emílio Rouède. Em 1895, encerrou a carreira de romancista e ingressou na diplomacia. Faleceu em Buenos Aires, Argentina, em 1913.

Além das obras citadas também publicou: *“Mistério da Tijuca”* (romance - 1882; reeditado; *“Girândola de Amores”*); *“Memórias de um Condenado”* (romance - 1882; reeditado: *“A Condessa Vésper”*); *“Casa de Pensão”* (romance - 1884); *“Filomena Borges”* (romance - 1884); *“O Homem”* (romance - 1887); *“O Coruja”* (romance - 1890); *“Demônios”* (contos - 1895); *“A Mortalha de Alzira”* (romance - 1894) e *“Livro de uma Sogra”* (romance - 1895).

“O Cortiço” é uma obra escrita por Aluísio Azevedo e foi lançado em 1890. O livro é composto de 23 capítulos, que relatam a vida em uma habitação coletiva de pessoas pobres que vivem em um cortiço na cidade do Rio de Janeiro. O romance é considerado por muitos estudiosos como peça-chave para o melhor entendimento do Brasil do século XIX. No entanto, ressalto que sendo obra literária, o romance não pode ser entendido como um documento histórico, mas é possível percebermos que as ideologias e as relações sociais presentes na obra eram muito parecidas com o que estava acontecendo na época no Brasil. A obra é narrada em terceira pessoa e está inserida no movimento naturalista, que leva em consideração os aspectos cognitivos e biológicos e defende que o homem sofre influências do meio social, assim como também do ambiente em que vive.

“O Cortiço” tem como personagem principal João Romão, um português que tem como principal objetivo na vida enriquecer a qualquer custo. Ambicioso e egoísta não mede esforços, sacrificando até a si mesmo para atingir seu objetivo. Contudo, João Romão não sacrifica apenas a si próprio, também explora os empregados e usa-se de meios ilícitos como o furto para progredir. Assim, com a ajuda de Bertoleza, que trabalhava de domingo a domingo João Romão vai enriquecendo. Torna-se dono do cortiço da taverna e da pedreira,

mas isso não lhe é suficiente. Em oposição a ele, surge Miranda um comerciante bem estabelecido que se desentende com João Romão após uma disputa por uma braça de terra que deseja comprar para aumentar seu quintal. Como não houve entendimento as relações entre ambos foram rompidas.

Sentindo-se inferior a Miranda, que possui uma condição financeira melhor, João Romão dedica-se incansavelmente a seu objetivo, enriquecer. No entanto, quando Miranda ganha o título de barão, João se dá conta que não basta ganhar dinheiro, é preciso ser reconhecido, ser respeitado, ter posição social, e isso passa também a fazer parte de seus interesses.

João Romão conta com a ajuda de Bertoleza nos serviços da taberna. Esta era uma negra que havia fugido do dono e que trabalhava na venda de João Romão. Eles tornam-se amantes e João mente ter comprado sua carta de alforria. Com isso, usa de suas economias e de seu trabalho. No início João Romão constrói três casinhas e aluga. Logo, estas se tornam noventa e nove. O crescimento se deve a renda obtida pelos aluguéis, mas também ao furto dos materiais de construção que João e Bertoleza roubam à noite dos vizinhos. Desta forma, com as moradias prontas e com a água em abundância – condições do meio – a moradia coletiva se desenvolveu.

Assim, o cortiço ganha vida acolhendo uma gama diferenciada de pessoas. Um fervilhar de personagens com personalidade e hábitos diferentes. Neste ambiente vivem muitas pessoas entre estes está Rita Baiana, Firmo, Jerônimo e Piedade. Jerônimo é um português casado com Piedade e tem uma vida exemplar até se envolver com a mulata Rita Baiana que tem um romance com Firmo. Após o envolvimento o português muda todos os hábitos.

Moram no cortiço ainda Neném, adolescente negra de libido explosiva que perde a virgindade nas mãos de um empregado de João Romão e cai na vida. Albino, de tendências homossexuais. Botelho, homem corroído pelas hemorróidas e pelo pior tipo de materialismo, aquele que é alimentado pela cobiça de quem não tem nada.

Pombinha, moça afilhada da prostituta Léonie, que é responsável também por sua iniciação sexual. A menina é noiva de João da Costa. Seu casamento seria a possibilidade de sair daquele local. Mas, sua mãe adiava o casamento, pois acreditava que enquanto a filha não se tornasse mulher, ou seja, tivesse sua primeira menstruação, não podia casar-se. Os moradores do cortiço a consideravam a flor do cortiço. Como era uma das poucas alfabetizadas, dedicava seu tempo em ler e a escrever as cartas dos diferentes moradores do cortiço, o que fazia com que entrasse em contato com as diferentes histórias daquelas pessoas.

Mas isso não atinge sua inocência até o momento em que, mulher, isto é, já capaz de menstruar e, portanto, cumprir seu papel biológico de reprodução, adquire maturidade suficiente para entender o que se passa entre aquela multidão de machos e de fêmeas. Com nojo de tudo o que via, Pombinha desencanta-se. Torna-se lésbica e cai na vida, principalmente por influência de sua iniciadora, Léonie.

Em meio à vida no cortiço, João Romão vai conquistando tudo o que almeja. Já em uma posição social elevada, ele consegue tornar-se barão. Com isso a relação entre ele e Miranda melhora, pois este passa a reconhecer não somente sua ascensão, mas também sua superioridade. João Romão, já com ares aristocrático, decide promover mudanças na estalagem, bem como no cortiço, que perde o caráter desorganizado e transforma-se na vila João Romão.

Com prestígio diante de Miranda, João Romão decide pedir sua filha em casamento, contudo, Bertoleza era uma ameaça a este casamento, pois exigia parte dos bens, já que havia ajudado a construí-los, e por isso João Romão decide tira-la de seu caminho. Como sabia que Bertoleza era uma escrava fugitiva, decidiu denunciá-la a seus donos. Quando estes chegam para buscá-la, Bertoleza se desespera e num ímpeto suicida-se com a faca que usava para limpar os peixes. No mesmo instante chega ao armazém uma comissão de abolicionistas que vêm entregar a João Romão um diploma de sócio benemérito.



Imagem 1: Cortiço na Rua Visconde do Rio Branco, Rio de Janeiro, 1906. Disponível em: <<http://educacao.vol.com.br/portugues/cortiço-azevedo.htm>>. Acesso em: 20 Outubro 2011.

3.2.2 Sinopse – *Vidas Secas* (Graciliano Ramos)

Antes de trazer a sinopse da obra trago uma breve biografia do autor apresentada em sua obra. Graciliano Ramos nasce em 27 de outubro de 1892 em Alagoas. Suas primeiras experiências como escritor foram no periódico “*Echo Viçosense*” e no jornal carioca “*O Mulato*”. Em 1914, no Rio de Janeiro começa a trabalhar como revisor no “*Correio da Manhã*”. Em 1915 casa-se com Maria Augusta de Barros, com quem teve quatro filhos, que morre em 1920 devido a complicações no parto.

Em 1925 começa a escrever “*Caetés*”, lançado em 1933. O final da década de 1920 marca dois outros momentos de sua vida: o casamento com Heloísa Leite Medeiros, com quem tem mais quatro filhos, e a eleição para prefeito de Palmeira dos Índios, cargo que renuncia em 1930. No ano de 1932 começa a escrever “*São Bernardo*”, romance que publicou em 1934. Em março de 1936 é preso, em Maceió, sem culpa formada, acusado de ser comunista. Segue para o Rio de Janeiro onde fica preso quase um ano. Ainda na prisão publica o romance “*Angústia*”. Ao sair da cadeia vai morar com a família no Rio de Janeiro. Inicia a publicação de alguns contos no jornal argentino “*La prensa*”, entre eles “*Baleia*”, que fará parte de “*Vidas Secas*”, publicado em 1938. Quando completou 50 anos recebeu o prêmio “Felipe de Oliveira” pelo conjunto de sua obra. Em 1945, a convite de Luís Carlos Prestes, filia-se ao Partido Comunista e lança “*Infância*” e dois anos mais tarde “*Insônia*”. Em 1952 sua saúde se agrava vindo, pois, a falecer no ano seguinte. Neste mesmo ano é publicado postumamente “*Memórias do Cárcere*”.

“*Vidas Secas*” é um romance escrito por Graciliano Ramos entre 1937 e 1938 e publicado, originalmente, em 1938. A obra é escrita em terceira pessoa e narra a história de uma família de retirantes do sertão brasileiro que vive em uma condição subumana, diante de problemas sociais como a seca, a pobreza, e a fome, e, em consequência, vive diferentes sentimentos e emoções que os obriga a viver e a procurar meios de sobrevivência, criando, assim, uma ligação muito forte com a situação social do Brasil hoje. O livro possui treze capítulos até certo ponto autônomos, mas que se ligam pela repetição de alguns motivos e temas tais como a paisagem árida, os pensamentos fragmentados das personagens, a linguagem usadas por estes, assim como também as diferenças sociais. A obra é considerada pelos críticos um marco na Literatura brasileira e principalmente ao Modernismo brasileiro.

Tudo começa em meio à hostil paisagem do sertão nordestino. Uma família, composta por quatro pessoas e uma cachorrinha, caminha silenciosa tentando fugir da seca. Entre eles está Fabiano (o pai), sinhá Vitória (a mãe), o menino mais velho, o menino mais novo e

cadela Baleia. Todos estão exaustos. O menino mais velho deita-se no chão, incapaz de prosseguir, Fabiano se irrita e lhe dá estocadas com a faca no intuito de fazê-lo levantar. Logo em seguida se compadece da situação do filho e o toma nos braços, o que torna a viagem ainda mais lenta. Na noite anterior, devido à fome, outro animal que acompanhava a família, um papagaio, foi sacrificado para matar a fome do grupo. Era um papagaio estranho, pouco falava, talvez porque convivesse com gente que também falava pouco.

Após uma longa e cansativa caminhada, Fabiano e a família encontram uma fazenda completamente abandonada. Como estão muito debilitados e com muita fome decidem se fixar ali. Para surpresa e alegria de todos, Baleia aparece com um preá entre os dentes, causando grande alegria aos seus donos. Matariam a fome. Também, em meio à lama, encontram água, eis que surge uma esperança. Fabiano não contém a felicidade, pensa na mulher, nos filhos, deseja estabelecer-se naquela fazenda, será o dono dela e garantirá uma vida digna a família. Fabiano se orgulha de vencer as dificuldades tal qual um bicho. Agora ele era um vaqueiro, apesar de não ter um lugar próprio para morar.

No entanto, Fabiano sabia que a fazenda aparentemente abandonada tinha um dono e logo esse apareceria e exigiria o local. Todavia, no momento a solução era permanecer ali, pois sabia que não tinha para onde ir, sua vida era aquela, fugindo da seca sem nenhum paradeiro certo. Sentia-se como um animal, falava pouco e às vezes tentava imitar a fala das pessoas da cidade as quais achava difícil, mas admirava. Fabiano, com muita frequência, sentia-se como um bicho, e se indagava toda vez que alguém lhe perguntava algo, pois para ele essas coisas de pensamento não levavam a nada. Isso o fazia lembrar-se de seu Tomás da bolandeira que embora fosse admirado por Fabiano pelas suas palavras difíceis, acabara igual a todo mundo. Às vezes lembrava-se dos sonhos de sinhá Vitória, entre estes o de ter uma cama igual a de seu Tomás da bolandeira. Contudo, para Fabiano eles não poderiam ter esses luxos. Esses pensamentos o deixavam confuso, e ele se perguntava se era um homem ou um bicho, um forte ou um fraco, ao mesmo tempo em que se sentia um lutador também se sentia derrotado. Quanto pensava nos meninos, amolecia um pouco, e achava que quando as coisas melhorassem eles poderiam se dar ao luxo de pensar, e então veriam a questão da educação do filhos, mas no momento o importante era sobreviver.

Alojados na fazenda que encontraram abandonada, Fabiano e sua família vão sobrevivendo. A seca deu uma trégua e está sendo possível a sobrevivência ainda que precária. Fabiano, após a volta do dono da fazenda, oferece seus serviços, o patrão aceita dando-lhe o emprego de vaqueiro. Assim Fabiano prossegue a vida com sinhá Vitória e os meninos. Contudo, o patrão o explora logrando-o, mas Fabiano não reage, pois não vê saída.

Angustiado, devido à situação em que se encontravam, em uma de suas idas a cidade para comprar mantimentos, Fabiano resolveu beber. Aproxima-se dele o soldado amarelo e o convida para jogar carta. Em uma desavença entre ambos, Fabiano acaba preso e sendo maltratado e humilhado. Na cadeia Fabiano percebe claramente que o soldado amarelo faz questão em humilhá-lo usando da autoridade que possui. Como representante do governo, o soldado retrata como é o posicionamento deste diante dos pobres e fracos.

Livre, a vida continua, mas cada vez Fabiano é mais enganado pelo patrão. Ainda que sinhá Vitória perceba que o marido está sendo roubado, Fabiano não sabe como interferir, não consegue diálogo com o patrão. Para acentuar o descontentamento e a desilusão de Fabiano com o mundo está a festa de natal a qual Fabiano participa com a família. Eles se sentem inferiores, diferentes em meio a patrões e soldados amarelos. Em meio a tudo isso baleia adoece. Fabiano não vê outra saída a não ser sacrificá-la. Por isso, atira em baleia, mas não consegue matá-la. Ela foge, mas retorna para morrer perto de seus donos, e morre sonhando com um mundo cheio de lebres.

Os dias foram passando e Fabiano continuava a ser enganado pelo patrão. Ele se revolta, pois embora não soubesse fazer contas, sabe que sinhá Vitória não se enganara. Resolve reclamar com o patrão, dizer-lhe que deve ter algum erro nas contas. O patrão se zanga e manda-o procurar outro lugar. Fabiano recua, pois precisa do lugar para morar. No entanto, sua indignação com a vida aumenta. E para piorar a situação, após voltar da venda e de ter tomado uns goles, encontra o soldado amarelo que estava perdido no mato. Percebendo o medo do soldado e a sua fragilidade, Fabiano resolve matá-lo, mas não tem coragem e acaba ensinando o caminho para o soldado. Diante dessa atitude, o sentimento de revolta de Fabiano aumenta ainda mais, pois revela a sua impotência e fraqueza em relação ao mundo.

Para finalizar, e como se não bastasse, a seca atinge novamente a fazenda. Mais uma vez Fabiano e a família terão que fugir. No entanto, desta vez a fuga é para o sul em busca da cidade grande. Tudo está como no início, a família parte sem esperanças e sem destino.



Imagem 2: Seca do nordeste - Ilustração feita por Aldemir Martins. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 04 Out. 2011.

3.3 Fragmentos das obras

Antes de adentrar nas análises gostaria de reiterar que a metodologia usada neste trabalho se deu a partir de pesquisa bibliográfica qualitativa, uma vez que esta se justifica por levar em consideração o caráter interpretativo. Os recortes das obras foram feitos de maneira a valorizar questões importantes a serem exploradas. Para tanto, uso fragmentos tanto da obra “*O Cortiço*” quanto de “*Vidas Secas*”, a fim de que, através destes, possa fazer uma reflexão interpretativa da obra. Assim, apresento primeiramente os recortes de “*O Cortiço*” e em seguida o de “*Vidas Secas*”. Ressalto que a ordem deu-se pelo critério temporal. Enquanto “*O Cortiço*” procurava mostrar o Brasil do século XIX retratando a situação do capitalismo, “*Vidas Secas*”, escrita na década de trinta, século XX, enfoca o problema da seca, bem como as condições de vida miseráveis a que estavam expostos o sertanejo brasileiro.

3.3.1 Recortes de *O Cortiço*

A obra “*O Cortiço*” de Aluísio Azevedo foi escrita em 1890 e foi considerada a expressão máxima do naturalismo brasileiro que buscava explicar o comportamento dos personagens com base na influência do meio, da raça e do momento histórico. O livro possui 23 capítulos, que relatam a vida em uma habitação coletiva de pessoas pobres - cortiço - na

cidade do Rio de Janeiro. O romance possibilitou o entendimento do Brasil do século XIX. Porém, como obra literária, ele não pode ser entendido como um documento histórico da época. Mas, não há dúvida que podem ser estabelecidas relações com a história da época. Na narrativa, o espaço tem uma importância especial, pois se torna o principal personagem da obra.

O narrador se distancia do universo narrativo não emitindo nenhum julgamento moral. Com isso, permite que o leitor/ouvinte, a partir de uma descrição onisciente, possa compreender a obra e fazer seus próprios julgamentos. O foco da narração, a princípio, mantém uma aparência de imparcialidade, como se o narrador se distanciasse do mundo por ele criado. Todavia, trata-se de uma ilusão, a maneira de representar a realidade de forma objetiva já configura uma posição ideologicamente tendenciosa, isto é, as escolhas feitas pelo narrador já indica um posicionamento, uma intenção. Em “*O Cortiço*”, o tempo é trabalhado de maneira linear, com princípio, meio e desfecho da narrativa. A história se desenrola no Brasil do século XIX, sem precisão de datas. Há, portanto, que ressaltar a relação do tempo com o desenvolvimento do cortiço e com o enriquecimento de João Romão. O espaço em que ocorre a narrativa é o espaço urbano, mais precisamente no cortiço e na casa do Miranda, o que já possibilita uma diferenciação de classes sociais.

Nos primeiros fragmentos temos a descrição da personagem de João Romão. A narrativa dá detalhes da ambição do mesmo que se aproveita do trabalho de Bertoleza para levar suas intenções a cabo. Nota-se que o desejo de enriquecer de João Romão é tratado como um propósito que pode ser considerado exagerado, pois age de forma desonesta e desumana, inclusive consigo, para atingir o que almeja.

“João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refochos do bairro do Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retira-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro” [...] p.

“Proprietário estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha” [...] p. 7

Bertoleza também trabalhava muito para manter-se. Era negra e além de pagar a seu dono pela liberdade provisória, também juntava dinheiro para comprar sua carta de alforria. João Romão percebendo a carência de Bertoleza torna-se primeiramente seu amigo e depois

seu amante na intenção de explorá-la. A partir de então Bertoleza começa a ser peça importante para que os desejos de João Romão se concretizassem. Como se tratava da formação da cidade do Rio de Janeiro é possível percebermos, através da personagem Bertoleza, a situação do negro enfrentada na época, isto é, quando não era explorada pelo seu dono o era pelas outras pessoas da sociedade. Azevedo trouxe para a discussão as dificuldades enfrentadas pelo negro e principalmente pela mulher negra que além de ser explorada ainda é submetida ao total descaso.

“Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal a seu dono vinte mil réis por mês, e, apesar disso, tinha de parte quase o necessário para a alforria. Um dia, porém, o seu homem, depois de correr meia légua, puxando uma carga superior as suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, estrompado como uma besta” [...] p. 7

“Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia e era também quem punha e dispunha dos seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor vinte mil-réis mensais... Quando deram fé estavam amigados” [...] p. 7

Nos fragmentos que seguem estão descritas as formas como João Romão procedia para obter mais capital. A compra do terreno e a construção das três primeiras casinhas é que vai dar início ao cortiço. João Romão não era apenas esperto, também usava de má fé, uma vez que subtraíam, ele e Bertoleza, das construções próximas os materiais para a fabricação das casas. Além disso, para economizar, também auxiliava na obra fazendo o serviço de pedreiro. O cortiço que se formará será um dos espaços da narrativa, assim como também um dos personagens.

“João Romão não saía nunca a passeio, nem ia à missa aos domingos; tudo o que rendia a sua venda e mais a quitanda seguia direitinho para a caixa econômica e daí então para o banco. Tanto assim, que um ano depois da aquisição da crioula, indo em hasta pública algumas braças de terra situadas ao fundo da taverna, arrematou-as logo e tratou, sem perda de tempo, de construir três casinhas de porta e janela” [...] p. 9

“Que milagres de esperteza e de economia não realizou ele nessa construção! Servia de pedreiro, amassava e carregava barro, quebrava pedra; pedra, que o velhaco, fora de horas, junto com a amiga, furtavam à pedreira do fundo, da mesma forma que subtraíam o material das casas em obra que havia por ali perto” [...] p. 9

O outro espaço referido na obra e que se opõem a esse é o sobrado do Miranda. O casarão ficava, pois ao lado da venda de João Romão o que fazia com que formasse um contraste. Dois mundos se aproximavam ao mesmo tempo em que se distanciavam. O segundo espaço, o sobrado aristocratizante do comerciante Miranda e de sua família,

representava a burguesia ascendente do século XIX. A partir dessa abordagem pode-se pensar que o explorador vivia muito próximo ao explorado, daí a estalagem de João Romão estar junto aos pobres moradores do cortiço. Ao lado, o burguês Miranda, de projeção social mais elevada que João Romão vivia em seu palacete com ares aristocráticos e temia o crescimento do cortiço. Por isso pode-se dizer que “*O Cortiço*” não é somente um romance naturalista, mas uma alegoria do Brasil, pois além de retratar a formação da cidade do Rio de Janeiro, também faz referência a mistura de raças, que é uma das características brasileiras. Porém, essa mistura se realiza como relações de poder, exclusão, ou seja, não se trata de uma miscigenação tranquila. Os espaços fictícios narrados na obra exploravam a exuberante natureza local como meio determinante. No que diz respeito ao fato de o cortiço e o sobrado estar tão próximos, remeto-me a muitas situações com a qual convivemos em que condomínios de luxo estão próximos a favelas, ou ainda, mansões próximas a vilas pobres. Mundos tão distantes e ao mesmo tempo tão próximos, que já se tornaram comum na sociedade de hoje. E que remete, inclusive, ao espaço de localização onde interesses definem os lugares.

Contudo, João Romão estava decidido a ampliar as três casinhas a ponto de transformá-las em um cortiço, e para isso não se importava em passar pelas piores privações o que permite perceber o quanto a cobiça pode transformar o ser humano. E ainda, à medida que o cortiço ia crescendo, outras necessidades iam surgindo que dessem conta da atual demanda, e assim a vila ia tomando ares de cidade.

“Justamente por essa ocasião vendeu-se também um sobrado que ficava a direita da venda, separados apenas por aquelas vinte braças... Comprou um tal Miranda, negociante português, estabelecido na Rua do Hospício com uma loja de fazendas por atacado” [...] p. 9

“Desde que a febre de possuir se apoderou dele totalmente, todos os seus atos, fosse o mais simples, visavam um interesse pecuniário. Só tinha uma preocupação: aumentar os bens. Das suas hortas recolhia para si e para a companheira os piores legumes, aqueles que, por maus, ninguém compraria; as suas galinhas produziam muito e ele não comia um ovo, do que, no entanto, gostava imenso; vendia-os todos e contentava-se com os restos da comida dos trabalhadores” [...] p. 13

Nas próximas descrições é possível percebermos o crescimento da cidade que rapidamente estava sendo povoada, o que mostra a rapidez da urbanização que se expandia sem planejamento. O surgimento do cortiço facilitou as acomodações dos trabalhadores que povoavam o local. Como já foi dito anteriormente são dois os espaços explorados na obra, o sobrado de Miranda e o cortiço. Este último era um amontoado de casebres mal-arranjados, onde os pobres vivem. Neste espaço está representada a mistura de raças, e a promiscuidade

das classes baixas. O cortiço funciona como um organismo vivo. Junto ao cortiço está também a pedreira e a taberna de João Romão. Esta última era quem abastecia os moradores do cortiço o que significava um alto rendimento para João Romão.

“Entretanto, a rua lá fora povoava-se de um modo admirável. Construíam-se mal, porém muito; surgiam chalés e casinhas da noite para o dia; subiam os aluguéis; as propriedades dobravam de valor” [...] p. 14

“Não obstante, as casinhas do cortiço, a proporção que se atamancavam, enchiam-se logo, sem mesmo dar tempo a que as tintas secassem. Havia grande avidez em alugá-las; aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação” [...] p. 14

Aluísio Azevedo uniu na obra “*O Cortiço*” grupos humanos em um único coletivo. Nesse espaço foram descritos tipos sociais, “só que esses tipos apenas manifestavam-se como uma consequência do meio em que vivem, afinal, o grande personagem dessa história é na verdade a soma de tudo, ou seja, o cortiço. Os personagens sofrem influência direta do meio” (SILVA, 2010, p. 2). A descrição do cortiço é feita como se faz com qualquer outro personagem, isto é, minuciosamente, o que me leva a entendê-lo como um dos personagens do romance, senão um dos mais importantes.

“E aquilo se foi constituindo numa grande lavandeira, agitada e barulhenta, com as suas cercas de varas, as suas hortaliças verdejantes e os seus jardinzinhos de três e quatro palmos, que apareciam como manchas alegres por entre a negrura das limosas tinas transbordantes e o réverbero das claras barracas de algodão cru, armados sobre os lustrosos bancos de lavar. E os gotejantes jirais, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, que nem lagos de metal branco” [...] p. 15

Como já fora referido, a obra “*O Cortiço*” está inserida dentro da escola realista e naturalista. Nas palavras de Silva (2010) o naturalismo é uma extensão do realismo. Desta forma, faz uso de todos os princípios realistas como: a objetividade, a observação dos tipos humanos, a verossimilhança e a visão cientificista da existência. A ênfase do naturalismo está nos aspectos exteriores em relação aos seus atos, suas descrições físicas e o ambiente do qual fazem parte. “O naturalismo volta-se para os aspectos biológicos e cognitivos, por entre uma visão mecânica do homem, sujeito às da hereditariedade, as influências do meio social e do ambiente em que vive” (SILVA, 2010, p. 9). O autor naturalista tinha a intenção de provar, através da obra literária, como o meio, a raça e a história determinam o homem e o levam à degenerescência. Desta forma, Aluísio se propõe a mostrar que a mistura de raças em um mesmo meio desemboca na promiscuidade sexual, moral e na completa degradação humana.

Mas, além dessas discussões o livro também apresenta outras questões pertinentes para pensar o Brasil, e que ainda são atuais, como a imensa desigualdade social. O que permite uma aproximação com a obra “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos que também discute a questão social, e mais o sertão também determina o homem.

Nos próximos fragmentos temos uma descrição do cortiço onde é possível identificar uma comparação entre as pessoas do cortiço com animais. O autor trata o cortiço como um organismo vivo que cresce e expande suas raízes aumentando as forças daninhas de maneira a atingir o caráter de quem habita o seu interior. Aí está explícita a teoria naturalista de que o meio determina o homem. O que me remete a pensar sobre o lugar. O cortiço só tem vida por que as pessoas o habitam, são elas que o movimentam. O lugar/cortiço é o palco dos acontecimentos. Desta forma, baseado em Santos, (2006, p. 230) pode-se inferir que “é o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar *espaço*, o Mundo depende das virtualidades do Lugar. Nesse sentido, pode-se dizer que, localmente, o espaço territorial age como norma”. Contudo, a força do lugar pode fazer com que não seja apenas palco, mas também sujeito que interfere na vida das pessoas que ali habitam, e coloca possibilidades e dificuldades.

“E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larva no esterco” [...] p. 15

“Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente. E ao lado o Miranda assustava-se, inquieto com aquela exuberância brutal de vida, aterrado defronte daquela floresta implacável que lhe crescia junto da casa, por debaixo das janelas, e cujas raízes, piores e mais grossas do que serpentes, minavam por toda a parte, ameaçando rebentar o chão em torno dela, rachando o solo e abalando tudo” [...] p. 15

É notável que os dois mundos presentes na obra, o cortiço e o sobrado se distanciam. No entanto, os seus donos são movidos pela inveja de um para com o outro, pois enquanto João Romão deseja ter o reconhecimento social e aristocrático do vizinho este, por sua vez, inveja o fato de João Romão ter se tornado rico sem precisar se sujeitar a hipocrisia social. A revolta de Miranda é pelo fato de sofrer calado com a traição de sua esposa, visto que o que possui é referente ao dote trazido por ela. O que permite refletir sobre o quanto a sociedade é hipócrita e o quanto o homem está preso a ela, uma vez que Miranda se mantém no casamento mesmo sendo traído para não perder os bens e a imagem social. Mais uma forte presença da influência do meio, pois Miranda para não perder sua condição social prefere abrir mãos dos valores pessoais.

“Tinha inveja do outro, daquele outro português que fizera fortuna, sem precisar roer nenhum cifre; daquele outro que, para ser mais rico três vezes do que ele, não teve de casar com a filha do patrão ou com a bastarda de algum fazendeiro freguês da casa!” [...] p. 16

“... Aquele animal que se alimentava pior que os cães, para pôr de parte tudo, que ganhava ou extorquia; aquele ente atrofiado pela cobiça e que parecia ter se abdicado dos seus privilégios e sentimentos de homem; aquele desgraçado, que nunca jamais amara senão o dinheiro, inveja agora o Miranda”[...] p 75“... A casa do Miranda estava em preparos de festa. Lia-se no “Jornal do Comércio” que Sua Excelência fora agraciado pelo governo português com o título de Barão do Feixal; e como os seus amigos se achassem prevenidos para ir cumprimentá-lo no domingo, o negociante dispunha a recebê-los condignamente” [...] p. 7

Mais uma vez referindo-se ao cortiço como personagem, o autor o descreve como se fosse humano. As metáforas nos induzem a imaginar o cortiço como um ser. Não há dúvida de que o cortiço é o espaço central da obra em que se agregam seus habitantes com diferentes particularidades, e que são afetados diretamente por ele, ou seja, o espaço central. Os moradores são, pois, elementos do espaço. A partir dessa ideia me remeto a Callai (2009), quando diz que o espaço é construído ao longo da construção da sociedade e de que as relações sociais são materializadas em edificações que podem ser observadas fisicamente, e é, pois, nesta materialização que nos torna possível interpretar a realidade. O olhar espacial supõe ver a realidade social verificando as marcas inscritas nesse espaço. Na obra em questão o espaço é visto como determinante do ser humano que o habita, e através dele é possível entender a realidade de quem o habita. “A construção do “lugar” ou do conjunto de lugares que um romance contém levaria à consideração de que o espaço é, ao mesmo tempo, “meio” de sentido e também seu “objeto” (Monteiro, 2002, p. 14).

“Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas as suas infinidades de portas e janelas... Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono, ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galo, cacarejar de galinhas.” [...] p. 22

O barulho das fábricas e a movimentação dos trabalhadores deixam clara a ênfase à industrialização. O próprio movimentar das pessoas já é em um ritmo acelerado como o das máquinas. Bagli (2006) ao discutir sobre o rural e o urbano (2006) estabelece uma relação entre ambos relacionada com o tempo. Para ela nos espaços urbano as transformações são sentidas com mais rapidez. Tudo passa por constantes renovações e transformações. É o que

acontece na obra. No início da narrativa os movimentos eram mais lentos. À medida que a cidade foi povoando e as fábricas foram se instalando o ritmo acelerou. Usando da metáfora “formigueiro assanhado” Aluísio define a transformação da cidade. Já no rural o tempo é lento e as transformações são sentidas em menor escala. O tempo, embora represente movimento, no rural se configura em outros tempos. As atividades com a terra permitem que as pessoas vivam em uma outra lógica, horários e normas que resultam em outros modos de vida, Bagli (2006). Esse tempo lento, característica do rural, é possível perceber na obra “*Vidas Secas*”, o que permite uma diferenciação com “*O Cortiço*”.

Silva (2010), ao estudar a obra “*O Cortiço*” ressalta que as diferenças sociais tratadas na obra estão marcadas pela distribuição espacial. A partir dessa consideração o autor traz uma definição de espaço social. Para Silva, no espaço social a distribuição se dá seguindo dois princípios de diferenciação que são: o capital econômico e o simbólico. No primeiro, a organização das personagens se daria pelo volume do capital que dominam, já na segunda pela estrutura desse capital. Do ponto de vista do capital econômico quem tem mais se opõe aos desprovidos, enquanto que no capital simbólico isso não é relevante. Na obra fica evidente que as posições sociais são resultantes do poder econômico, em que os hábitos como opiniões, atitudes e linguagem são elementos que acabam por determinar um grupo. Arelados a esses condicionantes está o espaço que também é definidor, isto é, ele interfere nos resultados das ações e das situações.

“O zunzum chegava a seu apogeu. A fábrica de massas italianas, ali mesmo da vizinhança, começou a trabalhar, engrossando o barulho com o seu arfar monótono de máquina a vapor. As corridas até à venda reproduziam-se, transformando-se num verminar constante de formigueiro assanhado. Agora, no lugar das bicas apinhavam-se latas de todos os feitios, sobressaindo as de querosene com um braço de madeira em cima; sentiam-se o trapejar da água caindo na folha. Algumas lavadeiras enchiam já suas tinas; outras estendiam nos coradouros a roupa que ficara de molho.principiava o trabalho. Rompiam das gargantas os fados portugueses e as modinhas brasileiras...”[...] p. 22

Entre as várias personagens que habitavam o cortiço quero dar ênfase a Pombinha, uma vez que vejo na sua personagem uma forte influência do espaço. Na obra, Pombinha é o lado puro e bonito do cortiço. Contudo, decepcionada com o casamento e impregnada com o ambiente degradante do cortiço acaba ao lado de Léonie uma prostituta e homossexual que, além de assediá-la, também lhe prepara para a prostituição. O que reforça a ideia naturalista, presente na obra, de que mesmo os sentimentos bons e o caráter não resistem às forças naturais. De maneira que o homem é modelado pelos fatores biológicos e sociais. Saliento que essa interpretação é resultado das escolhas intencionais feitas pelo autor ao escrever a obra.

Em nenhum momento defendo essa posição naturalista apenas a exponho. Acredito sim que o espaço influencia o ser humano, mas não radicalizo a ponto de achá-lo determinante, a fim de modificar o caráter do homem ou ainda ser o responsável pelo seu futuro como propõe o naturalismo. “Se o espaço é construído pela sociedade, pelos homens, a partir de seu trabalho e de sua vida, a natureza torna-se um recurso de que ela (a sociedade) dispõe... e como tal, é que deve ser considerado, e não como determinante do que o homem pode ou não fazer” (CALLAI, 2009, p. 96).

“Pombinha era muito querida por toda aquela gente. Era quem lhe escrevia as cartas; quem em geral fazia o rol das lavadeiras; quem tirava as contas; quem lia o jornal para os que quisessem ouvir. Prezavam-na com muito respeito e davam-lhe presentes, o que lhe permitia certo luxo” [...] p. 25

A crítica à mistura de raças é também recorrente na obra. De acordo com o autor esta leva à degradação. É por isso que os personagens são de diferentes etnias. Assim, as influências do meio aliado às diferenças étnicas conduziram a um fracasso humano. Na obra são dois fatores que juntos determinam o homem. Nessa abordagem também dá para identificar uma das características do Brasil que é o da mistura de raças e que Aluísio definiu como ponto negativo. Para a época talvez as ideias do autor fossem relevantes para alguns, mas hoje elas não se sustentariam, pois considerando o mundo global em que estamos inseridos não são concebíveis tais concepções, uma vez que todos estão em todos os lugares e, portanto, acredito que é inconcebível uma raça pura ou ainda o pensamento de que a inexistência desta seria uma das causas do fracasso humano.

“Abatidos pelo fadinho harmonioso e nostálgico dos desterrados, iam todos, até mesmo os brasileiros, se concentrando e caindo em tristeza; mas, de repente o cavaquinho do Porfiro, acompanhado do violão do Firmo, romperam vibrantemente com um chorado baiano. Nada mais que os primeiros acordes da música crioula para que o sangue de toda aquela gente despertasse logo, como se alguém lhe fustigasse o corpo como urtigas bravas. E seguiram-se outras notas, e outras, cada vez mais ardentes e mais delirantes. Já não eram dois instrumentos que soavam, eram lúbricos gemidos e suspiros soltos em torrente, a correrem serpenteando, como cobras numa floresta incendiada; eram ais convulsos, chorados em frenesi de amor, música feita de beijos e soluços gostosos; carícia de fera, carícia de doer, fazendo estalar de gozo” [...] p. 49

A disputa pelos cômodos do cortiço reforça a ideia de crescimento tanto da cidade como da economia. O que demonstra, para a época, a grande dificuldade em acomodações, o que já indicava o problema que as grandes cidades enfrentariam: a urbanização que já referi anteriormente. O cortiço concorrente também ratifica a disputa econômica e social que se acirrava. Bem mais que defender um espaço, estavam os moradores criando uma disputa

pessoal em que, claro, se apoiavam na força do lugar. No entendimento de Callai (2009) compreender o lugar significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além de suas condições naturais ou humanas. O espaço construído é resultado da história das pessoas, dos grupos que nela vivem. Isto resgata a identidade, e neste processo, é muito importante reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares.

Na visão de Cavalcanti (2008) o indivíduo vai se identificando com o lugar e adquire um sentimento de pertencimento que é construído com a familiaridade, a afetividade que tem com o lugar. No caso da obra se percebe uma forte identificação dos moradores com o cortiço. O que me leva a pensar que o espaço é um elemento que une as pessoas, assim como também pode ser umas das grandes causas das divergências e das lutas que movem a sociedade. Ele é visto como um elemento de poder e, portanto, disputado.

“A proporção que alguns locatários abandonavam a estalagem, muitos pretendentes surgiam disputando os cômodos desalugados... O número de hóspedes crescia; os casulos subdividiam-se em cubículos do tamanho de sepulturas; e as mulheres iam despejando crianças com uma regularidade de gado procriador” [...] p. 97

“... Agora, na mesma rua, germinava outro cortiço, o ‘Cabeça-de-Gato’ ”[...] p. 97

“... Em meio do pátio do ‘Cabeça-de-Gato’ arvorava-se uma bandeira amarela; os carapicus responderam logo levantando um pavilhão vermelho. E as duas cores olhavam-se no ar como um desafio de guerra” [...] p. 9

Contudo, o cortiço passa por uma evolução, uma vez que todo espaço também se modifica. Após o incêndio o cortiço passa por transformações. Toma, assim, ares de cidade à medida que é construído modernamente, para a época. A iluminação, as latrinas, os banheiros, o calçamento já o diferenciava do que fora. Mas, seu criador, João Romão, também se transforma. Muda a moradia, a roupa e o comportamento. Seu novo mundo, cuja posição social é elevada lhe exige, porém, uma nova postura. Para Silva (2010, p. 18), “por outro lado, o próprio cortiço, por João Romão construído, também galgou novos patamares: Antes “alimentados” por pés rapados; ao final da história, a avenida [vila] segue em busca de novas e mais elevadas camadas sociais”.

“Daí a dias, com efeito, a estalagem metia-se em obras. À desordem do desentulho do incêndio sucedia a do trabalho dos pedreiros; martelava-se ali de pela manhã até à noite, o que, aliás, não impedia que as lavadeiras continuassem a bater roupa e as engomadeiras reunissem ao barulho das ferramentas o choroso falsete das suas cantigas” [...] p. 129

“Mas o cortiço já não era o mesmo; estava muito diferente; mal dava ideia do que fora. O pátio, como João Romão havia prometido, estreitava-se com as edificações novas; agora parecia uma rua, todo calçado por igual e iluminado por três lâmpadas grandes simetricamente dispostos. Fizeram-se seis latrinas, seis torneiras e três banheiros. Desapareceram as pequenas hortas, os jardins de quarto a oito palmos e os imensos depósitos de garrafas vazias” [...] p. 136

“Ao mesmo tempo, João Romão, em chinelas e camisola, passeava de um para outro lado no seu quarto. Um aposento largo e forrado de azul e branco com florinhas amarelas fingindo ouro; havia um tapete aos pés da cama, e sobre a peniqueira um despertador de níquel, e a mobília toda era já de casados, porque o esperto não estava para comprar móveis duas vezes” [...] p. 141

Como João Romão ascendeu, não tinha mais lugar para Bertoleza até então sua cúmplice e amante. O que deixa claro que Bertoleza foi usada, e como os objetivos de João Romão foram alcançados, era necessário, na nova fase de sua vida, livrar-se dela. No terceiro fragmento entra em evidência o fato de Bertoleza ser negra, uma vez que ela não poderia fazer parte de sua nova classe social, principalmente pelo peso de sua cor. João Romão se refere a até então companheira como uma “nódoa de lama” que lhe sujava a pele e era motivo de vergonha no meio social. O que leva a evidenciar que na sociedade da época o valor das pessoas era dado pela sua condição financeira e também pela sua cor. O que difere muito pouco dos dias atuais em que, infelizmente, ainda prevalecem tais concepções. A falta de caráter de João Romão é tão facilmente apagada a ponto de Miranda conceder a filha para ser sua esposa.

“Parecia muito preocupado; pensava em Bertoleza que, a essas horas, dormia lá em baixo num vão de escada, aos fundos do armazém, perto da cama” [...] p. 141

“É que nessa noite o Miranda lhe falara abertamente sobre o que ouvira de Botelho, e estava tudo decidido: Zulmira aceitava-o para marido e Dona Estela ia marcar o dia do casamento” [...] p. 141

“Diabo! E não poder arrear logo da vida aquele ponto negro; apagá-lo rapidamente, como quem tira da pele uma nódoa de lama! Que raiva ter de reunir aos voos mais fulguerosos da sua ambição a ideia mesquinha e ridícula daquela inconfessável concubinação!” [...] p. 142

Finalizando a obra, Aluísio Azevedo reitera esse valor que o ser humano tem na sociedade que é medido pelo dinheiro e em que o caráter é secundário para não dizer insignificante. Ao mesmo tempo em que Bertoleza percebendo que fora enganada desespera-se e comete suicídio, João Romão recebe em sua nova residência uma comissão de abolicionistas que o prestigiavam com o diploma de sócio benemérito. Esse final fecha a narrativa, e reforça novamente a ideia naturalista e, portanto, determinista da obra de que o meio determina o homem. Ele está, pois, a mercê de fatores externos em que nem a razão nem a vontade são o bastante para influenciá-lo. Na obra “*O Cortiço*” “a análise da sociedade e dos caracteres individuais é feita de “fora para dentro”; a tendência dos personagens e de se

simplificarem, pois são “utilizados” como marionetes, pacientes dos fatores históricos, sociais e biológicos que determinam suas ações, sentimentos e reflexões” (SILVA, 2010, p. 15).

“Atravessaram o armazém, depois um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, chegaram finalmente à cozinha. Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras, no chão, escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro” [...] p. 155

“Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuo de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-lo, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado” [...] p. 155

“Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito” [...] p. 155

3.3.2 Recortes de *Vidas Secas*

Neste item trago alguns recortes da obra “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos. Diferente da obra “*O Cortiço*”, “*Vidas Secas*” se dá no espaço rural. Nesta narrativa o leitor/ouvinte é convidado a percorrer o sertão nordestino brasileiro. Em uma descrição minuciosa e cheia de emoções que descreve a fuga de uma família de retirantes, somos envolvidos nesta teia que é o texto, nos sentindo parte daquele meio. Escrita em terceira pessoa a obra de Graciliano Ramos mostra não só a realidade do sertanejo, como também os desafios enfrentados com a seca, e que reflete em uma sociedade esquecida e excluída. O romance foi escrito entre 1937 e 1938 e ainda se mantém atual. A abordagem que enfoca o descaso do governo com o nordeste, e o que poderíamos chamar de animalização do homem torna a obra uma das mais importantes da segunda fase do Movimento modernista⁶, que trouxe à tona questões nacionais e regionais, o que possibilitou uma discussão sobre um dos sérios problemas enfrentados pelo Brasil, no caso da obra em questão, a seca. Não há dúvida de que o Modernismo abriu novas possibilidades para a Literatura brasileira, pois permitiu a exposição da realidade brasileira, e com isso retratou a situação do homem em seu ambiente, bem como as relações que estabelece com o meio, e com os seus semelhantes.

Neste estudo será considerada a interpretação literária da obra, contudo farei uma aproximação com a Geografia tendo em vista que esta se faz presente na medida em que o narrador/personagem descreve a paisagem, os espaços e lugares da narrativa. Faço uso de

⁶ O período de 1922 e 1930 passava por definições no quadro político brasileiro. A arte também precisa ser revista, foi então que alguns artistas como Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, entre outros, organizaram em 1922, a Semana da Arte Moderna, sendo, pois, esta a assimilação de tendências culturais e artísticas lançadas pelas vanguardas europeias no período que antecedeu a Primeira Guerra mundial. Esse evento marcaria o início do Modernismo Brasileiro. Período marcado, sobretudo, pela liberdade de estilo e aproximação com a linguagem falada, assim como também pela procura da novidade e da velocidade.

categorias estudadas pela Geografia, Tais como: rural, urbano, paisagem, lugar e não lugar por considerá-las importantes na compreensão do texto. Sendo assim, defendo neste trabalho a possibilidade interdisciplinar já referida anteriormente.

Gostaria, primeiramente, de focar na oposição proposta pelo título *vidas x secas*. Enquanto a primeira nos passa ideia de renascimento, alegria, abundância, a segunda nos remete a tristeza, a falta. O próprio título já nos dá pistas da abordagem do autor. Assim, a terra que pode representar a vida é seca a ponto de representar a morte. E assim sendo, o homem que é a representação da vida se torna ‘seco’, isto é, não consegue viver como homem e mais parece bicho.

“Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas” [...] p. 9

“Ausente do companheiro, a cachorra baleia tomou a frente do grupo... ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde havia descansado, a beira de uma poça: a fome apertava demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida” [...] p. 11

A partir desses dois fragmentos dou início à interpretação da obra. É possível, desde logo, percebermos que se trata de uma descrição de um espaço rural, mais precisamente de um lugar marcado pela seca. Contudo, esse espaço não contém só a paisagem física que é aparente, mas também há pessoas que o ocupam, o que nos permite dizer que há relação entre o homem e o meio. A obra relata a viagem de retirantes que há dias percorrem o sertão em busca de água e de alimento. O fato de terem sacrificado o papagaio para alimentar a família, deixa em evidência a cruel situação em que se encontravam. Além de estarem sem destino e sem esperança, também não possuíam alimentação, debilitados, pareciam não chegar a lugar algum. O lugar se torna na obra um dos fatores principais da degradação humana, mas não é o único motivo, pois se agrega a ele o fator social. “Compreender o lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem” (CALLAI, 2009, p.84). A terra não permite produzir devido à escassez da água, e as pessoas que ali vivem se tornam sobreviventes do meio. Ou seja, estão sujeitos as condições do meio, além de estarem esquecidos pela sociedade. A forte descrição me remete as ideias de Santos (1988), quando discute a apreensão cognitiva da paisagem, e que o texto literário reforça, uma vez que o leitor reproduz no imaginário essa paisagem descrita de acordo com sua subjetividade. “A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos

sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão cognitiva... Pessoas diferentes apresentam diferentes versões do mesmo fato” (SANTOS, 1988, p. 22).

Contudo, a maneira subumana a que estavam sujeitos permite que se perceba a animalização do homem. Um dos fatores que remete a isso é o fato do narrador ter feito de Baleia, um animal, uma personagem de igual valor narrativo que os demais. Além disso, Fabiano também é descrito como animal e também se sente como tal. A comparação feita entre os seus pés e as patas do cavalo deixa claro que Fabiano é tratado como bicho. Além disso, o próprio personagem se confundia. Ora achava-se homem, ora bicho. Parecia que ser homem era algo que ele não merecia. Nota-se que as descrições físicas de Fabiano o retratam como de olhos e cabelos claros, mas mesmo assim ele se sente inferior aos brancos. A condição a que se sente é motivo de humilhação. Às vezes se comparava a um negro que não possuía carta de alforria, e tem consciência que se dá melhor com bichos do que com o homem. É evidente que Fabiano é escravizado e explorado como o negro. No entanto, ainda que Fabiano seja bruto, inclusive consigo, ele não perdeu a capacidade de se analisar.

“- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra “[...] p. 18

“Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!” [...] p. 94

A linguagem é outro fator que o diferencia. Nota-se que a família praticamente não conversava. Na passagem em que o papagaio é sacrificado, sinhá Vitória usa como desculpa, o fato de o papagaio somente repetir o latido de Baleia. O que deixa transparecer que a família não possui diálogo. A comunicação se dava na maioria das vezes por gestos, onomatopéias e exclamações. A língua usada era tão animalesca que o cavalo a que estava montado o compreendia. Todavia, a linguagem era objeto de desejo de Fabiano que admirava a fala difícil de seu Tomás da bolandeira. Essa ênfase ao uso deficiente da língua também é um fator que os aproxima do animal. Tendo em vista, que a linguagem é um dos fatores que tornam o homem humano, a deficiência dela, faz com que nos aproximemos dos animais. O que leva a crer que esta foi à intenção do autor quando deu ênfase a essa dificuldade de expressão de Fabiano e sua família. Outra questão que pode ser inferida é o de que o silêncio também fala.

O silêncio de Fabiano e sua família é um silêncio que grita, inclusive dentro de nós, pois nos põe em reflexão, nos angustia e nos fazer querer entender. Assim, é para Fabiano e sua família. Eles também querem entender esse mundo em que viver é muito difícil.

“Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não se sentiam a queitura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. As vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas”[...] p. 20

A referência a seu Tomás da bolandeira como sendo um homem que se expressa bem, instruído, ressalta as diferenças sociais de um grupo que vive na mesma sociedade, mas também reitera a distância entre a instrução de seu Tomás e a dificuldade de expressão de Fabiano. Porém, Fabiano ao mesmo tempo em que admira e deseja falar como seu Tomás, também se questiona sobre de que adianta saber usar da linguagem se o destino de seu Tomás é igual ao seu, fugir da seca. Ainda no que se refere a seu Tomás da bolandeira, penso que ele representa a educação que Fabiano acredita nunca poder possuir, assim como também uma vida de conforto, pois sinhá Vitória vive seus dias a desejar uma cama igual a de seu Tomás. Tanto para Fabiano que deseja comunicar-se como seu Tomás, quanto para sinhá Vitória que deseja o conforto, ambos gostariam de ter a vida de seu Tomás. Mesmo culto, seu Tomás pedia e não mandava e ainda assim todos o obedeciam. Isso deixava Fabiano surpreso, pois estava habituado ao ‘berros’ do patrão. Seu Tomás não é um tipo comum na sociedade em que vive Fabiano, visto que a condição social elevada significava agressividade e humilhação. Mais uma vez fica evidente que Graciliano Ramos não só queria abordar uma questão ambiental, mas também social. Isto nos remete as questões tratadas pela geografia humanista que estuda o espaço, mas também o homem que o ocupa. De acordo com Fabregat (1995), a Geografia humanista leva em consideração os aspectos humanos de maneira a entender o que o meio significa para o homem. Sendo assim, ela não estuda o espaço neutramente, mas sim como o homem estabelece as relações com o meio e como se sente diante do espaço.

“Lembrou-se de seu Tomás da bolandeira. Dos homens do sertão o mais arrasado era seu Tomás da bolandeira. Por quê? Só se era porque lia de mais. Ele, Fabiano, muitas vezes dissera: - “Seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho os outros”. Pois viera a seca, e o velho, tão bom e tão lido, perdera tudo”[...] p. 22

“Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima dos jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censura aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que não obedeciam. Os outros brancos eram diferentes. O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nele para achar tudo ruim” [...] p. 23

No capítulo que narra o desentendimento de Fabiano e o soldado amarelo, ou ainda, o abuso de autoridade e o desrespeito para com Fabiano volta a questão de que não é só a seca que o castiga. As forças da sociedade também o oprimem e o submete a condição de animal. Na cadeia, quando reflete sobre o porquê de estar ali, chega à conclusão que é um derrotado e que não possui forças para vencer essa opressão. Mais uma vez Fabiano se sente bicho devido às condições em que se encontra. Mas, além disso, também perde a coragem de sonhar com um futuro melhor. A desilusão faz com que perceba a que futuro seus filhos estarão expostos. Revoltado, Fabiano volta a pensar no fato de não saber expressar-se. Gostaria de defender-se, mas não consegue organizar o pensamento. Tem plena consciência que se soubesse usar da linguagem poderia enfrentar os soldados amarelos. O que permite perceber que a linguagem é uma forma de defesa, e por que não dizer de enfrentamento. A personagem do soldado amarelo simboliza o governo que o trata de maneira insignificante, explora-o e o desrespeita, mas a quem deve obediência. Acredito que ao criar esse personagem o autor quis trazer para a discussão o descaso do governo com o nordeste e mais precisamente com o sertanejo. “Fabiano é um esmagado, pelos homens e pela natureza; mas o seu íntimo de primitivo é puro” (CANDIDO, 1992, p. 45).

“Então porque um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças... e, por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim”[...] p. 33

“Fabiano também não sabia falar. As vezes largava nomes arrevesado, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse... ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas”[...] p. 36

A obra, como já foi dito, está organizada em capítulos. A cada integrante da família é destinado um capítulo. No capítulo que trata de sinhá Vitória, há um enfoque sobre o desejo que a acompanhava - uma cama de mola como a de seu Tomás da bolandeira. Em uma discussão com o marido a respeito de não terem conseguido o seu objeto de desejo, Fabiano, não encontrando justificativa para o fato de terem trabalhado tanto e não terem conseguido adquirir a cama, põe a culpa nos sapatos de verniz que comprara a sinhá Vitória. Além de

caros, ainda faziam com que caminhasse trôpega movimentando-se como o papagaio. Novamente a comparação com o animal ressalta a animalização da família. Magoada com a comparação feita pelo marido, sinhá Vitória pensa na vida da família e parece satisfeita embora lhe falte a cama. Entendo que a personagem parece se conformar com o destino a que estão sujeitos. É como se a felicidade fosse algo distante, ou ainda, que obter a cama fosse sinônimo de felicidade para quem está acostumada com muito pouco. A cama representa um lugar especial para o casal, além de acolher os dois pode representar outra posição social. Contudo, devo enfatizar que sinhá Vitória é quem melhor faz uso das palavras além de ser considerada muito esperta por Fabiano, pois é quem consegue fazer contas e perceber que são enganados pelo patrão.

“Não possuíam nada: se se retirassem, levariam a roupa, a espingarda, o baú de folha e troços miúdos. Mas iam vivendo, na graça de Deus, o patrão confiava neles – e eram quase felizes. Só faltava uma cama. Era o que aperreava sinhá Vitória” [...] p. 45

Os filhos são tratados na obra como o filho mais velho e o filho mais novo. Não há nomes próprios que os identifiquem. Eles convivem em harmonia com a cachorra Baleia, mas ela parece ser superior a ambos. O menino mais novo sonhava ser igual ao pai. Embora o contato amoroso entre pai e filho fosse precário, para não dizer inexistente, o filho se identificava com o pai e almejava ser como ele. Já o menino mais velho, ainda que tivesse dificuldade em falar, se mostrou curioso ao ouvir de sinhá Terta, a palavra inferno. É possível perceber que o menino mais velho apresenta um desejo em aprender as palavras, o que configura uma esperança, uma possibilidade de humanização, uma vez que a família está reduzida a animalização, e a exclusão. Outra questão diz respeito à escolha, pelo autor, da palavra ouvida pelo menino mais velho, visto que inferno também pode ser considerado um lugar e talvez, para eles, a situação e o lugar a que estavam submetidos possam ser consideradas como ‘inferno’.

“Quando fosse homem, caminharia assim, pesado, cambaio, importante, as rosetas das esporar tilintando. Saltaria no lombo de um cavalo brabo e voaria na catinga como pé de vento, levantando poeira... O menino mais velho e Baleia ficariam admirados” [...] p. 53

“Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. Agora tinha tido a ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de sinhá Terta. Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e a cachorra” [...] p. 59

A festa de natal em que Fabiano e a família comparecem é mais um dos acontecimentos que o submetem a condições inferiores aos demais. Primeiramente os preparativos, em que Fabiano compra tecidos para a confecção de roupas para a família. Contudo, como o dinheiro é escasso, o tecido é comprado em quantidade insuficiente para o feitiço das roupas. O que faz com que as mesmas saiam curtas e cheias de emendas. Desde já, a situação indica uma desigualdade que os diferencia dos outros participantes. Outro fator, é o de que acostumados a andar com roupas folgadas e simples e o pouco uso de calçados, fazia com que tivessem dificuldades de se locomover devido às roupas e sapatos apertados. Também é possível perceber que o lugar tem relação de poder, que acua quem não o domina.

“Não sentiam curiosidades, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada. Aquilo, porém, era esquisito. Como podia haver tantas casas e tanta gente? Com certeza os homens iriam brigar. Seria que o povo ali era brabo e não consentia que eles andassem entre as barracas? Estavam acostumados a agüentar cascudos e puxões de orelhas” [...] p. 74

Como se não bastasse, Fabiano sentia-se como se tivesse rodeado de inimigos. O desconforto era tamanho que se misturava à revolta, à alucinação. É notável que Fabiano não se sentia parte daquela sociedade, tudo o que queria era fugir, pois sentia-se angustiado com a situação em que se encontrava. Essa passagem me remete a Castrogiovanni (2009) quando diz que o espaço é todos. Essa afirmação faz do espaço um lugar do homem a que todos têm direito. O espaço permite, através do lugar, que as relações aconteçam e, portanto, pertencem a todos, contudo nem sempre isso acontece e muitas vezes ele é seletivo, um elemento de exclusão. “Os espaços são também seletivos. Ao mesmo tempo que podem acolher, podem excluir, dependendo das relações econômicas, da cultura, do acesso aos bens produzidos socialmente, e que muitas vezes são apropriados particularizadamente” (CALLAI, 2009, p. 119). Para Fabiano, por exemplo, a afirmação de que o espaço é de todos não se concretiza, pois neste espaço descrito não há lugar para ele e sua família.

“Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirar-lhe alguma coisa. [...] p. 76

A partir daí trago para a discussão a topofilia e o não lugar. Tuan (1980) considera a topofilia como sendo amor ao lugar, ou seja, uma identificação que resulta em um sentimento de pertença. Na obra é possível perceber que Fabiano se identifica com a fazenda, isto é, com

o campo, o contato com a natureza e com os bichos fazem com que se sinta bem, o que demonstra uma forte ligação com o lugar resultando em um pertencimento. Já quando participa da festa na cidade em que se depara com as pessoas bem vestidas, os comportamentos sociais diversos, sente-se excluído a ponto de não conseguir permanecer no lugar a não ser embriagado. Assim, embora o lugar descrito permita as relações sociais, Fabiano não se sente a vontade, pois não se sente parte do lugar, o que faz com que este não signifique para ele tornando-se um não lugar.

“Fabiano estava silencioso, olhando as imagens e as velas acesas, constrangido na roupa nova, o pescoço esticado, pisando em brasas. A multidão apertava-o mais que a roupa, embaraçava-o. De perneiras, gibão e guarda-peito, andava metido numa caixa, como tatu, mas saltava no lombo de um bicho e voava na catinga... A sensação que experimentava não diferia muito da que tinha tido ao ser preso. Era como se as mãos e os braços da multidão fossem agarrá-lo, subjugar-lo, espremê-lo num canto da parede”[...] p. 75

A cachorra Baleia já referida é humanizada na obra. Além de acompanhar a família ela é sagaz e pensa, diferente dos demais personagens. Baleia se mostra companheira da família, na verdade é um deles. Além de acompanhá-los nas diferentes situações, ela os entende. Após anos de convivência, Baleia adoece. Fabiano acredita que ela estivesse com princípio de hidrofobia, tenta salvá-la, mas percebendo que seu estado piorava, resolveu matá-la mesmo sabendo que os filhos desaprovavam. E o fez aos berros dos meninos. Ferida, baleia foge, mas retorna para morrer próximo da família. Antes de morrer a cachorra entra em uma espécie de devaneio e sonha com um mundo pós- morte. O que mostra o instinto humano de baleia, que ao lado de sinhá Vitória, é quem melhor consegue elaborar seus devaneios.

“Ela era uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, rebojavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras” [...] p. 86

“Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás gordos, enormes” [...] p. 91

A descrição em que os mulungus em bandos ocupavam as árvores ao redor do riacho é o suficiente para deixar sinhá Vitória e Fabiano preocupados. Começaria tudo novamente. Como se fosse algo que fizesse parte da rotina, sinhá Vitória e Fabiano sabem que terão que partir, pois a seca está para chegar outra vez e com ela a miséria e o sofrimento. Fabiano prepara as coisas para a viagem, enquanto isso relembra de como tem sido sua vida. Os sentimentos se misturam, sente culpa por ter matado Baleia, sente-se fraco e envergonha-se

por não ter coragem para se livrar do soldado amarelo. Essa passagem mostra a impotência de Fabiano, diante da seca, da sociedade, do mundo. Precisa partir, mas ainda assim se agarra a esperanças vagas. Reafirmo que o lugar “apresenta” a realidade em que vivem e que, inclusive, prenuncia o que está por vir. O sentimento de identidade e pertencimento com o lugar permite que entendam os sinais.

“O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo” [...] p. 109

“- Fabiano, meu filho, tem coragem. Tem vergonha, Fabiano. Mata o soldado amarelo. Os soldados amarelos são uns desgraçados que precisam morrer. Mata o soldado e os que mandam nele” [...] p. 112

“Seria necessário mudar-se? Apesar de saber perfeitamente que era necessário, agarrou-se a esperanças frágeis. Talvez a seca não viesse, talvez chovesse. Aqueles malditos bichos é que faziam medo. Procurou esquecê-los” [...] p. 113

Conscientes de que precisam deixar a fazenda, Fabiano e a família arrumam os preparativos e partem rumo ao sul. Assim, a narrativa começa com uma viagem e termina em outra. Os motivos, os mesmos, fugir da terra árida do sertão. Percebe-se claramente que são os sonhos que movem a família, que os fazem suportar a longa e difícil caminhada. A imagem da cidade é tratada como um fio de esperança de Fabiano que além de acolhê-los, permitiria que os filhos tivessem contado com a escola, o grande sonho de Fabiano, que é o de ter educação ou ainda, saber usar a linguagem. Mal sabem eles que esse espaço urbano que os espera também os excluirá. Essa civilização idealizada não tem como objetivo acolher o homem e provavelmente a situação da família continuará deficiente. Não será mais o sertão que o escravizará, mas o meio urbano e civilizado em que Fabiano tanto acredita. Desta forma, “*Vidas Secas*” começa por uma fuga e acaba com outra. “De tal modo que o fim, encontrando o princípio, fecha a ação num círculo. Entre as seca e as águas, a vida do sertanejo se organiza, do berço à sepultura, a modo de retorno perpétuo. Como os animais atrelados ao moinho, Fabiano voltará sempre sobre os passos, sufocado pelo meio. (CANDIDO, 1992, p. 48). E, ainda no que confirma Candido, Fabiano e sua família são esmagados pela paisagem, mas também pelos homens. Porque a paisagem é o resultado aparente da forma que vivem os homens. E na cidade de homens fortes não será diferente.

“... Quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinheiro que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se no mundo, como negro fugido” [...] p. 117

“Não sentia a espingarda, o saco, as pedras miúdas que lhe entravam nas alpercatas, o cheiro de carniças que emprestavam o caminho. As palavras de sinhá Vitória encantavam-no. Iriam para adiante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de sinhá Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andava para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias... Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos” [...] p. 127-128

No romance, “*Vidas Secas*”, estão em evidência dois mundos: o de Fabiano e sua família e o da sociedade em que fazem parte o patrão, seu Tomás da bolandeira e o soldado amarelo. Todos vivem no sertão e são atingidos pela seca. No entanto, as dificuldades são maiores para Fabiano. O patrão, por exemplo, possui terra, dinheiro, explora os empregados e como opressor não tem necessidade de fugir da seca como os demais. Seu Tomás também se distancia de Fabiano, visto que esse não consegue se expressar, diferente de seu Tomás que é instruído e que sabe usar muito bem a linguagem. “Ora, o drama de “*Vidas Secas*” é justamente esse entrosamento da dor humana na tortura da paisagem. Fabiano ainda não atingiu o estágio de civilização em que o homem se liberta mais ou menos dos elementos” (CANDIDO, 1992, p. 47). A submissão ao meio não coloca alternativas para Fabiano e sua família e não lhe dá forças para fazer diferente. O meio subjuga de tal modo que o impede de se tornar humano. No entanto, no segundo fragmento em que descreve a marcha da família há um relato em que Fabiano sonha com uma terra que os acolhe. Nessa passagem, fica clara a presença, e a importância do imaginário, pois ao mesmo em tempo que lhe permite sonhar, também lhe dá forças para resistir e prosseguir. Assim, é o imaginário, um impulso que nos faz seguir em frente.

Há um distanciamento entre esses dois mundos, o que nos leva a perceber que embora a obra de Graciliano Ramos tenha sido escrita na década de trinta, ela continua abordando problemas atuais como as diferenças sociais que nos atingem cada vez mais. O fator geográfico não é o único motivo do sofrimento de Fabiano, pois ao lado dele está a desigualdade social, a opressão, a injustiça e o esquecimento por parte dos governantes. Hoje, porém não é diferente, pois estas situações ainda persistem. O próprio processo de globalização foi um dos fatores que acentuou essas diferenças. E a pobreza continua a ser um problema que castiga e exclui. Para Santos (2004), a globalização acentuou a pobreza, e ainda “nas condições atuais, é uma pobreza quase sem remédio, trazida não apenas pela expansão do desemprego, como, também, pela redução do valor do trabalho” (SANTOS, 2004, p.73). As personagens de “*Vidas Secas*” são figuras comuns que retratam como os homens e mulheres que vivem no sertão nordestino suportam a dureza da paisagem ainda que as custas

de sua humanidade. Não diferente é o espaço urbano, materializado na cidade, que também não apresenta mudanças nem esperança, ao contrário, se constitui em um ambiente ainda mais hostil que o rural, pois neste ainda é possível, como os animais, resistir, mas na cidade há normatizações propostas por homens, difíceis de se adequar e de suportar.

3.4 Aproximações e/ou distanciamentos nas obras

Valendo-me do fato de ter trabalhado com duas obras literárias distintas, entendo ser importante verificar o que as aproxima ou as distancia, pois acredito através das diferenças ou semelhanças, poder compreender ainda melhor a importância da Literatura no ensino e na formação, uma vez que ela nos coloca em mundos distintos, mas que abordam questões reais do mundo da vida.

No que diz respeito às aproximações ou distanciamentos das obras – “*Vidas Secas*” e “*O Cortiço*” – é possível perceber que, enquanto “*Vidas Secas*” está descrita em um espaço rural, embora narre alguns acontecimentos no urbano, “*O Cortiço*” tem o espaço urbano como palco para suas descrições. O que permite identificar as diferenças entre ambos os espaços que se reflete principalmente pela paisagem. Em “*Vidas Secas*” os personagens se resumem a Fabiano e sua família, seu Tomás da bolandeira e o soldado amarelo. Em “*O Cortiço*” além de o próprio cortiço ser um personagem, também está repleto de personagens que além de João Romão, Bertoleza e Miranda também fazem parte da narrativa. A época em que foram escritas as obras se distanciam, uma vez que “*O Cortiço*” foi escrito em 1890 e “*Vidas Secas*” em 1938. No entanto, se aproximam, pois “*O Cortiço*” discute as questões sociais da sociedade da época baseando em uma corrente naturalista que vê o meio como influência principal para a definição do homem, por outro lado “*Vidas Secas*”, em uma abordagem regionalista, põe em discussão o descaso com o nordeste que resulta em uma total miséria provocada pelo meio físico, e reforçada pelas formas políticas e as relações sociais e econômicas, que usam da justificativa do meio inóspito para justificar suas ações.

Contudo, devo ressaltar, baseada em Corrêa e Rosendahl (2007), que a Literatura é vista mais como um testemunho das pessoas reais, as quais o texto traz sobre a capa da ficção, e não como reflexo fiel de uma realidade. Desta forma, o realismo das obras seria um realismo subjetivo que o romance saberia explicar e descrever. Isso remete a questão da verossimilhança, mas também da representatividade que uma obra, de ficção, pode ter a intenção de pretender. O que permite que seja possível que levantemos discussões acerca das questões tratadas na obra, mas não com valor documental histórico.

Ratificando minha escolha em trabalhar com as categorias da Geografia reforço que a fiz baseada nas concepções de Corrêa e Rosendahl (2007) de que a Geografia humanista valoriza a originalidade dos lugares, assim como a experiência que o homem tem dele. Através do texto literário é possível perceber a experiência dos lugares, a identidade espacial ou ainda o sentido que o homem atribui aos lugares. Representações, subjetividade, identidade, intenções, experiência concreta e percepção são noções para situar o sujeito no centro das preocupações dos geógrafos e nas reflexões sobre a relação homem-lugar. “Preocupados em ver como o homem interioriza ou representa a sua experiência do espaço, os geógrafos humanistas privilegiam o romance na medida em que ele parece lhes propiciar a ocasião ideal de um encontro entre o mundo objetivo e a subjetividade humana” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 31).

Corrêa e Rosendahl (2007) chamam a atenção também para o fato de que o estudo com a Literatura precisa ser feito a partir de uma reflexão teórica sobre o funcionamento do texto literário. Pois, só assim é possível compreender e conhecer as qualidades objetivas da paisagem, como também compreender as experiências subjetivas ligadas a estas. Desta forma, a importância da Literatura nos estudos geográficos seria o de possibilitar a união da objetividade e da subjetividade ao mesmo tempo. A respeito do que afirmam os autores, gostaria de ressaltar que foi esta a intenção desse texto dissertativo, isto é, refletir sobre o texto literário levando em consideração o que ele traz de objetivo que é o lugar, a paisagem, e o que traz de subjetivo que é a relação do homem com meio, e ainda a subjetividade de quem lê o texto e o significa. O que me remete ao imaginário, pois a significação do texto depende da capacidade de imaginação de cada intérprete. Sendo assim, reitero que a Literatura permite uma melhor compreensão do mundo como também é possível a interdisciplinaridade entre Literatura e Geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta minha caminhada no mestrado, compreendi que pesquisar é algo contínuo, que está em constante movimento. Desta forma, ciente de que este trabalho dissertativo não encontrou ‘todas as respostas’ para as questões referentes à Literatura e, mais precisamente, às dificuldades e bloqueios enfrentados por ela, ao contrário, desencadeou outras perguntas, acho importante apresentar algumas considerações possíveis advindas da pesquisa.

Sendo assim, penso ser importante retomar o propósito deste estudo, que foi o de ressaltar a importância da Literatura para o ensino, ao mesmo tempo em que verificar uma possibilidade de interdisciplinaridade entre Literatura e Geografia a partir das obras - “*O Cortiço*” de Aluísio Azevedo e “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos. Para isso, abordei primeiramente o imaginário por entender ser ele um elemento essencial no texto literário, uma vez que permite ao leitor/ouvinte recriar imagens e ideias, e a partir destas significar o texto, por isso, é que se pode dizer que a Literatura é plurissignificativa e subjetiva. Em seguida, discuti o que é Literatura, a fim de melhor situar o leitor sobre o que se diz dela. Também trouxe a função social e educativa da Literatura, que no meu entendimento, além de proporcionar prazer estético, também ensina, pois permite recriar mundos e entender as pessoas e as relações, e isso influencia na formação do sujeito.

No segundo capítulo, trouxe as categorias geográficas escolhidas por entender serem estas importantes na significação do texto e, portanto, nas análises, tendo em vista que permite ao intérprete recriar no imaginário a paisagem, o lugar, assim como também fazer com que este identifique as diferenças entre rural e urbano, além de perceber as relações que acontecem nesses espaços em um determinado tempo.

No terceiro capítulo dei ênfase à interdisciplinaridade, uma vez que o meu objetivo principal era mostrar que a Literatura é interdisciplinar. Para isso, recorri às obras literárias, já mencionadas, que me permitiram mostrar essa possibilidade, no caso com a Geografia, ao mesmo tempo em que foi possível também fazer uma análise literária das mesmas.

Reafirmo o quanto a Literatura nos faz pensar, pois ela nos remete a muitas possibilidades. O imaginário é elemento indispensável na significação do texto, e diria mais, na vida, pois o mundo real é menor que o mundo da imaginação. Neste se viaja, se sonha, surgem ideias, e se aprende.

Minha principal preocupação quando pensei no projeto que norteou esta pesquisa era de mostrar a importância da Literatura, uma vez que a considero muito importante na vida do sujeito, na sua formação, e na maneira de ver o mundo. Para isso, pensei em mostrar a possibilidade interdisciplinar da Literatura. As muitas queixas ouvidas pelos professores de que ela não desperta o interesse do aluno, e que é difícil o seu trabalho na escola me incomodava, ao mesmo tempo em que me angustiava. Sentia-me instigada a fazer algo. Graduada em Letras Português - Literatura me via na obrigação de pensar, de movimentar-me. Em nenhum momento tive a pretensão de resolver o problema ou ainda de propor modelos, mas só o fato de fazer uma reflexão e mostrar algumas possibilidades que o texto literário nos permite já me deixa feliz. Não que o texto dissertativo tenha acabado com a angústia, apenas a amenizou.

Enquanto o texto se encaminhava para etapa final, tive a oportunidade, já no final de 2011 de ir para a escola e de trabalhar com português no Ensino Fundamental e português e Literatura no Ensino Médio. Coincidentemente, essa experiência veio para impulsionar minhas reflexões, pois saí das páginas de minha dissertação e me deparei com a realidade, latente, a qual pude sentir na pele. O que fez do meu texto ainda mais provocativo.

Faltavam muito pouco para o fim das aulas e lá estava eu com um objetivo: fazer alguma coisa pela Literatura que tanto defendo. Mas e agora? Conseguiria em tão pouco tempo? Resolvi deixar o tempo de lado e me preocupar com meus propósitos, certa de que não mudaria o mundo, mas levaria em frente minhas intenções. “O tempo não é sólido que não se possa recortar em fatias para melhor distribuí-lo, nem é líquido sem consistência e densidade/duração apropriada. O tempo é pastoso, algo que se espicha ou comprime como se quer, que se amolda a nossos amores” (MARQUES, 2006, p. 17).

Ouvi muitos “eu não gosto de Literatura”, e senti as dificuldades em trabalhá-la em virtude desses “não”. Contudo, descobri que com calma é possível ir construindo uma relação melhor, e não diria fazê-los gostar repentinamente, mas ouvir menos não, e ver algumas afinidades em relação a ela. Posso afirmar que ela vale um investimento, tanto do professor, quanto do aluno que muito ganhará em aderi-la. Não apenas para passar no vestibular, como acontece, mas para sua vida, pois com certeza em muito somará.

Ao longo do texto, e do meu contato mais próximo com o ensino, surgiram outras preocupações que me remetem a pensar em quais os auxílios que a escola oferece a esse professor? Penso que teríamos que discutir essas questões com a escola, e com os colegas. Levar para o grupo as inquietações, não só de determinada área, para juntos pensar possibilidades e então ser possível a interdisciplinaridade. Percebo que é necessária essa não fragmentação, mas para isso a escola também tem que estar envolvida.

Tenho plena consciência de o caminho é longo, mas que vale a pena percorrer. As possibilidades dos textos literários, que não são só romances, mas também contos, crônicas, poemas entre outros, são muitas. No estudo que fiz, estabeleci relações com a Geografia, mas outras áreas poderiam ser acolhidas. A partir das categorias geográficas, foi possível uma reflexão das relações entre o homem e o espaço e, principalmente, perceber a força do lugar. O quando ele influencia nas relações e o quanto é definidor.

Que isomorfismo poderíamos querer encontrar em coisas tão díspares quanto a crítica literária e a geografia uma vez que a Literatura é criação artística e a Geografia é, ou pelo menos pretende ser construção científica? A noção de localização espacial configurada no “lugar” aparece como o denominador comum no princípio dessa possível aliança (MONTEIRO, 2002, p. 13).

Convém esclarecer, que o imaginário é quem impulsiona o leitor/ouvinte. Por isso, ele é um aliado do texto literário e do ensino. As descrições sejam da paisagem árida de “*Vidas Secas*” ou da habitação desordenada em “*O Cortiço*” permitem recriar imagens, e a partir destas dar um sentido para o texto. Por isso, quando ressalto a importância da Literatura estou também ressaltando a importância do imaginário na formação do aluno. “Nossos literatos não só têm dado testemunho como denunciado, de modo claro e às vezes bem enfático, a injustiça social de que nos revestimos” (MONTEIRO, 2002, p. 90).

A interdisciplinaridade é uma das maneiras de tornar a Literatura mais atraente, além de permitir a outras áreas do saber uma aprendizagem não fragmentada. Desta forma, defendi neste texto a importância da Literatura, como também a interdisciplinaridade através da relação estabelecida com a Geografia. Nesse sentido, penso que esse texto ofereceu alguma contribuição para a escola, principalmente para os professores de Literatura que vêem suas questões abordadas e colocadas no rol das discussões como também para a Geografia que tem a possibilidade de fazer da Literatura sua aliada no ensino. Pois, na visão de Monteiro,

A trama representa a condição humana. A sua comunicação, o seu “tomar vida”, requer, forçosamente, a projeção dessa trama num dado espaço-tempo, um “palco”-praticável concreto – em que qualquer trama “humana” está envolta nas malhas de diferentes espaços relacionais: social, político, econômico, cultural (MONTEIRO, 2002, p. 25).

A Escola necessita, mais do que nunca, considerando o mundo global em que estamos inseridos, formar cidadãos críticos, reflexivos e autônomos. Então se faz necessário, nós professores, pensar além de nossa disciplina, isto é, pensar mais no todo. Mas para isso, precisamos partir da nossa área. Valorizar aquilo que melhor entendemos, porém sem menosprezar o conhecimento mútuo, que nos faz refletir, superar e aprender.

Tenho a certeza de que o escrever nos faz pensar, e que esta é uma prática que permite que nossas ideias e opiniões sejam expostas, e que recebam outros olhares que venham a enriquecer a reflexão. Sendo assim, finalizo esta discussão, não com um ponto final, mas com reticências (...) para que ela ainda possa amadurecer, e então, se agreguem a ela as inquietudes advindas da caminhada.

Quando iniciei a escrita deste texto me apoiei em Marques (2006), para dizer o quanto o escrever é um processo complexo, pois exige determinação, mas também coragem de se expor. Contudo, ele nos modifica, e é assim que me sinto. “O escrevente busca no escrever a superação de seus problemas, de suas dificuldades e crises, num esforço de transcender a si mesmo na afirmação do próprio estilo” (MARQUES, 2006, p. 47). Deste modo, amparada nas palavras de Marques, reafirmo que a reflexão faz parte da vida do professor, e além de possibilitar por em discussão suas dificuldades e medos, permite que ele encontre meios de superação, como também aliados que o fazem perceber que não está sozinho.

REFERÊNCIAS

ALUÍSIO, Azevedo. **O Cortiço**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

ANDREIS, Adriana Maria. **Da informação ao conhecimento: cotidiano, lugar e paisagem na significação das aprendizagens geográficas na educação básica**. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do SUL, Ijuí: Unijui, 2009.

BACHHELARD, Gaston. **A poética do espaço**; tradução: Antonio de Pádua Dnesi. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAGLI, Priscila. Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. **Cidade e Campo**. Relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

BOSSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1986.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** – Brasília: MEC, 1996.

_____. Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Linguagem, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/Semtec, 2000.

_____. Ministério da Educação (MEC). **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – volume 2** – . Linguagem, Códigos e suas Tecnologias. Secretaria de Educação Básica. 135 p. Brasília, 2006.

CALLAI, Copetti Helena. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANI, Antonio Carlos (org). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2009, 7 ed. Cap 2. p 83- 134.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1967.

_____. **Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

CASTROGIOVANI, Antonio Carlos. **A formação do profissional de geografia**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

_____. O lugar e o ensino-aprendizagem da geografia. In: PEREIRA, Marcelo Garrido (org). **La espesura del lugar: Reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo**. Santiago de Chile: Universidade Academia de Humanismo Cristiano, 2009.

_____. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus, 2008.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais**. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **Teoria do texto**. Prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 2004.

D'AMBROSIO, Oscar. **Análise do livro de Aluísio Azevedo**. Especial para a página 3 – Pedagogia & Educação. Disponível em <<http://educacao.vol.com.br/portugues/cortico-azevedo.jhtm>> Acesso em: 16 de Out.2011.

DANTAS, José Maria de Souza. **Didática da literatura**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Introdução a arqueologia geral. Tradução: Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. **Cidade e Campo**. Relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

FABREGAT, Clemente Herrero. **Geografía y Educacion Sugerências Didácticas**. Madrid-Spaña: Huerga e Fierro Editores, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 30. Ed. São Paulo, Paz e terra, 2004.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Hans-georg Gadamer (1900); Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GATTI, Bernadete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian, PFAFF, Nicole. **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Ed. Imago Editora LTDA, Rio de Janeiro, 1976.

LLOSA, Mario Vargas. **A verdade das mentiras**. São Paulo: Arx, 2004.

LOPES, Alice Casimiro. **Os Parâmetros Nacionais para o Ensino Médio e a Submissão ao Mundo Produtivo**: o caso do conceito de contextualização. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 80, setembro/2002, p. 386-400. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 15 de jan. 2011.

MARQUES, Mario Osorio. **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. – 3. Ed. rev. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

_____. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 5ª ed. rev. - Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama**: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgar Assis Carvalho. – 3. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. **A cabeça bem feita**. Repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. – 8. Ed. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2003.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade**: conceitos e distinções. - 2. Ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2008.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SAMUEL, Roger (org). **Manual de teoria da literatura**. Rio de Janeiro. Vozes. 1984.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela Mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

_____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. Tradução de Mônica Stahel. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SILVA, Armando Corrêa da. **O espaço fora do lugar**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SILVA, Felipe Antonio Ferreira. **Uma análise sobre a relevância do espaço como personagem na obra “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo**. Revela: Periódico de divulgação científica da FALS. Ano IV – n VIII – JUN/2010 – ISSN 1982-646x. Disponível em <<http://www.fals.com.br>>. Acesso em: 27 Set. 2011.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da literatura**. Coimbra, Almedina, 1986.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. **Cidade e Campo**. Relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: DIFEL. São Paulo: DIFEL/ Difusão Editorial S.A, 1980.

VILAÇA, Alcides. **Imagem de Fabiano**. Instituto de estudos avançados da Universidade de São Paulo. Vol. 21 n.60. São Paulo, 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 04 de Out. 2011.